



HARLEQUIN
Desejo

LAÇOS DE AMOR

MAUREEN CHILD

EDIÇÃO: eBook

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

— **Eu vou querer um exame de DNA.**

— **É claro — disse ela. — O exame de sangue dos meninos já foi feito num laboratório local. Você pode enviar sua amostra para eles e requisitar o exame de comparação.**

— **Eu cuidarei disso amanhã.— O quê? — Ela meneou a cabeça, olhou-o e perguntou: — Você não pode esperar até que estejamos de volta a San Pedro?**

— Não, eu não vou esperar. Quero resolver esta questão o mais rapidamente possível. — Ele continuou a comer, como se o que eles estivessem discutindo não o afetasse nem um pouco. — Atracamos em Cabo pela manhã. Você e eu descemos em terra firme, encontramos um laboratório e pedimos que eles enviem os resultados dos exames para o laboratório em San Pedro.

— Nós vamos fazer isso? — Ela não havia planejado passar muito tempo com Nick, afinal de contas. Apenas subira a bordo para lhe contar sobre os gêmeos, e, francamente, pensara que ele não ia querer mais nada com ela depois disso. Contudo, ele a mudara para a sua suíte, e agora estava propondo que eles passassem ainda mais tempo juntos.

— Até que este assunto seja resolvido à minha satisfação — murmurou Nick suavemente —, eu não permitirei que você saia da minha vista. Não iremos nos separar nem por um minuto. Portanto, é melhor você começar a se acostumar com isso.

Querida leitora,

Há algo mais doce do que ver um homem forte completamente estupefato com um bebê? Assim como há algo de fantástico em um pai que encontra o filho pela primeira vez. É algo poderoso e tocante.

Em *Laços de amor*, Nick Falco faz exatamente isso: descobre que é pai e encontra seus filhos gêmeos pela primeira vez. Tudo muda para ele, e, por isso, tudo muda também para a mãe de seus bebês, Jenna Baker.

Espero que você goste de ler a história dos dois tanto quanto eu gostei de escrevê-la!

Boa leitura!

Maureen

Maureen Child

LAÇOS DE AMOR

Tradução
Ligia Chabú



2014

Capítulo 1

— *Ai!* — Jenna Baker saltou sobre seu pé direito e segurou nos dedos machucados do esquerdo. Dando um olhar furioso para a mesa baixa de sua cabine minúscula e claustrofóbica, amaldiçoou o homem que era o motivo daquele cruzeiro terrível.

Nick Falco.

A imagem dele surgiu em sua mente, e apenas por um segundo, Jenna apreciou o calor quase instantâneo que a percorreu. Mas o calor desapareceu um momento depois, sendo substituído por fúria.

Era melhor que se concentrasse *nesta* emoção em particular. Afinal de contas, diferentemente de todos os outros passageiros do navio *Falcon's Pride*, Jenna não tinha subido a bordo para se divertir. Estava ali por uma razão. Uma razão muito boa.

Enquanto seus dedos latejavam em compasso com as batidas de seu coração, Jenna cuidadosamente se apoiou sobre os dois pés, e deu os dois passos necessários para chegar ao armário. Já tinha pendurado suas roupas, e os poucos trajes que levava pareciam lotar o pequeno guarda-roupa. Pegando uma blusa amarela clarinha do cabide, ela carregou-a para o banheiro a um passo de distância.

Era do tamanho de um banheiro de avião, apenas continha um Box designado para pigmeus. Na verdade, a abertura da porta de correr era tão estreita que Jenna havia passado um braço ao redor dos seios ao sair do banho, com medo de arranhar seus mamilos.

— Muito bom, Nick — murmurou ela. — Quando você reformou seu velho barco e o transformou num navio, deveria ter pensado um

pouco mais naquelas pessoas que *não* moram na cobertura do dono, que fica no deque superior.

Mas disse a si mesma que aquilo era típico. Soubera como Nick era, mesmo antes de conhecê-lo naquela noite abafada de verão, mais de um ano atrás. Ele era um homem devotado a ver sua companhia marítima tornar-se a melhor do mundo. Fazia o que tinha de ser feito quando necessário. E não se desculpava por isso.

Jenna estivera trabalhando para ele quando o conhecera... como diretora dos cruzeiros em um dos outros navios da frota Falcon. Adorara o emprego, adorara a ideia de viajar, e, tolamente, tinha se apaixonado pelo chefe. Tudo por causa de um encontro romântico à luz do luar e do charme inegável de Nick.

Jenna soubera muito bem que seu chefe nunca se envolveria com uma funcionária. Então, quando o sexy e maravilhoso Nick Falco a abordara no Pavilion Deck, presumindo que ela fosse uma passageira, Jenna não o corrigira. Tinha consciência de que deveria ter feito isso, mas que mulher não teria se deixado levar por um maxilar esculpido, olhos azuis e grossos cabelos pretos que ataçavam os dedos de uma mulher?

Ela suspirou, apoiou as mãos nas laterais da pia minúscula e lembrou-se como tinha sido o primeiro momento que ele a tocara. *Mágico*. Pura e simplesmente. Sua pele havia esquentado, e seu coração batido tão freneticamente que fora difícil respirar. Ele a girara numa dança, ali, sob a luz das estrelas, com uma brisa havaiana os acariciando, e a música do deck abaixo flutuando no ar como um suspiro.

Uma dança virou duas, e a sensação daqueles braços fortes ao seu redor havia seduzido Jenna para uma mentira que voltara para assombrá-la menos de uma semana depois. Ela entrara de cabeça num caso. Um caso sexual tão intenso que abalara sua alma, enquanto despedaçava seu coração.

E quando, depois de uma semana vivenciando aquele caso, Nick descobrira por outra pessoa que ela trabalhava para ele, tinha terminado tudo, recusando-se a ouvi-la, e assim que eles haviam chegado de volta ao porto, ele a demitira.

A dor daquela... dispensa era tão fresca quanto no dia em que acontecera.

— Oh, Deus. O que estou fazendo aqui? — Jenna respirou fundo quando seu estômago começou a se revolver com o nervosismo que vinha se construindo em seu interior há meses. Se houvesse outra maneira de fazer aquilo, ela teria feito. Afinal de contas, não era como se estivesse ansiosa para reencontrar Nick.

Cerrando os dentes, ela ergueu o queixo, virou-se de modo brusco e bateu o cotovelo na maçaneta. Irritada, olhou para seu reflexo no pequeno espelho retangular e murmurou:

— Você está aqui porque esta é a coisa certa. A *única* opção. Ele não lhe deixou escolha.

Jenna precisava falar com Nick, e não era nada fácil conseguir acesso a ele. Uma vez que ele morava a bordo de seu navio de cruzeiros, ela não podia confrontá-lo em terra firme. E nas poucas vezes que Nick estava no porto em San Pedro, Califórnia, trancava-se num apartamento de cobertura com mais seguranças do que havia na Casa Branca. Como ela não conseguira lhe falar pessoalmente, tinha tentado telefonemas. E quando estes fracassaram, começara a lhe enviar e-mails. Pelo menos duas vezes por semana nos últimos seis meses, Jenna vinha lhe mandando e-mails que ele aparentemente deletava sem abrir. O homem estava sendo impossível, então Jenna finalmente fora forçada a pagar uma reserva no *Falcon's Pride*, e fazer um cruzeiro que não queria e que não tinha condições.

Ela não entrava num navio há mais de um ano, então, mesmo o menor balanço do navio fazia seus joelhos tremerem. Houve uma época na qual adorava estar num navio. Quando apreciava a aventura de um emprego que nunca era igual por dois dias consecutivos. Quando acordava todas as manhãs tendo uma nova vista pela janela de sua cabine.

— É claro — admitiu secamente —, isso quando eu *tinha* uma cabine com janela. — Agora estava na cabine mais barata que pudera encontrar, sem janela e com a sensação de estar trancada na barriga de uma fera. Era forçada a deixar a luz acesa o tempo todo,

caso contrário, a escuridão era tão completa que era como estar dentro de um vácuo.

A sensação era estranha e perturbadora.

Talvez se conseguisse dormir um pouco, ela se sentisse diferente. Mas fora despertada tarde da noite anterior pelo horrível ruído da corrente da âncora sendo erguida. Tinha soado como se o próprio navio estivesse sendo cortado ao meio por mãos gigantes, e uma vez que aquela imagem se plantara no seu cérebro, Jenna não tinha conseguido mais dormir.

— Tudo por causa de Nick — disse ela para a mulher no espelho, e ficou gratificada em vê-la assentir em concordância. — Sr. Bilionário, muito ocupado, muito importante para responder aos seus e-mails. — Ele até mesmo se lembraria dela? Olharia o nome do endereço de e-mail e se perguntaria quem era aquela? Jenna franziu o cenho, então meneou a cabeça. — Não. Ele não esqueceu. Sabe quem eu sou. Não está lendo os e-mails de propósito, somente para me enlouquecer. Ele não poderia ter se esquecido daquela semana.

Apesar da maneira que terminara, aquela semana com Nick Falco tinha virado a vida de Jenna de ponta-cabeça. Era simplesmente impossível que ela fosse a única a ser afetada tão fortemente.

— Então, em vez disso, ele está sendo o sr. Charmoso — murmurou ela. — Provavelmente seduzindo outra mulher tola, que, como eu, não vai notar, até que seja tarde demais, que Nick não é fantasia de *ninguém*.

Oh, Deus.

Aquilo era uma mentira.

Na verdade, pensou com um gemido interno, achava que ele *era* a fantasia de qualquer mulher. Alto, lindo, com grossos cabelos pretos, olhos azul-claros, e um sorriso que era tanto charmoso quanto malicioso, Nick Falco era o bastante para enlouquecer uma mulher de paixão *antes* mesmo que ela soubesse que tipo de amante ele era.

Jenna encostou a testa contra o espelho.

— Talvez esta não tenha sido uma boa ideia — sussurrou ao sentir certas partes de seu corpo vibrarem apenas com a força daquelas memórias.

Então fechou os olhos quando imagens mentais vívidas vieram à sua mente... noites com Nick, dançando no Pavilion Deck sob um céu estrelado. Um piquenique de madrugada, sozinhos na proa do navio, quando todos os outros dormiam. Jantando no terraço dele, bebendo champanhe, derramando algumas gotas, e Nick lambendo-as no vale entre seus seios. Deitada na cama dele, aconchegada em seus braços fortes, ouvindo sussurros que prometiam deleites tentadores.

O que significava o fato de que somente as lembranças de Nick ainda pudessem lhe despertar um tremor de desejo, mais de um ano depois? Jenna não achava que realmente quisesse uma resposta para esta pergunta. Não tinha ido para aquele navio por causa de luxúria ou por causa do que vivenciara com Nick um dia. Sexo não era parte da equação desta vez, e ela teria de encontrar uma maneira de lidar com seu passado enquanto lutava por seu futuro. Deliberadamente, reprimiu as imagens provocativas da cabeça em favor da realidade. Abrindo os olhos, olhou para o espelho e firmou-se para enfrentar a situação iminente.

O passado a levara ali, mas ela não tinha intenção de despertar antigas paixões.

Sua vida estava diferente agora. Não se encontrava à deriva, procurando aventuras. Era uma mulher com um propósito, e Nick iria ouvi-la, quisesse ou não.

— Ocupado demais para responder e-mails, não é? — murmurou Jenna. — Ele acha que se me ignorar o bastante, eu vou simplesmente desaparecer? Bem, então terá uma boa surpresa.

Ela escovou os dentes, aplicou uma maquiagem leve, e penteou seus longos cabelos lisos castanho-claros, antes de produzir uma única trança grossa e deixá-la cair no meio das costas. Saindo de lado pela porta do banheiro, andou até a cômoda abaixo de uma televisão presa no topo da parede. Pegou um shorts branco, vestiu-o, então enfiou as pontas da blusa amarela dentro do cós. Calçando um par de sandálias, apanhou sua bolsa e checkou os conteúdos, a fim de se certificar que o pequeno envelope selado ainda estava lá. Então dirigiu-se para a porta de sua cabine.

Jenna abriu a porta, saiu num corredor estreito e colidiu com um garçom de serviço de quarto.

— Desculpe.

— Culpa minha — insistiu o rapaz, levantando a bandeja que carregava o bastante para que Jenna pudesse abaixar-se para passar por ele. — Estes corredores velhos simplesmente não foram feitos para a circulação de muitas pessoas. — Olhou de um lado para o outro do curto corredor, então de volta para Jenna. — Mesmo com a reforma do navio, há seções que... — Ele parou, como se lembrando que era empregado da Linha Falcon, e não deveria estar depreciando o navio.

— Suponho que sim. — Jenna sorriu-lhe. Ele parecia ter cerca de 20 anos, e possuía um brilho de excitação nos olhos. Ela podia apostar que aquele era o primeiro cruzeiro do rapaz. — Então, você gosta de trabalhar nos Cruzeiros Falcon?

Ele abaixou a bandeja até o nível do peito, deu de ombros e disse:

— É meu primeiro dia, mas até agora, sim. Gosto muito. Mas... — Ele parou, olhou para trás no corredor parcamente iluminado, como se querendo se certificar de que ninguém pudesse ouvi-lo.

Jenna poderia tê-lo tranquilizado. Havia somente cinco cabines naquela parte baixa do navio, e apenas a sua e mais uma no fim do corredor estavam ocupadas.

— Mas? — incentivou ela.

— É um pouco sinistro aqui embaixo, não acha? Quero dizer, você pode ouvir a água batendo contra o casco do navio, e é tão... escuro.

Ela estivera pensando a mesma coisa apenas momentos atrás, entretanto disse:

— Bem, deve ser melhor do que as cabines da tripulação, certo? Quero dizer, eu costumava trabalhar em navios e ficávamos sempre no deck mais baixo.

— Não nós — replicou ele. — As cabines da tripulação ficam no deck acima deste.

— Fabuloso — murmurou Jenna, pensando que até mesmo as pessoas que *trabalhavam* para Nick conseguiam dormir melhor naquele cruzeiro do que ela.

A porta se abriu, e uma mulher de aproximadamente 40 anos, vestida num roupão, pôs a cabeça para fora e sorriu.

— Oh, graças a Deus — disse a loira mais velha. — Ouvi vozes aqui fora e tive medo que o navio fosse assombrado.

— Não, senhora. — O garçom assumiu uma postura de atenção, como se acabasse de se lembrar o que tinha ido fazer lá. Deu a Jenna um olhar esperançoso, claramente lhe pedindo que não o entregasse por estar ali conversando. — Eu trouxe café da manhã para dois, como requisitado.

— Ótimo — disse a loira, abrindo mais a porta. — É só que... — Ela parou. — Não tenho ideia aonde você vai colocar a bandeja. Ache um lugar, certo?

Enquanto o garçom desaparecia dentro da cabine, a loira estendeu uma mão para Jenna.

— Oi, eu sou Mary Curran. Meu marido, Joe, e eu estamos de férias.

— Jenna Baker — apresentou-se ela, apertando a mão da outra mulher. — Talvez nos encontremos nos decks superiores?

— Você não vai me ver muito aqui embaixo, isso eu garanto — admitiu Mary com um tremor, enquanto apertava mais a faixa de seu roupão azul atoalhado. — Muito assustador, mas o importante é que estamos num cruzeiro. Só temos de dormir aqui, afinal de contas, e pretendo fazer com que o dinheiro gasto nesta viagem valha a pena.

— Engraçado — disse Jenna com um sorriso. — Eu estava dizendo a mesma coisa para mim mesma.

Ela deixou Mary com seu café da manhã e se dirigiu para os elevadores que a levariam para fora da escuridão. Agarrou o envelope que mandaria entregar para Nick e se preparou para o dia que enfrentaria. O elevador entrou em movimento, e Jenna bateu um dos pés no chão enquanto subia para os níveis mais altos do navio. O que precisava agora era de um pouco de ar, muito café e algo para comer. Então, mais tarde, depois que Nick tivesse lido sua carta, ela estaria pronta. Pronta para encarar a fera. Para enfrentar o leão em sua toca. Para fitar os olhos azuis de Nick e exigir que ele fizesse a coisa certa.

— Ou — Jenna jurou quando as portas se abriram e ela saiu na luz do sol, inclinando o rosto para o céu —, eu o farei pagar.

* * *

— O SISTEMA de som para o palco no Calypso Deck está produzindo alguns ruídos, mas os técnicos garantiram consertar antes da hora do show.

— Ótimo. — Nick Falco recostou-se em sua cadeira de couro marrom, e cruzou as mãos sobre a barriga, enquanto sua assistente, Teresa Hogan, fazia seu relatório do dia. Era somente fim da manhã e, juntos, eles já tinham lidado com meia dúzia de problemas. — Eu não quero grandes problemas — disse ele. — Sei que este é um cruzeiro de estreia para testar os sistemas mecânicos do navio, portanto promocional, mas não quero que nossos passageiros se sintam como cobaias.

— Eles não se sentirão. O navio está bonito, e você sabe disso — murmurou Teresa com um sorriso confiante. Temos algumas pequenas falhas, mas nada que não possamos resolver. Se houvesse um problema real, nós nunca teríamos saído do porto ontem à noite.

— Eu sei — disse ele, olhando para as ondas brancas dançando sobre a superfície do oceano. — Apenas se certifique de que estejamos um passo à frente de qualquer uma destas pequenas falhas.

— Eu não faço isso sempre?

— Sim — respondeu Nick, assentindo em aprovação. — Você faz.

Teresa estava beirando os 60 anos, tinha cabelos escuros e curtos, olhos verdes inteligentes e as habilidades organizacionais de um general. Ela não aceitava erros de ninguém, incluindo Nick, e possuía lealdade e tenacidade. Estava com Nick há oito anos... desde que o marido tinha morrido e ela fora procurar um emprego que lhe proporcionasse aventura.

Ela conseguira isso. E também se tornara o braço direito confiável de Nick.

— O chef principal no Paradise Deck está reclamando sobre os novos vikings — Teresa estava dizendo, manuseando os papéis

atados à sua prancheta inseparável.

Nick bufou.

— Os fogões mais caros do planeta, e há algo errado com eles?

Ela deu um pequeno sorriso.

— Segundo chef Michele, o forno não é quente o bastante.

Nem um dia inteiro no mar, e ele já estava recebendo críticas de artistas temperamentais.

— Diga-lhe que, contanto que o forno esquente, ele deve fazer o que estou lhe pagando para fazer.

— Isso já foi feito.

Uma das sobrancelhas de Nick se arqueou.

— Então por que está me contando isso?

— Você é o chefe.

— Gentileza sua se lembrar disso ocasionalmente — disse ele e inclinou-se para frente, rolando a cadeira para mais perto da mesa, onde uma pequena montanha de correspondência pessoal esperava por sua atenção.

Ignorando a ironia, Teresa checou seus papéis novamente e falou:

— O capitão diz que a previsão do tempo é excelente, e estamos indo para Cabo a toda velocidade. Deveremos chegar lá amanhã por volta das 10h da manhã.

— Isso é bom. — Nick pegou o primeiro envelope sobre a pilha na sua frente. Preguiçosamente, bateu a ponta deste na mesa enquanto Teresa falava. E enquanto ela listava os problemas, reclamações e mais reclamações, Nick olhou ao redor de seu escritório. Ali no Splendor Deck, apenas um abaixo da ponte, a vista era espetacular. Motivo pelo qual quisera tanto seu escritório quanto sua luxuosa suíte naquele deck. Tinha insistido em muitos vidros. Gostava da grande expansão do mar por toda volta, o que lhe dava uma sensação de liberdade, mesmo enquanto estava trabalhando.

Havia poltronas confortáveis, mesas baixas e um bar totalmente estocado do outro lado da sala. Os poucos quadros pendurados nas paredes azul-escuras eram bastante coloridos, e o brilho do piso de madeira sob a luz do sol era apenas levemente diminuído pelos vidros escuros.

Aquela era a viagem de estreia do navio sob o nome Falcon. Nick o comprara de um concorrente que estava saindo dos negócios, e, durante os últimos seis meses, ele o reformara completamente para ser a rainha de sua própria companhia marítima. *Falcon's Pride*, ele o chamara... que significava "O orgulho de Falcon"... e até agora o navio estava fazendo jus ao nome.

Nick recebera relatórios de seus empregados sobre as reações dos passageiros no momento que eles tinham entrado a bordo no dia anterior em Los Angeles, no porto de San Pedro. Embora a maioria dos hóspedes a bordo fosse jovem e querendo diversão, até mesmo eles haviam ficado impressionados com a decoração luxuosa no navio.

Nick tinha comprado seu primeiro navio dez anos atrás, e rapidamente transformado a Linha Falcon na companhia marítima com os cruzeiros mais divertidos do mundo. *Falcon's Pride* iria enfatizar esta reputação. Seus passageiros queriam divertimento. Excitação. Uma festa com duração de duas semanas. E ele iria lhes proporcionar isso.

Havia contratado os melhores chefs, as melhores bandas e os melhores shows. Seus funcionários eram jovens e atraentes... o que o fez lembrar-se de uma ex-funcionária em particular. Uma mulher que mexera profundamente com ele até a noite em que Nick descobrira suas mentiras. Nunca mais a vira ou falara com ela desde então, mas era muito mais cuidadoso sobre com quem se envolvia.

— Você está me ouvindo?

Nick reprimiu os pensamentos, levemente irritado por ainda estar pensando em Jenna Baker depois de mais de um ano desde que a vira pela última vez. Ele olhou para Teresa e ofereceu-lhe um sorriso charmoso.

— Suponho que não. Por que não cuidamos do resto dos negócios depois do almoço?

— Claro — disse ela, e consultou seu relógio de pulso. — Tenho uma hora marcada no Verandah Deck. Um dos diretores do cruzeiro está com um problema no aparelho de karaoke.

— Certo. Cuide disso. — Nick voltou sua atenção para a pilha de correspondência sobre sua mesa e suspirou. Era sempre a mesma

coisa. Em todos os cruzeiros, ele recebia diversos convites de passageiras, para que jantasse com elas ou as encontrasse para tomar um drinque à luz do luar.

— Oh — murmurou Teresa, estendendo-lhe um envelope azul-claro. — Um dos comissários me entregou isto no meu caminho para cá. — Ela sorriu. — Mais uma moça solitária procurando por companhia? Parece que você ainda é o amante favorito do mundo.

Nick sabia que ela o estava provocando... como sempre... entretanto, desta vez as palavras de Teresa o haviam afetado. Movendo-se desconfortavelmente em sua cadeira, ele pensou sobre aquilo, tentando entender por quê. Não era um monge, Deus sabia. E, ao longo dos anos, tinha aceitado muitos convites de mulheres que não esperavam mais do que um bom divertimento e sexo impessoal.

Mas ultimamente não conseguia se interessar nem pelos convites de uma única noite. Os cartões e cartas estavam sobre sua mesa desde cedo daquela manhã, e ele nem se incomodara em abri-los. Sabia o que encontraria quando começasse a abri-los.

Calcinhas. Chaves de cabines. Fotos sensuais destinadas a tentá-lo.

E nenhum dos itens significava nada para Nick.

O que isso dizia sobre ele? Rindo silenciosamente de si mesmo, Nick reconheceu que não queria saber. Talvez estivesse trabalhando muito nos últimos tempos. Talvez o que precisasse era exatamente do que aquelas moças estavam oferecendo. Olharia os convites, escolheria o mais intrigante, e passaria algumas horas de relaxamento com uma mulher disposta.

Teresa ainda estava lhe estendendo o envelope, e havia uma expressão confusa nos olhos dela. Nick não queria perguntas, portanto pegou o envelope e deslizou o dedo sobre a aba. Deliberadamente dando-lhe um sorriso e uma piscadela, disse:

— Você acha que é fácil ser o sonho de milhões de pessoas?

Agora Teresa bufou, e, meneando a cabeça, murmurou alguma coisa sobre homens iludidos e saiu da sala.

Quando ela se foi, Nick recostou-se e olhou pensativamente para a carta em sua mão. Envelope azul-claro, letra bonita. Pequeno demais

para conter uma calcinha de renda. Muito fino para conter diversas fotografias provocantes. O tamanho exato para um cartão chave de uma cabine.

— Bem — murmurou ele suavemente —, vamos ver quem você é. Espero que tenha incluído uma foto sua. Eu não gosto de encontro às cegas.

Rindo, Nick puxou o cartão do envelope e olhou. Havia uma fotografia, certo. A risada morreu instantaneamente enquanto ele olhava para a foto de dois bebês com cabelos pretos e olhos azul-claros.

— Que diabo é isso? — Mesmo enquanto seu cérebro trabalhava freneticamente, e seu coração disparava no peito, ele leu a mensagem abaixo da foto:

— Parabéns, papai. São gêmeos.

Capítulo 2

ELA não estava pronta para sair do sol.

Jenna pôs sua xícara de café sobre a mesa com tampo de vidro, virou o rosto para o céu e deixou o sol quente do fim da manhã despejar sua benção sobre ela. Apesar do fato de que havia pessoas ao seu redor, rindo, conversando, mergulhando na piscina, ela se sentia sozinha. E realmente não estava pronta para voltar à sua cabine.

Mas tinha enviado seu bilhete para Nick. E Ihe dissera onde encontrá-la. Naquela cabine ridiculamente minúscula. Então era melhor estar lá antes que ele chegasse. Com um suspiro, ela se levantou, pendurou sua bolsa no ombro, e começou a atravessar o Verandah Deck.

Alguém tocou seu braço e Jenna parou.

— Já está indo embora? — Mary Curran Ihe sorria, e Jenna retribuiu o sorriso.

— Sim. Preciso voltar à minha cabine. Eu... vou encontrar alguém lá. — Pelo menos, tinha quase certeza que Nick apareceria. Mas e se ele não fosse? E se não se importasse com o fato de que era pai de seus dois filhos gêmeos? E se descartasse sua carta com a mesma facilidade com que havia deletado todos os seus e-mails?

Um nó se formou na boca do estômago de Jenna. Bem, eles estavam num navio no meio do oceano. Nick não poderia escapar. Ela iria encontrá-lo finalmente, e dizer o que tinha a dizer.

— Oh, querida. — Mary fez uma careta e estremeceu de modo dramático. — Você realmente quer ter uma conversa naquele

buraco?

Jenna riu.

— Buraco?

— Foi assim que meu marido, Joe, o batizou no meio da noite, quando quase quebrou a perna, tentando chegar ao banheiro.

Sorrindo, Jenna murmurou:

— Acho que o nome é apropriado. Mas, sim, preciso fazer isso lá. É uma conversa muito privada para acontecer aqui.

Os olhos de Mary eram calorosos quando fitaram Jenna.

— Bem, então vá fazer o que precisa. Talvez eu a veja por aqui mais tarde?

Jenna assentiu. Sabia como passageiros de cruzeiros tendiam a se unir. Vira muito isso na época que trabalhava para Cruzeiros Falcon. Amizades eram formadas rapidamente. Pessoas que permaneciam presas num navio no meio do mar tendiam a se conhecerem com mais rapidez do que se estivessem em terra firme.

Romances aconteciam em navios, claro... era só olhar o que acontecera a ela. Porém, mais frequentemente, eram outros tipos de relacionamentos que floresciam naquele ambiente. E naquele momento, decidiu Jenna, uma pessoa amigável poderia ser algo positivo.

— Com certeza — replicou ela, sorrindo amplamente para Mary. — Que tal margueritas no Calypso Deck? Por volta das 5h?

Encantada, Mary sorriu.

— Eu estarei lá.

Enquanto andava em direção ao elevador, Jenna disse a si mesma que depois da conversa iminente com Nick, ela provavelmente iria *precisar* de uma ou duas margueritas.

NICK SE levantou tão rapidamente que sua cadeira inclinou para trás, as rodinhas girando contra o piso de madeira, até que o espaldar bateu contra a parede de vidro atrás dele.

— Isto é uma *brincadeira*?

Nick segurou o cartão azul-claro em uma mão e olhou para os dois rostinhos. Os bebês eram idênticos, exceto por suas expressões. Um olhava para a câmera e sorria, mostrando muita gengiva e uma

covinha profunda. O outro parecia estar observando o fotógrafo com um olhar sério, quase pensativo, no rosto.

E os dois se pareciam muito com *ele*.

Gêmeos?

Num instante, diversos tipos de emoções o percorreram. Raiva, frustração, confusão, e raiva novamente. Como podia ser pai? Ninguém que conhecia tinha engravidado. Isso não podia estar acontecendo. Ele olhou para o escritório vazio, como se esperasse que alguém aparecesse do nada e lhe dissesse que aquilo era apenas uma brincadeira.

Mas nada aconteceu. Não era uma brincadeira.

Bem, esta não era a primeira vez que uma mulher tentava abordá-lo com a alegação de que ele seria pai. Mas com certeza, era a primeira vez que alguém usava um método tão criativo para fazer isso.

— Mas quem? — Nick pegou o envelope, contudo, apenas seu nome estava escrito numa letra feminina. Virando o cartão que ainda segurava, viu mais daquela letra:

Nós precisamos conversar. Vá à cabine 2A no Riviera Deck.

— Riviera Deck. — Embora detestasse admitir, ele não sabia ao certo qual era aquele deck. Tinha muitos navios em sua linha marítima, e esta era sua primeira vez naquele em particular. Apesar de pretender fazer de *Falcon's Pride* seu lar, ainda não tivera tempo de explorar o navio inteiro, como fazia com todos os navios que carregavam seu nome.

Assim, Nick atravessou a sala para os quadros emoldurados na parede que continham as plantas detalhadas dos navios. Havia um quadro para cada navio de sua linha. Ele gostava de vê-los, de saber que possuía familiaridade com cada centímetro de todos os seus navios. Gostava de saber que tinha sucesso na criação de um sonho que começara dez anos antes.

Mas, no momento, não estava pensando em sua linha de cruzeiros ou em nada que se referisse a negócios. Agora, tudo que queria era encontrar a mulher que lhe enviara aquele cartão, de modo que pudesse assegurar-se de que aquilo era algum engano.

Estreitando seus olhos azul-claros, deslizou um dedo ao longo dos decks até achar aquele que estava procurando. Então franziu o cenho. De acordo com o mapa, Riviera Deck ficava *abaixo* das cabines da tripulação.

— O que está acontecendo? — Enfiando o cartão com as fotos dos bebês no bolso de sua camisa branca de mangas curtas, ele virou-se em direção à porta e gritou: — *Teresa!*

A porta se abriu alguns segundos depois e sua assistente entrou, os olhos arregalados de susto.

— Meu Deus, o que houve? Estamos tendo um incêndio ou algo assim?

Nick ignorou a tentativa de humor. Apontando um dedo para o mapa do navio coberto por vidro, disse:

— Olhe isto.

Teresa atravessou a sala, olhou para o quadro, então para seu chefe.

— Para o que eu estou olhando exatamente?

— Isto. — Ele bateu o dedo contra o deck mais baixo no diagrama. — O Riviera Deck.

— E?

— Há pessoas hospedadas lá embaixo.

— *Oh.*

Satisfeito que ela entendera rapidamente, Nick acrescentou:

— Quando a restauração do navio foi finalizada, e *Falcon's Pride* estava pronto para passageiros, falei especificamente que aquelas cabines mais baixas não deveriam ser usadas.

— Sim, você falou, chefe. — Teresa pegou seu computador portátil e digitou algumas teclas. — Vou fazer uma checagem. Descobrir o que aconteceu.

— Faça isso — disse ele, furioso que alguém, em algum lugar, não lhe dera ouvidos. — Por enquanto descubra quantas cabines daquelas estão ocupadas.

— Certo.

Enquanto Teresa trabalhava no pequeno dispositivo eletrônico, Nick meneou a cabeça. Aquelas cabines baixas eram muito velhas e muito pequenas para serem usadas em um de seus navios. Claro,

elas haviam sido melhoradas na reforma, mas tê-las e usá-las eram duas coisas diferentes. Aquelas cabines, pequenas e escuras não eram o tipo de imagem que Nick queria associar com sua linha de cruzeiros marítimos.

— Chefe? — Teresa o olhou. — Segundo o registro, somente duas das cinco cabines estão sendo usadas.

— Pelo menos isso. Quem está lá embaixo?

— A cabine 1A está ocupada por Joe e Mary Curran.

Ele não conhecia ninguém de nome Curran, e ademais, o cartão viera da pessoa que ocupava a outra cabine naquele deck.

Então Nick esperou.

— Na 2A está... — A voz de Teresa falhou, e Nick observou sua assistente normalmente composta mordiscar o lábio.

Aquele não era um bom sinal.

— O que foi? — Quando ela não respondeu imediatamente, ele exigiu saber: — Fale de uma vez quem está na outra cabine.

— Jenna. — Teresa respondeu e suspirou. — Jenna Baker está na 2A, Nick.

NICK CHEGOU ao Riviera Deck em tempo recorde, já tendo decidido fechar aquele deck permanentemente.

Saindo do elevador, ele bateu a cabeça em uma viga baixa e praguejou. Os rangidos e gemidos do grande navio ecoavam através da passagem estreita, parecendo fantasmas uivando. O barulho da água contra o casco era perturbadoramente alto, e estava tão escuro no pequeno corredor que mesmo a luz nos candeeiros de parede mal conseguia penetrar a negritude. E o corredor em si era tão estreito que ele praticamente tinha de atravessá-lo de lado. Era verdade que devia proporcionar cabines mais baratas, mas Nick lidaria com este aspecto de outra maneira. Não queria seus passageiros piscando contra o sol, como morcegos, ao saírem de um cruzeiro.

Com a cabeça latejando e o corpo tenso de nervosismo, ele parou diante da porta 2A, respirou fundo e ergueu o punho direito para bater. Antes que fizesse isso, a porta estreita foi aberta e lá estava ela.

Jenna Baker.

Ela não deveria ainda ter a capacidade de afetá-lo. Ele a tivera, afinal de contas. Tivera-a e a deixara mais de um ano atrás. Então por que foi subitamente golpeado por aqueles olhos azuis-turquesa? Por que aquela boca firme e sensual o atraía a ponto de querer beijá-la até que os lábios dela se rendessem e lhe permitissem a entrada? Por que o fato de que ela parecia furiosa fazia seu sangue ferver nas veias? Que motivo *Jenna* tinha para estar furiosa?

— Eu o ouvi no corredor — disse ela.

— Bom ouvido — disse ele. — Considerando todos os outros barulhos aqui embaixo.

Um sorriso tenso curvou os lábios dela.

— Sim, é adorável morar na barriga da fera. Quando eles levantam a âncora é como uma sinfonia.

Nick não havia considerado isso, mas apostava que o barulho era horrível. Mais uma razão para trancar aqueles quartos e nunca mais usá-los. Todavia, aquilo era para outra hora. Agora, queria respostas.

— É por isso que você está aqui então? — perguntou ele. — Para falar sobre o navio?

— Você sabe por que estou aqui.

Ele ergueu uma das mãos sobre a moldura da porta e inclinou-se na direção dela.

— Eu sei o que você gostaria que eu pensasse. A questão é, por quê? Por que agora? Do que está atrás, Jenna?

— Eu não vou conversar sobre isso no corredor.

— Tudo bem. — Nick entrou, passou por ela, mas o espaço era tão apertado que os peitos deles se roçaram, e ele quase pôde sentir sua pele ferver.

Tinha sido assim desde o começo. No momento que ele a tocara naquela primeira noite ao luar, sentira como se alguma coisa estivesse se derretendo em seu interior. E parecia que o tempo não havia apagado aquela sensação.

Nick controlou seus hormônios, deu dois passos até a lateral de uma cama construída para uma criança, então se virou para olhá-la. Deus, a cabine era tão pequena que as paredes pareciam estar se

fechando sobre ele. Todas as luzes estavam acesas e ainda parecia crepúsculo.

Mas Nick não estava lá pelo ambiente, e não havia nada que pudesse fazer sobre as acomodações naquele momento. Agora, tudo que queria era uma explicação. Esperou que Jenna fechasse a porta, trancando os dois naquela caixa de biscoitos antes que ele falasse:

— Qual é o jogo desta vez, Jenna?

— Isto não é um jogo, Nick — replicou ela, cruzando os braços sobre o peito. — Não era um jogo na época também.

— Certo. — Ele riu e tentou não respirar fundo. O aroma dela já penetrara seus sentidos, o tamanho do quarto tornando-o ainda mais ciente do cheiro delicioso. — Você não *quis* mentir para mim. Não teve escolha.

Jenna suspirou.

— Realmente temos de discutir isso de novo?

Nick considerou a pergunta por um momento, então meneou a cabeça. Não queria olhar para o passado. Ora, não queria estar ali *agora*.

— Não, não temos. Então, por que você não fala logo o que tem a dizer, de modo que acabemos com isso?

— Sempre charmoso — zombou ela.

Ele mudou o peso de um pé para o outro e bateu o cotovelo na parede.

— Jenna...

— Tudo bem. Recebeu meu bilhete?

Nick puxou o cartão do bolso de sua camisa, olhou para as fotos dos bebês, então, entregou-o para ela.

— Sim, recebi. Como você explica isso?

Jenna olhou para os dois pequenos rostinhos, e Nick viu os lábios dela se curvarem num sorriso. Mas o momento passou rapidamente, quando ela ergueu os olhos e o encarou.

— Pensei que a palavra *papai* fosse autoexplicativa.

— Explique, de qualquer forma.

— Certo. — Jenna atravessou o minúsculo quarto, bateu o quadril em Nick, levando-o de encontro à parede, então se abaixou para

arrastar uma mala de baixo da cama. O fato de que podia *sentir* o olhar dele em seu traseiro enquanto fazia aquilo apenas a irritou.

Ela não prestaria atenção à onda de calor que a envolvia com a proximidade de Nick. Certamente não reconheceria as batidas frenéticas de seu coração, e se outras partes do seu corpo estavam quentes e formigando, ela não ia admitir isso também.

Começou a levantar a mala do chão, mas Nick adiantou-se, afastando-lhe as mãos e colocando a mala sobre a cama. Se ela tremera interiormente com o toque, ele não precisava saber, certo?

Jenna abriu o zíper, removeu um álbum de couro azul e estendeu-lhe.

— Aqui. Dê uma olhada. Depois conversaremos mais.

O álbum de recortes parecia pequeno nas mãos grandes e bronzeadas de Nick. Ele olhou para ela.

— De que se trata isto?

— Olhe, Nick.

Ele olhou. O momento pelo qual Jenna tanto esperara estendeu-se, enquanto os segundos passavam. Ela prendeu a respiração e observou-o, vendo as expressões de Nick mudando conforme ele folheava as páginas de fotos que ela montara especialmente para aquele momento. Era como uma narração de fatos em ordem cronológica. De sua vida desde que perdera o emprego, havia descoberto que estava grávida, e então o nascimento dos gêmeos. Em 21 páginas decoradas manualmente, ela lhe contava sobre o último ano e meio de sua vida.

Da vida de seus filhos. Dos filhos que ele fizera e nunca conhecera.

A única razão pela qual ela estava ali, visitando um homem que despedaçara seu coração, sem olhar para trás.

Quando Nick terminou, ergueu olhos frios para ela.

— Eu devo acreditar que sou o pai destes bebês?

— Dê mais uma olhada neles, Nick. São iguaisinhos a você.

Ele olhou, mas suas feições permaneceram cínicas e os olhos desprovidos de emoção.

— Muitas pessoas têm cabelos pretos e olhos azuis.

— Nem todas têm covinhas na face esquerda. — Ela virou numa página específica e apontou. — Os seus dois filhos têm. Idênticas às suas.

Nick deslizou um dedo sobre a fotografia dos meninos, como se pudesse, de alguma maneira, tocá-los, e este pequeno gesto tocou o coração de Jenna. Por um breve instante, Nick Falco pareceu quase... vulnerável.

Todavia, isso não durou. Ele mordeu o lábio como se estivesse tentando reprimir palavras que lutavam para sair. Finalmente, como se chegasse a uma decisão interna, Nick assentiu com um suspiro e disse:

— Devido ao bom argumento, vamos supor que eles sejam meus.

— Eles são seus.

— Então, por que você não me contou isso antes? Por que esperou até que eles estivessem com...

— Quatro meses.

Ele olhou para as fotos novamente, fechou o álbum e segurou-o com firmeza.

— Quatro meses e você não achou que eu deveria saber?

— Você é impressionante. Ignorou-me por meses, e agora está aborrecido porque não o contatei?

— Do que você está falando?

Jenna meneou a cabeça, e silenciosamente agradeceu aos céus por ter sido esperta o bastante, não apenas por guardar um registro de todos os e-mails que lhe enviara, mas também imprimi-los e levá-los naquela viagem. Enfiando a mão no fundo da mala, removeu um envelope grosso e colocou-o sobre o álbum que ele ainda estava segurando.

— Aí estão. E-mails. Todos que eu lhe enviei. Estão datados. Pode ver que mandei no mínimo um por semana. Algumas vezes, dois. Venho tentando contatá-lo por mais de um ano, Nick.

Ele abriu o envelope enquanto ela falava, folheando rapidamente as páginas impressas.

— Eu... — Nick franziu o cenho para a pilha de papéis.

Jenna se aproveitou do silêncio momentâneo.

— Tenho tentado contatá-lo desde que descobri que estava grávida, Nick.

— Como eu ia saber que era *isso* que você estava tentando me dizer?

— Você poderia ter lido um ou dois e-mails — apontou Jenna, e conseguiu esconder a mágoa na voz.

As feições dele endureceram.

— Como eu poderia ter adivinhado que você estava tentando me dizer que eu era pai? Pensei que estivesse atrás de dinheiro.

Ela respirou fundo quando o insulto a golpeou. Furiosa, Jenna teve de lutar muito contra a vontade de esbofeteá-lo. Que típico de Nick pensar que toda mulher que se aproximava dele fazia isso pelo que poderia arrancar-lhe. Mas então, ele tinha passado a maior parte dos últimos dez anos cercado-se de pessoas interesseiras. Mulheres que queriam ser vistas ao seu lado, porque ele era um dos bilionários mais elegíveis do mundo. Pessoas que queriam fazer parte de seu círculo social para se sentirem importantes, porque era lá que a excitação estava.

Tudo que Jenna quisera na ocasião tinha sido ter os braços dele ao seu redor. Seus beijos. Seus sussurros no meio da noite. Naturalmente, Nick não acreditara nela.

Agora as coisas estavam diferentes. Ele possuía responsabilidades que ela estava lá para cobrar. Afinal de contas, não tinha ido para aquele navio por sua causa, e sim por causa de seus filhos. Dos filhos *dele*.

— Eu não estava interessada no seu dinheiro naquela época, Nick. Mas as coisas mudaram, e agora, *estou* atrás de dinheiro — declarou Jenna, e viu raiva surgir nos olhos gelados. — Chama-se pensão alimentícia, Nick. E seus filhos merecem isso.

Ele a olhou.

— Pensão alimentícia.

— Isso mesmo. — Ela ergueu o queixo. — Se eu tivesse de pensar apenas em mim, não estaria aqui, acredite. Então, não se preocupe, não estou aqui para me aproveitar de você. Não estou atrás de uma grande soma da conta bancária Falco.

— Verdade?

— Verdade. Eu comecei meu próprio negócio, e está indo bem — disse Jenna de modo orgulhoso. — Mas gêmeos têm despesas duplas e não consigo sustentá-los sozinha. — Erguendo os olhos para encontrar os dele, acrescentou: — Como você nunca respondeu aos meus e-mails, eu disse a mim mesma que não merecia conhecer seus bebês. E se eu não estivesse me sentindo um pouco desesperada, não estaria aqui agora. Acredite, se acha que gosto de estar aqui nestas condições, está louco.

— Então, você os esconderia de mim? — A voz de Nick era baixa, suave, e um pouco perigosa.

Jenna não estava com medo. Nick podia ser arrogante e egoísta, mas não era fisicamente perigoso para nenhuma mulher.

— Eu esconderia de meus filhos o fato de que o pai não se importa nem um pouco com eles. Sim, é exatamente o que farei.

— Se os gêmeos são meus filhos, ninguém me manterá longe deles.

Jenna foi tomada por um pequeno desconforto, mas disse a si mesma para não reagir. Ameaças físicas não significavam nada, mas o pensamento de Nick ameaçando-a em relação à custódia dos filhos, sim. Mas então, reprimiu a ideia. Bebês não faziam parte do mundo de Nick, e independentemente do que ele dissesse no momento, nunca desistiria do estilo de vida que tinha para um que incluísse a tarefa dupla de trocar fraldas.

— Nick, ambos sabemos que você não tem interesse em ser pai.

— Você não sabe nada sobre meus interesses, Jenna. — Ele se aproximou, dando o pequeno passo que fechava a distância entre os dois. Jenna não estava preparada para o movimento, e arfou quando o peito largo pressionou-se no seu.

Ela fitou-lhe os olhos e sentiu os joelhos tremerem com a intensidade do olhar dele. Nick segurou-lhe o rosto em uma mão, uma mão tão quente que espalhou calor pelo corpo inteiro de Jenna.

— Todavia, eu lhe prometo — murmurou ele, inclinando a cabeça, como se fosse beijá-la, e parando a poucos centímetros de seus lábios — que você vai descobrir.

Capítulo 3

JENNA abaixou a cabeça e empurrou-lhe a mão, mesmo que *aquela* contato lhe causasse uma sensação deliciosa. Nick deu um passo atrás e se afastou, o que, naquela cabine, significava que estava praticamente contra a porta de saída. Então, concluindo que poderia olhá-la sem querer entrelaçar as mãos naqueles cabelos e tomar-lhe a boca na sua, voltou a encará-la.

— Eu não tenho tempo para resolver isto agora.

Jenna cruzou os braços sobre o peito numa clássica postura defensiva.

— Oh, claro, mundos para conquistar, mulheres para seduzir. Ocupado, ocupado.

— Inteligente como sempre, posso ver. — Nick não queria admitir nem para si mesmo o quanto sentira falta daquela língua afiada de Jenna. Sempre retrucando, colocando-o em seu devido lugar, diminuindo-lhe o ego antes que este tivesse a chance de se expandir.

Não havia muitas pessoas como Jenna em sua vida. A maioria das pessoas que ele conhecia estava muito ocupada em bajulá-lo para discutir com ele. Todos, exceto Teresa, é claro. E Jenna. Contudo, ela não fazia mais parte de sua vida.

— Nós jantaremos esta noite. Na minha suíte.

— Acho que não.

— Você veio aqui para conversar comigo, certo?

— Sim, mas...

— Então iremos conversar. Às 7h.

Antes que ela pudesse discutir ou discordar, Nick abriu a porta e saiu da cabine. Respirou profundamente no corredor escuro, então se dirigiu ao elevador que o tiraria das entranhas do navio e o levaria de volta para a luz.

POR VOLTA das 5h da tarde, Jenna estava mais do que pronta para tomar algumas margueritas com Mary.

Ela deixara sua cabine abafada e sufocante apenas minutos depois que Nick tinha saído. Francamente, a presença dele fora praticamente imprimida no minúsculo espaço, fazendo a cabine parecer ainda menor do que era. O que não havia parecido possível, em sua opinião.

Mas Nick a abalara mais do que Jenna pensara que aconteceria. Apenas a proximidade dele lhe despertara sentimentos e emoções que ela teimara em ignorar mais de um ano atrás. Agora tais emoções estavam de volta, e Jenna não sabia como lidar com elas. Afinal de contas, não tivera muita experiência com esse tipo de coisa. Antes de Nick, só houvera outro homem em sua vida, que não a afetara nem de perto da maneira que Nick a afetara. É claro, desde Nick, os únicos homens em sua vida preferiam babar no seu ombro a dançar romanticamente no escuro.

Só o fato de pensar em seus garotinhos causou um aperto no coração de Jenna. Ela nunca os deixara antes, e, apesar de saber que os gêmeos estavam em boas mãos, detestava não estar com eles.

— Mas eu estou neste navio para o bem dos meninos — lembrou-se com firmeza.

Com tal pensamento em mente, olhou para o interior do Captain Jack's Bar and Lounge. Como em todos os outros lugares daquele navio, Nick não tinha sido mesquinho. As paredes de madeira clara brilhavam na luz que vinha de candelabros altos em formato de lemes. O bar era uma curva elegante de madeira clara, com o topo de granito da cor de mel derretido.

Conversas fluíam num murmurinho constante, pontuadas pelo ocasional tinir de cristais ou por risadas suaves. Primeiro dia no mar, e a festa já havia começado.

Bem, para todos, exceto para Jenna. Ela não estava exatamente no humor de comemorar, depois que Nick saíra de sua cabine.

Na verdade, havia passado a maior parte do dia deitada numa espreguiçadeira no Verandah Deck, tentando se perder no livro que escolhera na loja de presentes. Mas não conseguia se concentrar nas palavras tempo bastante para fazer progresso. De tempos em tempos, seus pensamentos tinham retornado para Nick. O rosto dele. Os olhos azuis. O semblante de rejeição no primeiro momento que olhara para as fotos dos filhos.

Ela não sabia o que aconteceria a seguir, e a preocupação sobre isso a consumira o dia inteiro. Motivo pelo qual decidiu não desmarcar as margueritas com Mary. Jenna tinha passado muitas horas sozinha naquele dia, com tempo demais para pensar. O que precisava agora era de alguma distração. Um drinque à base de tequila para relaxar parecia perfeito. Especialmente considerando sua ansiedade em relação ao jantar com Nick mais tarde.

— Oh, Deus — sussurrou ao sentir uma angústia no peito novamente.

— Jenna!

A voz de uma mulher a chamou, e Jenna virou-se naquela direção. Viu Mary, parada perto de uma das mesas ao longo da parede, acenando e sorrindo-lhe. Grata, Jenna trilhou seu caminho entre as mesas repletas de gente. Quando chegou à mesa, sentou-se numa cadeira e sorriu para a marguerita que já a aguardava.

— Espero que não se importe. Pedi o drinque para você assim que cheguei aqui — disse Mary, dando um gole no seu próprio drinque tamanho gigante.

— Importar-me? — murmurou Jenna, pegando o copo gelado. — Está brincando? Isto é fabuloso. — Após tomar um longo gole de seu drinque, ela recostou-se e olhou para sua nova amiga.

Mary estava praticamente saltando da cadeira, os olhos brilhando com excitação. Seus cabelos loiros pareciam desalinhados pelo vento, e a pele estava rosada, como se ela tivesse tomado muito sol hoje.

— Procurei você pelo navio inteiro — disse Mary, sorrindo como uma tola. — Eu precisava vê-la. Descobrir onde eles a colocaram.

Jenna piscou e balançou a cabeça.

— Como assim, me colocaram? *Quem* me colocou onde?

Mary estendeu um braço e pegou a mão de Jenna para um rápido aperto.

— Oh, meu Deus. Você não voltou para o buraco o dia inteiro, voltou?

— De jeito nenhum — replicou Jenna com um suspiro. — Depois de meu encontro, subi e permaneci no Verandah Deck, adiando o momento de voltar para lá.

— Então você não sabe.

— Sei o quê? — Jenna estava começando a pensar que talvez Mary tivesse tomado margueritas demais. — Sobre o que você está falando?

— Da coisa mais incrível. Mal posso acreditar, e eu vi. — Ela bateu uma das mãos sobre sua blusa azul e gemeu como se estivesse no meio de um orgasmo.

— Mary... o que está acontecendo?

— Certo, certo. — A loira pegou seu drinque, deu um grande gole, e disse: — Aconteceu logo no começo desta tarde. Joe e eu estávamos no Promenade Deck, olhando todas as lojas. Bem, eu estava olhando, Joe estava sendo arrastado por mim com relutância — admitiu ela. — E quando nós saímos de Crystal Candle... uma loja que você deveria ver, eles têm coisas fantásticas lá...

Jenna imaginou se havia uma maneira de fazer Mary seguir um único raciocínio tempo bastante para lhe contar o que estava acontecendo. Mas provavelmente não, então ela deu um gole no seu drinque e se preparou para esperar. Não precisou esperar muito.

— Quando saímos — Mary estava dizendo —, havia um comissário de bordo esperando por nós. Ele falou: “Sr. e sra. Curran?” de um jeito tão oficial que por um momento me perguntei o que tínhamos feito de errado, mas então Joe indagou: “Do que se trata?” , e o comissário pediu que nós o seguissemos.

— Mary...

Sua nova amiga sorriu.

— Eu estou chegando lá. Sério. É porque isso tudo é tão incrível... certo. — Ela acenou uma mão no ar para informar Jenna que iria

continuar a história, então murmurou: — O comissário nos levou para a suíte do dono... você sabe, Nick Falco.

— Sim — respondeu Jenna. — Eu sei quem ele é.

— Quem não o conhece, pelo menos nos países onde se fala inglês? — disse Mary com uma risada, então continuou: — Estávamos parados lá, no meio de uma suíte que parece um palácio, e Nick Falco em pessoa chega para se apresentar para nós, e *pede desculpas* sobre a cabine no buraco.

— O quê? — Jenna apenas olhou para a outra mulher, incerta do que fazer com aquela informação.

— Eu sei! Eu fiquei completamente pasma. Fiquei quase sem fala, e Joe pode lhe dizer que isso quase nunca acontece. — Mary parou para dar mais um gole no drinque, e quando terminou, ergueu uma mão para a garçonete, indicando que queria outro. — Então, lá estávamos nós, e o sr. Falco sendo tão gentil e tão sincero sobre como se sente mal sobre as cabines do Riviera Deck... e *insistindo* em nos transferir para uma acomodação melhor.

— Transferir?

— Sim, transferir — confirmou Mary enquanto agradecia à garçonete pela nova marguerita. Esperou até que a moça desaparecesse com o copo vazio, antes de continuar: — Então, eu estava feliz, porque aquela cabine minúscula é tão ridícula. Esperei uma cabine de tamanho médio, talvez com uma janela, o que seria *ótimo*. Mas não foi isso que recebemos.

— Não foi? — Jenna pôs seu copo sobre a mesa e observou os olhos de Mary brilhando ainda mais.

— Oh, não. O sr. Falco disse que a maioria das cabines estava ocupada, motivo pelo qual fomos parar naquelas minúsculas, para começar. Então ele nos mudou para uma *suíte de luxo!*

— Verdade?

— Fica no Splendor Deck. O mesmo piso que o próprio sr. Falco mora. E Jenna, nossa suíte é incrível! É maior do que minha *casa*. Além disso, nosso cruzeiro inteiro será por conta dele, que quer nos reembolsar o valor que pagamos por aquela cabine ridícula, e insiste que não paguemos *nada* nesta viagem.

— Uau. — Nick sempre tivera muito orgulho de manter seus passageiros felizes, mas aquilo era... bem, para usar a palavra de Mary, *incrível*. Passageiros geralmente esperavam por uma conta que podia chegar a diversas centenas de dólares no final de um cruzeiro. Oh, comida e acomodação estavam inclusas quando você alugava a cabine. Mas despesas extras podiam ser muito altas se você não prestasse atenção.

Fazendo aquilo, Nick tinha dado a Mary e ao marido uma experiência num cruzeiro que a maioria das pessoas nunca teria. Talvez ele tivesse mais coração do que ela um dia acreditara.

— Ele é tão gentil — Mary estava dizendo enquanto mexia o gelo de seu drinque com o canudo. — De alguma maneira, pensei que um homem tão rico e famoso fosse... não sei, esnobe. Mas ele não é. Tem muita consideração e gentileza, e não posso acreditar que isto tudo está realmente acontecendo.

— Isso é maravilhoso, Mary — disse Jenna com sinceridade. — Mesmo tendo ela e Nick seus problemas, ela podia admirá-lo e respeitá-lo pelo que ele havia feito por aquelas pessoas.

— Espero muito que sua nova cabine seja em algum lugar perto da nossa, Jenna. Talvez você deva procurar um comissário de bordo, descobrir para onde eles irão mudá-la.

— Oh — Jenna meneou a cabeça —, eu não acho que vou mudar de cabine. Não podia imaginar Nick lhe fazendo nenhum favor. Não com a hostilidade que acontecera entre os dois apenas algumas horas atrás. E, embora estivesse feliz por Mary e o marido, não gostara de ser a única residente no deck mais baixo do navio. Agora o lugar não seria apenas pequeno e escuro, mas também solitário e assustador.

— É claro que vai — discordou Mary. — Eles não nos mudariam *sem* mudar você. Isso não faria o menor sentido.

Jenna apenas sorriu. Não ia contar a Mary sobre sua história passada com Nick naquele momento. Então, não havia nada que pudesse dizer para sua nova amiga, além de:

— Descobrirei quando eu descer para trocar de roupa. Tenho um jantar com alguém em — ela consultou o relógio —, aproximadamente uma hora e meia. Então vamos tomar nossos

drinques, e você pode me contar tudo sobre sua nova suíte antes que eu tenha de ir embora.

Mary franziu o cenho, então deu de ombros.

— Certo, mas se você não for transferida, vou ficar realmente chateada.

— Não fique. — Jenna sorriu e, para distraí-la, perguntou: — Vocês têm um terraço?

— Dois! — Mary sorriu como uma criança na manhã de Natal e disse: — Joe e eu vamos jantar num deles esta noite. Ao ar livre, sob as estrelas... hmm. Hora de um pouco de romance, agora que saímos do buraco!

Romance.

Enquanto Mary falava sobre os planos que tinha feito com o marido para uma noite de sedução, Jenna sorria. Desejava o melhor para sua amiga, contudo, sua experiência ao tentar romance lhe trouxera consequências amargas. Não, não queria saber de romance. Tudo que queria agora era a promessa de que Nick faria a coisa certa, e que lhe permitiria criar seus filhos da maneira que ela quisesse.

SUA CABINE estava trancada.

— O que... — Jenna deslizou o cartão-chave dentro do compartimento, tirou-o novamente e... nada. A luz vermelha na fechadura ainda piscava, provocando-a. Ela sabia que não ia adiantar, mas mesmo assim, girou a maçaneta com força antes de sacudi-la, como se, de algum modo, pudesse convencer a maldita porta a se abrir.

Mas nada aconteceu.

Jenna olhou para trás, vendo a cabine dos Curran, mas nenhuma ajuda viria de lá. O casal feliz estava confortavelmente instalado em seu palácio flutuante.

— O que é ótimo para *eles* — murmurou Jenna. — Mas e quanto a *mim*?

Desistindo, ela virou-se, encostou-se contra sua porta fechada, e olhou para os dois lados do corredor escuro. Aquilo era fantástico.

Sozinha no buraco. Ninguém a quem pudesse pedir ajuda. Ela teria de subir de novo e achar um telefone.

— Perfeito. Simplesmente perfeito. — Sua cabeça estava meio zozna das margueritas, e seu estômago se revolvendo de nervosismo pelo jantar iminente com Nick, e agora nem mesmo podia tomar um banho e trocar de roupa. — Que maravilha.

Jenna apertou o botão do elevador, e quando a porta se abriu instantaneamente, ela entrou. A música de fundo era uma horrível versão orquestrada de “Stairway to Heaven”, que não conseguiu acalmá-la.

Jenna saiu no Promenade Deck e foi imediatamente engolida pela multidão de passageiros passeando ao redor das lojas. A área do saguão era em vidro e madeira, com uma claraboia instalada no teto convexo que mostrava um céu de verão azul, salpicado com nuvens brancas e fofas.

Mas ela não estava numa missão exatamente turística. Foi em direção aonde um dos empregados de Nick se encontrava posicionado para ajudar passageiros que queriam respostas às suas perguntas. O homem de camisa vermelha e calça branca, usando um crachá onde se lia Jeff, deu a Jenna um sorriso de boas-vindas e perguntou:

— Em que posso ajudá-la?

Ela tentou não descontar sua frustração nele. Afinal de contas, o homem estava tentando ajudar.

— Oi, eu sou Jenna Baker, e estou na cabine 2A no Riviera Deck e...

— Jenna Baker? — interrompeu ele rapidamente, franzindo o cenho de leve, então checando uma prancheta sobre a mesa à sua frente.

— Sim — disse ela, tentando chamar a atenção dele de volta. — Acabo de vir de minha cabine, e meu cartão-chave não funciona, então...

— Sra. Baker — disse ele, a atitude mudando de amigável para totalmente profissional. — Há uma anotação aqui, pedindo que a senhora seja escoltada ao Splendor Deck.

Onde ficava a nova cabine de Mary. Então Nick a tinha transferido também? Apesar de inesperado, aquilo era um alívio. Uma suíte seria muito mais confortável do que o closet no qual estava.

Mas...

— Todas as minhas coisas ainda estão na minha cabine, então realmente preciso ir lá, arrumar a mala e...

— Não, senhora — interrompeu Jeff, sorrindo novamente. — Sua mala já foi arrumada e transferida pelo staff. Se apenas pegar aquele elevador — ele fez uma pausa para apontar em direção a um banco de elevadores oposto a eles — para o Splendor Deck, será recebida e conduzida para sua nova cabine.

Estranho. Ela não sabia como se sentia sobre alguém mexendo nas suas coisas pessoais, mas se isso significava que poderia tomar um banho, trocar de roupa e aprontar-se para encontrar Nick, então aceitaria.

— Certo. Hmm... obrigada.

— Foi um prazer, sra. Baker. Espero que aprecie sua estada nos Cruzeiros Falcon.

— Hã-hã. — Ela acenou distraidamente e dirigiu-se aos elevadores. Não havia muita chance de apreciar o cruzeiro quando estava lá para batalhar com o rei da companhia marítima. Não, o máximo que podia esperar era sair do buraco e ir para uma cabine melhor, como cortesia do sr. Nick Falco.

Quando o elevador parou no Splendor Deck, Jenna saiu num corredor largo e lidamente acarpetado. O teto era de vidro, aberto ao céu, mas escuro o bastante para proteger as pessoas do sol direto. As paredes eram pintadas de um tom vibrante, creme, e enfeitadas com quadros de ilhas tropicais, navios e até mesmo cenas simples do mar com suas ondas brancas, que pareciam tão reais que você tinha a impressão de que molharia os dedos se as tocasse.

O que Jenna não viu foi alguém para informá-la que direção tomar, uma vez chegando lá. Mas quase antes de o pensamento se formar em sua mente, ela ouviu o som de passos apressados. Virou-se e escondeu sua surpresa ao reconhecer Teresa Hogan, a assistente de Nick.

— Jenna. Prazer em vê-la — disse a mulher mais velha, andando na sua direção com passos determinados. O sorriso parecia sincero, e os olhos verdes inteligentes eram calorosos quando ela estendeu a mão num cumprimento amigável. Jenna ficou feliz em estender a sua.

— Prazer em vê-la, também, Teresa. — Elas tinham se conhecido durante aquela semana mágica com Nick mais de um ano atrás. Normalmente, como diretora de um dos cruzeiros, Jenna nunca teria entrado em contato com a mão direita do grande chefe. Mas como a mulher que teria um caso com Nick, Jenna conhecera Teresa quase imediatamente.

Teresa tinha sido bastante amigável, até que a verdade sobre Jenna ser uma das funcionárias de Nick aparecera. Então, a fria e eficiente Teresa havia desenhado uma linha na areia, metaforicamente falando. Escolheu defender Nick e se certificar de que Jenna nunca mais tivesse a chance de se aproximar dele.

Na época, aquilo deixara Jenna furiosa, mas agora podia entender este tipo de lealdade. E até apreciá-la de certa forma.

— Como vai? — Jenna sorriu ao perguntar, determinada a manter o tom de voz amigável que Teresa começara.

— Ocupada. — A mulher mais velha deu de ombros. — Você conhece o chefe. Ele nos mantém ocupados.

— Sim — concordou Jenna. — Ele sempre nos manteve ocupadas.

Um longo momento desconfortável se passou antes que Teresa dissesse:

— Então, você sabe que as cabines no Riviera Deck foram fechadas.

— É por isso que estou aqui — disse Jenna, dando uma olhada para os dois lados do corredor vazio. — Eu vi Mary Curran mais cedo, que me contou que ela e o marido tinham sido transferidos. Então fui à minha cabine e não consegui entrar. Jeff me enviou para cá.

— Ótimo. — Teresa assentiu e nem um fio de seus cabelos escuros e curtos saiu do lugar com o movimento. Ela apontou atrás de Jenna para o fim do corredor largo. — A suíte dos Curran é por

ali. Agora, se você me acompanhar, eu e levarei para sua nova cabine. Podemos conversar enquanto andamos.

Elas seguiram para o lado oposto dos Curran. Andando em direção à proa do grande navio, Jenna olhou casualmente para as obras de arte no caminho, e tentou entender o que estava acontecendo. Ser escoltada pela assistente do dono parecia incomum. Um comissário de bordo não deveria ter sido encarregado de levá-la às suas novas acomodações? Mas isso importava? Jenna esforçou-se para acompanhar os passos de Teresa, que parecia estar sempre acelerada.

— Você não imagina — disse Teresa por sobre o ombros —, como Nick ficou apavorado ao descobrir que as cabines do deck mais abaixo tinham sido alugadas.

— Apavorado, não? — Jenna fez uma careta. Claramente Teresa ainda era fiel ao chefe. — Então por que ele as alugou?

Teresa diminuiu um pouco o ritmo da caminhada.

— Foi um engano. As cabines baixas deveriam ter sido fechadas antes de deixarmos o porto para esta viagem de estreia. A pessoa responsável por ir contra as ordens do chefe foi repreendida.

— Repreendida? Ou simplesmente demitida sem referências? — perguntou Jenna numa voz baixa.

Teresa parou subitamente e Jenna quase colidiu com ela.

— Nick não demite pessoas indiscriminadamente, e você sabe disso. — Teresa ergueu o queixo enquanto defendia seu chefe. — *Você* mentiu para ele. Por isso foi demitida, Jenna.

Ela enrubesceu. Sim, mentira. Não pretendia, mas era isso que tinha acontecido. E uma vez que a mentira começara, ela não conseguira encontrar um jeito de sair da situação. Entretanto, ele poderia ter lhe ouvido depois que a verdade havia sido revelada.

— Ele poderia ter me deixado explicar — argumentou Jenna, e encontrou os olhos verdes com firmeza.

Apenas por um instante as feições duras de Teresa se suavizaram um pouco. Ela meneou a cabeça e suspirou.

— Ouça, Nick não é perfeito...

— Uma admissão e tanto vindo de você.

Teresa sorriu.

— Verdade. Eu o defendo. Faço o que posso para ajudá-lo. Nick é um ótimo chefe. E tem sido bom para mim. Não estou dizendo que a maneira que ele lidou com a situação de vocês foi certa...

Jenna a deteve, erguendo ambas as mãos.

— Sabe de uma coisa? Esqueça isso. Faz mais de um ano. É passado. E qualquer coisa que Nick e eu tivemos acabou.

Teresa inclinou a cabeça para um dos lados e estudou-a pensativamente.

— Você realmente pensa assim?

— acredite em mim — disse Jenna, recomeçando a andar. — Nick me esqueceu *completamente*.

— Se você diz. — Teresa parou diante de um conjunto de portas duplas. Gesticulando uma mão para as portas com um floreado, murmurou: — Aqui estamos. Sua nova acomodação. Espero que goste.

— Tenho certeza que será maravilhosa. Muito melhor do que Riviera Deck de qualquer forma.

— Oh, não há a menor dúvida quanto a isso — concordou Teresa com um sorriso. — Entre agora. Suas roupas já foram penduradas. Tenho certeza de que eu a verei novamente.

— Certo. — Jenna permaneceu parada no corredor, observando Teresa partir. Havia alguma coisa acontecendo ali, pensou, apenas não sabia o que era ainda.

Então ela olhou para seu relógio, viu que tinha menos de uma hora para se aprontar a fim de jantar com Nick, e abriu a porta com o cartão-chave que Teresa lhe dera.

Entrou, respirou fundo e quase desmaiou.

O cômodo era incrível... enorme, espaçoso... com paredes de vidro que mostravam a vista de um oceano que se estendia infinitamente e de um céu azul salpicado de nuvens brancas.

Pisos de madeira clara tinham um brilho dourado, e os móveis espalhados no ambiente pareciam projetados para o conforto. Havia uma lareira em uma parede, um bar de canto, e o que parecia obras de arte inestimáveis decorando as paredes. Havia vasos preenchidos com arranjos gloriosos de flores frescas, que perfumavam o ar, até que ela se sentiu como se estivesse andando num jardim.

— Esta não pode ser a minha cabine — sussurrou Jenna, balançando a cabeça de um lado para o outro, enquanto tentava absorver tudo de uma vez. — Tudo bem, ser transferida para uma suíte. Mas esta é o Taj Mahal das suítes. Isso só pode ser um engano.

— Não é um engano — disse Nick, entrando ali e dando-lhe um sorriso que mesmo do outro lado da sala era tentador o bastante para fazê-la arfar. — Esta é a minha suíte, e é onde você vai ficar.

Capítulo 4

— Você não pode estar falando sério. — Jenna deu um passo instintivo para trás, mas não podia ir a lugar algum, a menos que se virasse, abrisse a porta e saísse para o longo corredor.

— Muito sério — respondeu ele e andou na sua direção como um homem com todo o tempo do mundo.

Nick usava uma camisa azul-marinho, aberta no colarinho, com as mangas enroladas até os cotovelos. A calça preta era impecável, e os sapatos, também pretos, brilhavam. Mas eram os olhos dele que a prendiam. Aqueles olhos azul-claros fixos nos seus, como se Nick pudesse ler sua alma. Como se estivesse procurando todos os seus segredos e não desistisse de sua busca até conhecê-los.

— Nick, esta é uma péssima ideia — disse ela, e silenciosamente se parabenizou por manter o tom de voz neutro.

— Por quê? — Ele abriu as duas mãos e deu de ombros. — Você veio para o meu navio. Diz que sou o pai de seus filhos e insiste que precisamos conversar. Então agora está aqui. Podemos conversar.

Conversar. Sim.

Num palácio flutuante que parecia projetado para sedução. Encontrar Nick em sua cabine minúscula não tinha sido exatamente fácil, mas pelo menos lá embaixo, não houvera distrações. Nenhuma opulência. Nenhuma sobrecarga sensorial de beleza.

Aquela era uma péssima ideia. Jenna sabia disso. Sentia isso. E não tinha a menor ideia de como sair da situação.

— Nós não deveríamos ficar juntos — disse ela finalmente e estremeceu, porque, até para seus próprios ouvidos, soava como

uma bibliotecária meticulosa.

— Ficaremos na mesma cabine. Não juntos. Existe uma diferença.
— Nick estava tão perto agora que se ele estendesse o braço a tocaria.

Se ele fizesse isso, ela estaria perdida, e sabia disso.

— Qual é o problema, Jenna? — perguntou ele. — Não confia em si mesma para ficar sozinha comigo?

— Oh, por favor. — Ela forçou uma risada que esperou desesperadamente soasse convincente. — Você pode ser menos prepotente por um minuto aqui?

Nick deu-lhe um sorriso lento que aprofundou sua covinha na face esquerda, e adquiriu um brilho malicioso nos olhos. A boca de Jenna secou.

— Não sou eu quem está tendo problemas.

Ele precisava ter um cheiro tão bom?

— Sem problemas — disse ela, erguendo o queixo e se forçando a encará-lo. — Acredite quando eu lhe digo que tudo que quero de você é o que seus filhos merecem.

Com aquelas palavras, o sorriso no rosto de Nick desapareceu. Ele era pai? Aqueles garotinhos gêmeos eram seus? Precisava saber. E para isso, necessitava de algum tempo com Jenna. Precisava conversar com ela, descobrir o que ela queria, tomar uma decisão sobre o que fazer a partir disso.

Engraçado, estivera esperando a tarde inteira para apreciar o olhar incrédulo no rosto de Jenna quando entrasse em sua suíte e descobrisse que ficaria hospedada com ele. Uma vingança por ela ter sido responsável por sua expressão ao ver, pela primeira vez, a foto dos bebês que ela alegava serem seus. Mas não tinha apreciado tanto o momento quanto imaginara. Porque havia outras considerações. Maiores considerações.

Seus filhos. O peito de Nick se contraiu e uma angústia começava a se tornar quase familiar. Incontáveis vezes durante o dia, ele olhara para as fotografias dos bebês que ainda carregava no bolso da camisa. Incontáveis vezes, perguntara a si mesmo se era realmente possível que fosse o pai.

E, apesar de não estar preparado para aceitar a palavra de Jenna sobre sua paternidade, tinha de admitir que era pouco provável que ela tivesse ido àquele cruzeiro de seu navio se isso não fosse verdade. Não que achasse que Jenna tivesse escrúpulos em relação à mentira... tinha mentido para ele da primeira vez que o conheceu, afinal de contas... mas *esta* mentira era muito facilmente descoberta.

Então Nick estava disposto a aceitar a possibilidade. E para onde isso o levava exatamente? *Esta* era a pergunta que vinha martelando na sua cabeça durante a tarde inteira, e não estava mais perto da resposta agora do que estivera mais cedo.

Ele a olhou de cima a baixo e pôde admitir, pelo menos para si mesmo, que Jenna estava muito bonita. Seus cabelos castanho-claros estavam um pouco desalinados pelo vento, alguns fios escapando da trança para lhe emoldurar o rosto. Os olhos eram vívidos e brilhavam com desconfiança, e, estranhamente, isso não fazia nada para diminuir a atração que ele sentia enquanto respirava um ar que carregava o aroma de Jenna para dentro de seus pulmões.

— Eu ficarei aqui, mas não vou dormir com você — anunciou ela subitamente.

Nick meneou a cabeça e sorriu.

— Não se gabe. Eu disse que ficaríamos na minha suíte, não na minha cama. Por acaso, há mais três quartos aqui além do meu. Suas coisas foram desempacotadas em um deles.

Ela franziu a testa e o rubor do rosto clareou um pouquinho.

— Oh.

— Desapontada? — perguntou Nick, sentindo alguma emoção quente e impulsiva percorrê-lo.

— Por favor — replicou Jenna sem demora. — Você não é exatamente irresistível, Nick.

Ele arqueou as sobrancelhas, mas, uma vez que não acreditava nela realmente, não persistiu no assunto.

— Na verdade, estou grata por estar fora daquele buraco no fundo do navio — acrescentou ela, olhando ao redor da suíte, antes de

voltar a encará-lo. — E se ficar aqui é o preço que tenho de pagar por sua atenção, então eu pagarei.

Uma sobranceira escura se arqueou.

— Quanta coragem da sua parte aguentar condições tão horríveis como estas.

— Ouça — começou Jenna —, se você não se importa, foi um longo dia. Então, que tal se me dissesse onde é o meu quarto, de modo que eu possa tomar um banho. Depois conversaremos.

— Tudo bem. Por ali. — Nick virou-se, apontou e disse: — No fim daquele corredor. Primeira porta à esquerda.

— Obrigada.

— Meu quarto é no fim do corredor, à direita.

Jenna parou, olhou para trás e disse:

— Eu me lembrarei.

— Faça isso — sussurrou ele enquanto ela saía da sala, os ombros eretos, o queixo erguido, os passos longos e lentos, como se estivesse marchando para a morte.

O olhar de Nick baixou para a curva de traseiro dela, e alguma coisa em seu interior ganhou vida. Alguma coisa que não sentia desde a última vez que vira Jenna. Algo que acreditara ter superado há muito tempo.

Ele ainda a desejava.

Girando, Nick atravessou a sala e dirigiu-se para as janelas que mostravam uma vista inspiradora do mar. Mirando o horizonte, lutou para controlar a onda de desejo crescendo em seu interior.

Jenna Baker.

Ela o virara do avesso mais de um ano atrás. Desde então, Nick vinha sendo perseguido por memórias do tempo dos dois juntos, até que não tivesse mais certeza se suas lembranças eram reais ou apenas imagens oferecidas por uma mente que parecia incapaz de se libertar da mulher que tinha mentido para ele. E Nick não era um homem que esquecia uma coisa como esta. Agora ela estava de volta. Ali, presa no seu navio no meio do oceano, sem possibilidade de escapar dele.

Sim, eles precisavam conversar sobre muitas coisas... e se aqueles bebês fossem realmente seus filhos, então havia muitas decisões a

serem tomadas. Mas enquanto enfiava ambas as mãos nos bolsos da calça e sorria levemente para a luz do sol brilhando no vasto oceano, disse a si mesmo que haveria tempo suficiente para que a tivesse de novo.

Para senti-la sob seu peso. Para reivindicar-lhe o corpo mais uma vez. Para levá-la à loucura. Então, quando estivesse satisfeito o bastante para tirá-la da cabeça, ele a libertaria, e Jenna estaria fora de sua vida para sempre. Nick nem mesmo permitiria que ela fosse uma memória desta vez.

DENTRO DO Neptune's Garden, o elegante restaurante no Splendor Deck, Jenna observou quando Nick olhou ao redor do salão.

Como dono do navio, não era esperado que ele se misturasse com os passageiros, mas Nick era um executivo como nenhum outro. Não apenas se misturava, como parecia se divertir. E de braço dado com ele, Jenna se sentia como uma rainha movendo-se através de uma multidão adorável.

Repetidas vezes, enquanto eles andavam em direção à mesa, Nick parava para conversar com pessoas sentadas a mesas cobertas por toalhas brancas de linho. Certificando-se de que todos estavam apreciando o navio, perguntando se havia algo que precisavam, se existia alguma coisa que a tripulação pudesse fazer para tornar a estada deles mais prazerosa.

É claro que as mulheres solteiras a bordo estavam mais do que ansiosas para conhecerem o rico, lindo e elegível Nick Falco. E o fato de que Jenna estava no braço dele não as dissuadia de flertar abertamente.

— É um lindo navio, sr. Falco — uma mulher falou com um suspiro enquanto apertava a mão dele. Ela jogou os cabelos pretos sobre o ombro e umedeceu os lábios.

— Obrigado — disse ele, sorrindo para ela e para as outras duas mulheres sentadas à mesa. — Fico feliz que estejam se divertindo. Se precisarem de alguma coisa, por favor, não hesitem em falar com um comissário de bordo.

— Oh, nós falaremos — replicou a morena. — Prometo.

Jenna teve de se conter para não fazer uma careta. As três mulheres olhavam para Nick como se ele fosse o primeiro bife depois de uma dieta de folhas de espinafre e fatias de limão.

Quando ele se virou para conduzi-la através do espaço lotado, Jenna jurou que podia sentir o olhar mortal daquelas mulheres em suas costas.

— Bem, isso foi deselegante — murmurou ela.

— Deselegante?

— O jeito que ela praticamente babou em você.

— Ah — murmurou Nick, dando-lhe um sorriso rápido enquanto abria a mão direita... a mão que a morena tinha apertado e se demorado no contato. Um cartão-chave de cabine descansava no centro da palma de Nick, e o número P230 estava escrito em tinta sobre o topo. — Então suponho que isso é ainda mais deselegante.

— Oh, pelo amor de Deus — exclamou Jenna, querendo voltar e agredir verbalmente a morena sem classe. — Eu estava *com* você. Ela não sabia se eu era sua namorada.

Os olhos azul-claros brilharam, e o sorriso de Nick se ampliou o bastante para mostrar a covinha na face esquerda.

— Com ciúme?

Ela tentou libertar a mão do encaixe no braço dele, mas Nick a segurou com firmeza.

— Não, não com ciúme — disse ela. — Apenas irritada.

— Com ela? Ou comigo?

— Com os dois. — Jenna inclinou a cabeça para olhá-lo. — Por que você não devolveu a chave para ela?

Ele pareceu genuinamente surpreso pela sugestão.

— Por que eu a embarçaria na frente das amigas?

Jenna bufou, indelicadamente.

— Acho que é quase impossível embarçar uma mulher como *aquela*.

— Isso realmente a perturba.

Sempre perturbara, pensou ela. Logo que fora trabalhar para a linha de Cruzeiros Falcon, tinha ouvido todos os tipos de história. Sobre como, em cada cruzeiro havia uma fila de mulheres para ocupar um lugar na cama de Nick. Ele era um jogador, sem dúvida.

Mas, por alguma razão, Jenna tinha se permitido ser envolvida na magia do momento. De alguma forma, se convencera de que o que os dois compartilhavam era diferente do que ele encontrava em incontáveis outras mulheres.

Aparentemente, estivera errada sobre algumas coisas.

— Uma pergunta — disse ela, mantendo o tom de voz baixo de modo que ninguém que passasse pudesse ouvi-la.

— Tudo bem.

— Você está planejando usar esta chave?

Ele apenas a olhou por um momento, então, suspirando, parou um garçom, entregou-lhe o cartão-chave, e sussurrou alguma coisa que Jenna não conseguiu ouvir. Depois se voltou para ela.

— Isso responde sua pergunta?

— Depende — replicou Jenna. — O que você disse a ele?

— Para devolver o cartão para a morena com meus agradecimentos e minha recusa.

Jenna foi envolvida por uma onda calorosa, e mesmo sabendo que aquilo era tolice, não conseguiu dissipar a sensação.

— Obrigada.

Nick inclinou a cabeça numa leve reverência irônica.

— Descobri que há somente uma mulher com quem estou interessado em conversar no momento.

— Nick...

— Aqui estamos — interrompeu ele, ajudando-a a se sentar à mesa que reservara. — Jenna, vamos jantar e começar a ter aquela conversa que você quer.

Jenna acomodou-se e observou-o sentar-se ao seu lado.

— Tudo bem, Nick. Mas antes, deixe-me lhe perguntar uma coisa.

— O quê?

— Todas as pessoas com quem falou enquanto entrávamos no restaurante... todas as mulheres com quem flertou... — Ela o olhou e meneou a cabeça. — Você não mudou nem um pouco, mudou?

As feições de Nick se tornaram tensas enquanto ele a fitava, e na luz tremulante de uma única vela no centro da mesa, os olhos azuis pareciam um pouco perigosos.

— Oh, eu mudei bastante — murmurou ele suavemente, e o tom da voz gelou a pele de Jenna. — Hoje em dia sou muito mais cuidadoso com quem passo meu tempo. Não acredito mais na palavra de uma mulher quando ela me diz quem é. Agora, eu mando investigá-la. Não quero me deparar com outra mentirosa, afinal de contas.

Jenna se sentiu enrubescer, e ficou grata pela iluminação fraca do restaurante. Unindo as mãos sobre o colo, olhou para a toalha de linho branca cobrindo a mesa e disse:

— Certo, vou repetir isso mais uma vez. Eu não planejei mentir na época, Nick.

— Então simplesmente aconteceu?

— Bem — murmurou ela, erguendo o olhar para ele com relutância —, sim.

— Certo. — Nick assentiu, deu um sorriso forçado e acrescentou: — Você não conseguiu encontrar um jeito de falar que trabalhava para mim, então me deixou pensando que era uma passageira.

Jenna tinha se deixado envolver pela noite enluarada e o homem mais maravilhoso que já vira na vida.

— Eu nunca disse que era passageira. Você presumiu isso.

— E você não fez nada para me corrigir.

Verdade. Tudo verdade. Se ela tivesse dito a verdade, então a semana dos dois juntos nunca teria acontecido. Jenna nunca teria descoberto como era estar nos braços dele. Jamais teria imaginado algum tipo de futuro entre eles. Nunca teria engravidado. E nunca teria dado à luz dois garotinhos sem os quais não poderia se imaginar vivendo.

Por causa dos seus filhos, era difícil se sentir culpada pelo que havia feito.

— Nick, não vamos remoer o passado, tudo bem? Eu pedi desculpas na época. Não posso mudar nada. E sabe, você também não agiu exatamente como príncipe encantado na ocasião.

— Está me culpando?

— Você nem mesmo falou comigo — Jenna o lembrou. — Descobriu a verdade e fechou as portas para mim tão rapidamente

que fiquei surpresa por você não ter me obrigado a pular do navio e nadar para casa.

Nick se mexeu desconfortavelmente, parecendo lutar contra a vontade de gritar.

— O que você esperava que eu fizesse?

— Tudo que eu queria era me explicar.

— Não havia nada que você pudesse ter dito.

— Bem — murmurou Jenna suavemente —, nunca saberemos disso com certeza, verdade? — Então ela suspirou e acrescentou: — Nós não estamos resolvendo nada aqui, portanto, vamos deixar o passado para trás. O que aconteceu, aconteceu. Precisamos conversar sobre o *presente*.

— Certo. — Ele sinalizou para o garçom, então a olhou novamente. — Conte-me sobre seus filhos.

— *Seus* filhos — corrigiu ela, erguendo o queixo, como se estivesse pronta para lutar.

— Isso ainda precisa ser provado para mim.

— Por que eu mentiria?

— Hmm. Questão interessante — disse Nick. — Eu poderia dizer que você já mentiu antes, mas então nós concordamos em não falar sobre o passado.

Jenna não sabia se queria suspirar em frustração ou chutá-lo debaixo da mesa. Aquilo estava sendo tão mais difícil do que imaginara. De alguma maneira, tinha se convencido de que Nick acreditaria nela. Que ele olharia para as fotos dos bebês e *saberia* instintivamente que aqueles eram seus filhos. Enganara-se.

Tudo ao redor deles... o tilintar de cristais finos e as conversas murmuradas das outras pessoas que jantavam... proporcionava um pano de fundo que era mais barulhento do que qualquer outra coisa. Do outro lado das janelas que alinhavam uma das laterais do restaurante, a noite estava escura e o mar infinito. O brilho das luzes coloridas vindo das extremidades do deck parecia quase como um arco-íris que brilhava somente à noite.

E ao seu lado, o homem que perseguia seus sonhos e criara uma nova vida para ela permanecia esperando, observando.

Quando Jenna começou a falar, um garçom se aproximou com uma garrafa de champanhe dentro de um balde de prata. Ela fechou a boca e mordeu o lábio enquanto o garçom numa taça de cristal oferecia a bebida para Nick experimentar. Após aprovado, o vinho foi servido primeiro para ela, depois para Nick. Uma vez que o garçom desapareceu no meio da multidão, Jenna pegou sua taça e deu um gole no champanhe, esperando aliviar a súbita secura em sua garganta.

— Então? — incentivou Nick, a voz rouca e baixa parecendo penetrá-la. — Fale-me sobre os gêmeos.

— O que você quer saber?

Ele a olhou.

— Tudo.

Assentindo, Jenna respirou fundo. Normalmente, ficava mais do que feliz ao falar sobre os filhos. Até mesmo era conhecida por importunar completos estranhos no supermercado com histórias sobre as façanhas dos gêmeos. Mas esta noite era diferente. Importante. Precisava fazê-lo entender isso. Acreditar. Então, escolhendo as palavras com cuidado, ela começou de modo simples:

— Eles se chamam Jacob e Cooper.

Nick franziu o cenho de leve e deu um gole em seu próprio champanhe.

— Nomes de alguém da família?

— De meus avós — respondeu Jenna em tom defensivo, como se estivesse preparada para discutir sobre seu direito de nomear os filhos como bem entendesse.

— Foi um gesto bonito de sua parte — comentou ele após um momento, surpreendendo-a. — Continue.

Enquanto ao redor pessoas riam, conversavam e relaxavam, havia uma tensão quase palpável na mesa deles. A voz de Jenna era baixinha, e Nick se inclinou para mais perto a fim de ouvi-la, fazendo-a arfar com a proximidade.

— Jacob é risonho e feliz o tempo todo. Sorri do minuto que acorda até o momento que vai dormir à noite. — Ela sorriu também, só de pensar nos seus bebês. — Cooper é diferente. Ele é mais... introspectivo, suponho. Seus sorrisos são raros e mais preciosos por

causa disso. Está sempre observando. Estudando. Eu adoraria saber o que ele está pensando na maior parte do tempo, porque mesmo aos quatro meses, parece quase um filósofo.

Ele a olhava fixamente, e Jenna podia ver seus dois filhos no rosto de Nick. Eles eram tão parecidos com o pai que ela não entendia como ele podia duvidar por um momento que os bebês fossem seus.

— Onde eles estão agora?

— Com minha irmã, Maxie. — Que provavelmente estava exausta.

— Os meninos são louco por ela, e Maxie os ama muito. Eles estão bem.

— Então por que você ficou tensa de repente?

Jenna suspirou, recostou-se e admitiu:

— Esta é a primeira vez que me separo deles. Parece... errado, de alguma maneira. E sinto saudade dos dois. Muita.

Os olhos de Nick se estreitaram enquanto ele pegava o copo e bebia mais um gole do champanhe. Observando-a por sobre a borda da taça, engoliu, antes de devolver à mesa.

— Não deve ser fácil ser mãe solteira.

— Não, não é — admitiu ela, pensando agora no quanto se sentia cansada todas as noites quando punha os garotos na cama. Fazia tanto tempo que Jenna não se sentia desperta depois das 8h da noite que era estranho estar sentada num restaurante às 9h. Mas antes o normal era este, quando se preocupava somente consigo mesma. Quando não tinha dois garotinhos dependendo dela.

Deus, como havia sido capaz de suportar a quietude? O vazio em sua pequena casa? Nem mesmo podia imaginar uma vida sem seus filhos agora.

— Mas — acrescentou Jenna quando ele não disse mais nada —, juntamente com todo trabalho, uma mãe solteira tem todos os benefícios para si mesma. Eu não preciso compartilhar os pequenos momentos. Fui eu quem os viu sorrir pela primeira vez, quem os viu acordar para o mundo ao seu redor.

— Então, uma vez que você não está querendo compartilhar os bons momentos, isso significa que não está interessada em me ter envolvido na vida dos gêmeos — disse ele, pensativamente. — Tudo que quer é pensão alimentícia?

Ela ficou um pouco tensa. Não tinha considerado que Nick pudesse querer participar da vida dos filhos. Ele não era o tipo de homem “família”. Era um homem festeiro. O sujeito que namorava, mas não levava a moça para conhecer a mãe.

— Nós dois sabemos que você não tem nenhum interesse em ser pai, Nick.

— Será isso verdade? E como você sabe?

— Bem...

Ele inclinou a cabeça quando ela permaneceu em silêncio.

— Exatamente. Você não me conhece melhor do que eu a conheço.

— Está enganado. Eu sei que você não é o tipo de homem que se prende num único lugar. Naquela semana que nós passamos juntos, você me disse que não tinha planos de se casar e se acomodar um dia.

— Quem falou alguma coisa sobre casamento?

Jenna respirou fundo e disse a si mesma para ir com calma. Estava andando num campo minado ali.

— Eu não quis dizer...

— Esqueça isso.

Outro garçom apareceu, desta vez levando o jantar que Nick claramente pedira mais cedo. Surpresa, Jenna olhou para o peito de frango e fettucine ao molho de cogumelo, antes de erguer um olhar interrogativo para ele.

— Lembrei que você gostava deste prato — murmurou ele com um dar de ombros.

O que deveria fazer com aquilo? , perguntou-se Jenna. Ele fingia não se importar com ela, todavia, depois de mais de um ano lembrava quais eram seus pratos favoritos? Por quê? Por que Nick se recordaria de algum detalhe tão pequeno?

Depois que o garçom saiu, Nick recomeçou a falar:

— Então me responda uma coisa. Quando você descobriu que estava grávida, por que levou a gravidez em frente?

— Perdão?

Ele deu de ombros.

— Você estava sozinha. Muitas mulheres nesta posição não teriam feito o mesmo. Dado à luz, decidindo criar os bebês por conta própria.

— Eles eram meus — declarou Jenna, como se isso explicasse tudo, e em sua mente explicava. Nem por um segundo tinha considerado interromper a gravidez. Tentara falar com Nick, é claro, mas quando não conseguira, havia começado a construir uma vida para si mesma e para seus filhos.

— Sem arrependimentos?

— Somente o de ter entrado neste navio — sussurrou ela.

Nick sorriu, pôs o guardanapo sobre o colo e, pegando os talheres, cortou seu filé mignon.

— Eu ouvi isso.

— Falei para você ouvir. — Jenna enrolou fettucine no garfo antes de dizer: — Nick, meus filhos são as coisas mais importantes do mundo para mim. Farei qualquer coisa que for necessária para me certificar de que eles estão seguros.

— Bom para você.

Ela deu uma garfada na refeição e, embora pudesse dizer que o prato era cozinhado à perfeição, o molho delicado e o frango tinham gosto de areia em sua boca.

— Eu vou querer um exame de DNA.

— É claro — disse ela. — O exame de sangue dos meninos já foi feito num laboratório local. Você pode enviar sua amostra para eles e requisitar o exame de comparação.

— Eu cuidarei disso amanhã.

— O quê? — Ela meneou a cabeça, olhou-o e perguntou: — Você não pode esperar até que estejamos de volta a San Pedro?

— Não, eu não vou esperar. Quero resolver esta questão o mais rapidamente possível. — Ele continuou a comer, como se o que eles estivessem discutindo não o afetasse nem um pouco. — Atracamos em Cabo pela manhã. Você e eu descemos em terra firme, encontramos um laboratório e pedimos que eles enviem os resultados dos exames para o laboratório em San Pedro.

— Nós vamos fazer isso? — Ela não havia planejado passar muito tempo com Nick, afinal de contas. Apenas subira a bordo para lhe

contar sobre os gêmeos, e, francamente, pensara que ele não ia querer mais nada com ela depois disso. Contudo, ele a mudara para a sua suíte, e agora estava propondo que eles passassem ainda mais tempo juntos.

— Até que este assunto seja resolvido à minha satisfação — murmurou Nick suavemente —, eu não permitirei que você saia da minha vista. Não iremos nos separar nem por um minuto. Portanto, é melhor você começar a se acostumar com isso.

Capítulo 5

UMA vez que o navio atracou e a maioria dos passageiros desembarcou para seu dia de compras e exploração da cidade de Cabo San Lucas, Nick entrou em ação. Ele já tinha pedido para que Teresa desse alguns telefonemas, e o laboratório do hospital local os esperava.

O sol estava quente e brilhante, e o cheiro do mar os cumprimentou no momento que ele e Jenna desceram no deck externo. Normalmente, Nick teria apreciado aquilo. Adorava esta parte do cruzeiro. Atracar num porto, explorar a cidade, visitar seus lugares favoritos, descobrir novos.

Mas hoje era diferente. Hoje ele estava numa missão, portanto não ia notar a atmosfera festiva e relaxada de Cabo. Assim como não ia notar o vestido de verão verde-claro que se aderira ao corpo de Jenna, ou a aparência das pernas longas naquelas sandálias de salto alto. Ele não tinha interesse no fato de que os cabelos loiro-escuros de Jenna pareciam mel derretido enquanto cascateavam sobre os ombros, e realmente não estava notando o aroma doce que a brisa parecia levar bem na sua direção.

Colocá-la em sua suíte tinha parecido uma boa ideia no dia anterior. Mas o conhecimento de que ela estava tão perto, no fim do corredor, sozinha na cama, o perseguira durante a noite inteira. Agora seus olhos ardiam, seus nervos estavam à flor da pele, e seu corpo rígido e dolorido.

Bravo, Falcon, disse a si mesmo.

— Para onde estamos indo? — perguntou Jenna quando ele pôs uma mão nas suas costas a fim de conduzi-la ao longo da prancha de embarque e desembarque para a praia. Deus, apenas o leve contato foi o bastante para que ele quisesse esquecer tudo sobre o compromisso atual, e, em vez disso, arrastá-la de volta para sua cabine.

Cerrando os dentes, Nick reprimiu a imagem da cabeça.

— Teresa ligou para o hospital daqui — murmurou ele. — O pessoal do laboratório está nos esperando. Eles colherão uma amostra para DNA, farão o exame e enviarão os resultados para o seu laboratório. Devemos ter uma resposta em um ou dois dias.

Jenna tropeçou, e ele segurou-lhe o braço num gesto instintivo.

— Rápido assim?

— Dinheiro fala — disse ele com um dar de ombros. Aprendera há muito tempo que com muito dinheiro, um homem podia realizar qualquer coisa. O mundo funcionava assim. E pela primeira vez, sentiu-se satisfeito por ser rico o bastante para exigir ação rápida. Queria resolver aquela questão da paternidade. Não conseguia parar de pensar sobre aqueles bebês. Parecia incapaz de parar de olhar para a fotografia dos gêmeos que Jenna lhe dera.

Não conseguia parar de imaginar como a existência daquelas crianças iria afetar... mudar... a sua vida. Então, necessitava saber se iria ser pai ou se iria apenas processar Jenna Baker por mentir para ele. Novamente.

Os saltos dela contra a prancha emitiam um ruído como batidas frenéticas de um coração. Jenna estaria nervosa? Nick se perguntou se ela realmente mentira e agora estava com medo de ser descoberta. Pensara que ele simplesmente aceitaria sua palavra de que os bebês lhe pertenciam? Certamente não.

No fim da prancha de desembarque, um táxi estava esperando. Silenciosamente abençoando a eficiência de Teresa, Nick abriu a porta para Jenna, e entrou depois dela. Em frases curtas faladas num espanhol quase fluente, disse ao motorista para onde ir.

— Eu não sabia que você falava espanhol — comentou Jenna quando ele se acomodou no banco ao seu lado.

— Há muitas coisas que você não sabe sobre mim.

— Suponho que sim.

É claro, o mesmo podia ser dito sobre o que ele sabia sobre ela. Lembrava-se claramente do tempo dos dois juntos, mais de um ano atrás. Mas naqueles momentos roubados, Nick estivera mais interessado em se enterrar no corpo deleitoso do que em descobrir pensamentos, esperanças e sonhos de Jenna. Dissera a si mesmo que haveria muito tempo para que eles se conhecessem. Não poderia ter adivinhado que numa única semana a encontraria, a desejaria, e então a perderia.

Entretanto, mesmo com a paixão ardendo entre eles, Nick se recordava das breves conversas nas quais Jenna tinha falado sobre seu lar, sua família. Na época, pensara que ela era diferente das outras mulheres que conhecia. Que era mais sincera. Que estava mais interessada *nele*, o homem, do que no que ele era. No quanto possuía.

É claro, aquela pequena fantasia fora destruída rapidamente.

Nick ficou em silêncio quando o carro partiu. Não queria conversar. Não queria pensar sobre nada, exceto no que estava prestes a fazer. Com uma simples checagem no seu DNA, sua vida poderia mudar irrevogavelmente para sempre. Seu peito estava comprimido, e sua mente girando. Cabo não passava de uma mancha colorida do lado de fora da janela, enquanto eles se dirigiam ao laboratório e a um encontro com o destino.

Em poucos segundos, o táxi foi engolido pela cidade agitada de porto. Em relação ao cais e à avenida principal que corria ao longo do oceano, Cabo San Lucas era uma linda cidade. Hotéis, restaurantes e bares eram todos novos e atraentes, oferecendo o melhor para atrair os turistas que abarrotavam a cidade todos os anos.

No entanto, somente a algumas quadras do porto, Cabo era uma cidade grande como outra qualquer. As ruas eram congestionadas de carros, pedestres andando fora das calçadas num completo abandono, confiando que os motoristas não os atropelariam. Ruas laterais mais estreitas saíam das avenidas maiores, e de lá vinham os aromas tentadores de cebolas fritas, temperos e carne grelhada.

Restaurantes e bares se agrupavam, suas fachadas de estuque lascado parecendo um pouco arruinadas, enquanto turistas subiam e desciam as calçadas, câmeras fotográficas atadas a pulsos bronzeados. Quando o motorista de táxi misturou-se ao trânsito confuso, Nick olhou preguiçosamente pela janela e notou os mercados abertos, um ao lado do outro, sob toldos verde-escuros. Debaixo daquela cobertura havia no mínimo trinta barracas onde você podia comprar tudo, desde joias até potes de cerâmica pintados.

Cabo era uma cidade turística e o comércio fazia tudo que podia para manter aqueles dólares de férias na cidade.

— Estranho, não é? — perguntou ela, e Nick virou a cabeça para fitá-la. Jenna estava olhando pela janela e ele imaginou se ela estava falando sozinha. — Toda a opulência na praia e apenas a alguns quarteirões de distância...

— É uma cidade como outra qualquer — disse ele.

Ela virou a cabeça para encontrar seu olhar.

— É só um pouco decepcionante ver o mundo real sob o esplendor.

— Há sempre um lado oculto. Em tudo. E em todos — murmurou Nick, estudando-lhe os olhos, perguntando-se o que ela estava sentindo. Questionando por que até mesmo se importava.

— O que está escondido sob sua fachada, então? — indagou Jenna.

Nick forçou um sorriso.

— Eu sou exceção à regra. O que você vê é o que sou. Sem mistérios a ser solucionados. Sem segredos. Sem mentiras.

As feições dela se tornaram tensas.

— Eu não acredito. Você não é tão superficial quanto finge ser, Nick. Recordo-me de coisas demais para acreditar nisto.

— Então sua memória está errada. Não procure por algo que não existe, Jenna — disse ele baixinho, para o caso de o motorista falar inglês. — Eu não sou o garoto rico solitário, procurando por amor. — Nick inclinou-se contra ela, ainda sustentando seu olhar, e acrescentou: — Estou fazendo este exame de DNA para meu próprio bem. Se aqueles bebês são meus, então eu preciso saber. Mas não

sou o tipo de homem que quer morar com a família numa casa com cerca branca. Portanto não construa castelos no ar. Você vai cair no asfalto quando eles desmoronarem.

Jenna sentiu um calafrio ao mirar aqueles olhos azuis gelados. Durante a noite inteira, tinha ficado deitada na cama, imaginando se fizera a coisa certa procurando Nick. Contando-lhe sobre os filhos. Agora se deparava com uma possibilidade muito real de ter cometido um grande erro.

Uma vez que ele estivesse convencido que os gêmeos eram seus, o que faria? Realmente ficaria satisfeito em assinar um cheque para pensão alimentícia todos os meses? Ou exigiria tempo com os filhos? E se assim fosse, como ela o encaixaria na vida deles?

Visualizar Nick passando tempo em sua minúscula casa de Seal Beach era quase impossível. O estilo de vida dele era tão diferente do seu que eles poderiam ter vindo de planetas distintos.

— Nick, sei que há uma parte sua que pensa que eu estou mentindo sobre tudo isso. Mas não estou. — Ela parou, observou-lhe a reação e, não vendo nada que a fizesse se sentir melhor, continuou: — Então, antes que você faça o exame de DNA, quero que me prometa uma coisa.

Ele riu brevemente, mas não havia um único brilho de humor nos olhos.

— Por que eu faria isso?

— Por nenhuma razão que eu possa pensar, mas ainda estou pedindo.

— O quê? — perguntou ele, sentando-se ereto, descansando uma das mãos no joelho. — Que promessa é esta?

Mais uma vez Jenna tentou estudar-lhe a expressão, mas o semblante dele estava completamente fechado para ela. Mas Nick estava ouvindo, e isso já era alguma coisa.

— Eu quero que me prometa que, independentemente do que aconteça, você não vai descontar o que sente por mim em nossos filhos.

Ele inclinou a cabeça para um lado, estudou-a por um longo momento, então, enquanto Jenna prendia a respiração e esperava por uma resposta, Nick finalmente assentiu.

— Tudo bem. Eu lhe dou a minha palavra. O que existe entre você e eu não vai afetar como eu trato seus filhos.

Jenna lhe deu um pequeno sorriso.

— Obrigada.

— Mas se eles *forem* meus filhos — acrescentou ele —, você e eu teremos muito que conversar.

O EXAME DE DNA foi feito com rapidez, e logo Jenna e Nick estavam de volta no táxi, dirigindo-se para o cais novamente. Sua angústia era imensa, a cabeça girava. E o fato de estar trancada dentro de um carro numa rua congestionada não ajudava. Precisava caminhar. Precisava respirar. Necessitava se sentir livre.

Virando-se para Nick, falou de repente:

— Podemos descer? Andar o resto do caminho para o cais?

Nick a olhou, e o que viu no rosto dela deve tê-lo convencido, porque ele assentiu, então falou com o motorista em espanhol. Um momento depois, o táxi parou no meio-fio. Jenna desceu de modo afobado e inalou o ar marítimo frio enquanto Nick pagava a corrida.

Turistas e locais lotavam a calçada, andando apressadamente para todas as direções. Jenna prendeu a bolsa embaixo do braço esquerdo e virou o rosto para a brisa que vinha do mar.

— Estamos a diversos quarteirões do navio — disse Nick quando se juntou a ela na calçada. — Você vai conseguir andar nestes sapatos?

Jenna olhou para suas sandálias de salto, então para ele.

— Vou conseguir. Eu só... precisava sair daquele táxi e me movimentar um pouco.

— Eu não lembro de você tão ansiosa — comentou ele.

Ela riu, e a risada soou nervosa até para seus próprios ouvidos.

— Não ansiosa realmente. É só que, desde que os meninos nasceram, eu não estou acostumada a ficar parada. Eles me fazem correr o dia inteiro, e sentada num táxi, eu me senti presa numa gaiola, e o fato de estarmos em silêncio também não ajudou. Tínhamos acabado de sair do laboratório, meu cérebro estava em intensa atividade e...

Nick interrompeu o fluxo frenético de palavras erguendo a mão.

— Eu entendi. E também gosto da ideia de tomar um pouco de ar. Então, por que não começamos a andar?

— Claro. Isso seria ótimo. — Deus, Jenna não pretendia ter um fluxo de consciência ali. Se ele não a tivesse interrompido, o que mais ela poderia ter falado?

Nick pegou-lhe o braço para virá-la, e o calor que o toque provocou em Jenna foi o bastante para ferver seu sangue e fazê-la arfar. Não um bom sinal.

Música vinha da porta aberta de uma cantina, e dois turistas jovens embriagados saíram tropeçando na calçada. Nick a puxou para mais perto, de modo que eles passassem o casal, mas mesmo depois, não a liberou. Não que ela se importasse.

— Então, como é um dia típico para você agora? — perguntou ele enquanto eles andavam.

— Típico? — Jenna riu, apesar do fato de seus nervos estarem à flor da pele e seu corpo em chamas devido ao braço de Nick rodeando sua cintura. — Aprendi rapidamente que com bebês na casa não existe algo como típico.

Ela arriscou uma olhada para ele, e os olhos azuis se conectaram com os seus por um segundo intenso. Então Nick assentiu e disse:

— Certo, então descreva um de seus dias típicos para mim.

— Bem, para começar, meus dias começam muito mais cedo do que antes — murmurou ela. — Os gêmeos dormem a noite inteira agora, graças a Deus, mas estão acordados e animados por volta das seis da manhã.

— Isso não deve ser fácil. — O braço ao redor da cintura dela afrouxou um pouco, mas ele não a liberou, e Jenna sentiu quase como se eles fossem um casal de verdade. O que era um pensamento perigoso.

— Não — respondeu ela rapidamente, a fim de frear sua imaginação com fatos frios. A vida deles era tão diferente que ele nunca seria capaz de entender como era o mundo de Jenna. Nick acordava quando tinha vontade, tomava café da manhã em seu quarto, então passava o resto do dia vagando dentro de um navio, certificando-se se seus passageiros estavam felizes.

Ela, por outro lado...

— Há duas fraldas que precisam ser trocadas, dois corpinhos que precisam ser vestidos, e duas bocas pedindo pela mamadeira da manhã. Eles compartilham um quarto com dois berços, e eu vou de um para o outro, como um piloto automático. — Jenna sorriu quando as imagens de seus filhos lhe vieram à mente. Sim, era muito trabalho. Sim, muitas vezes ficava cansada. E não, ela não mudaria nada daquilo.

— Como você consegue cuidar de dois deles?

— Você entra num ritmo — replicou ela com um dar de ombros que escondia o quanto tinha sido *difícil* achar este ritmo. — Cooper é mais paciente que o irmão, mas eu tento não usar isso como desculpa para cuidar sempre de Jacob primeiro. Então, eu revezo. Uma manhã começo pelos cuidados de Cooper, e na manhã seguinte, é a vez de Jacob. Alimento um de cada vez, depois os coloco nos berços de modo que possa começar a lavar a primeira carga de roupa do dia.

— Você os deixa sozinhos nos berços?

Instantaneamente defensiva, Jenna o fitou.

— Eles estão seguros e felizes, e não é como se eu os jogasse numa gaiola e fosse me divertir. Estou sempre lá. Mas preciso ser capaz de fazer as tarefas domésticas e não posso deixá-los no chão, desacompanhados, posso?

— Ei, ei — disse ele, o braço apertando ao redor da cintura dela. — Isso não foi uma crítica...

Jenna lhe deu um olhar duro.

— Certo — reconheceu Nick. — Talvez tenha sido. Mas não era o que eu pretendia. Uma mãe solteira com dois bebês não deve ser fácil.

— Não, não é — admitiu ela mais calma. — Mas nós nos viramos. Temos a hora de brincar, e os dois são tão inteligentes e tão interessados em tudo... — Jenna meneou a cabeça. — É realmente incrível observá-los acordar para o mundo um pouco mais a cada dia.

— Deve ser.

Ele estava dizendo as coisas certas, mas o tom de voz transmitia uma falta de confiança que ela não gostava nem um pouco. Mas

então, como poderia culpá-lo? Nick ainda não acreditava que os gêmeos fossem seus filhos. É claro que recusasse se envolver até que tivesse uma prova de que era o pai.

— Enquanto eles dormem durante o dia, eu trabalho.

— Sim — murmurou Nick, desviando-a de um buraco grande o bastante para engoli-los. — Você disse que tinha seu próprio negócio. O que faz?

— Cestas de presentes — respondeu ela, erguendo o queixo. — Crio e confecciono cestas de presente exclusivas. Tenho algumas empresas como clientes, e faço muitos negócios pela Internet.

— Como você entrou nisso? — perguntou ele, e Jenna teve quase certeza que Nick estava realmente interessado.

— Comecei fazendo para amigos. Aniversários, chás de bebê, festa de inauguração de uma casa, este tipo de coisa — explicou ela.

— A partir de então, os negócios decolaram. Pessoas começaram a me encomendar cestas, e depois de um tempo, eu percebi que estava administrando um negócio. Mas é ótimo, porque me permite estar em casa com os meninos.

— E você gosta disso.

Não uma pergunta, mas uma declaração. Jenna parou de andar, olhou para ele e disse:

— Sim, gosto. Eu não suportaria a ideia dos meninos numa creche. Quero acompanhar todas as primeiras vezes deles. A primeira vez que engatinharem, que andarem, que falarem. Quero ouvir as risadinhas e secar-lhes as lágrimas. Quero ser o centro da vida deles.

Nick a estudou por um longo momento, como se estivesse tentando imprimir a imagem dela na mente. Ou tentando ler seus pensamentos para ver se aquelas palavras de Jenna eram realmente sinceras.

— A maioria das mulheres não quer ficar fechada numa casa com dois bebês berrando o dia inteiro — ele finalmente falou.

Jenna irritou-se de imediato.

— *Primeiro*, as mulheres que você conhece não são exatamente do tipo maternais, são? *Segundo*, os meninos não berram o dia inteiro, e, *terceiro*, passar tempo com crianças não é uma prisão. É

um presente. Um pelo qual agradeço todos os dias. Você não me conhece, Nick. Então não finja o contrário.

Uma sobrancelha escura se arqueou, e os olhos azul-claros adquiriram um brilho de divertimento.

— Eu não estava tentando insultá-la — disse ele suavemente. — Eu... admiro o que você está fazendo. O que sente por seus filhos. Tudo que eu quis dizer foi que gostei do que você falou.

— Oh. — Bem, ela não se sentia uma tola? — Desculpe. Suponho que tiro conclusões um pouco rapidamente demais.

— Um pouco? — Ele riu baixinho, e recomeçou a andar, mantendo o braço ao redor da cintura de Jenna, como se temesse que ela fosse fugir. — As palavras *Mãe Ursa* me vêm à mente.

Jenna teve de rir.

— Tem razão, sabe. Eu soube que seria muito protetora no instante em que os meninos nasceram. Estava tão encantada só de olhar para eles... de saber que tinham saído de mim. É um sentimento incrível. Dois garotinhos minúsculos... num minuto eles não estão lá, e no momento seguinte, estão respirando, chorando e capturando seu coração. Eu me apaixonei tão completamente, com tanto desespero que soube de imediato que jamais permitiria que alguém ou alguma coisa os machucasse. *Ninguém* critica meus filhos. Ninguém.

— Sim — concordou Nick com uma expressão pensativa. — Eu entendo.

A mão na cintura de Jenna flexionou-se, e dedos começaram a roçar gentilmente. Através do tecido fino do vestido de verão, ela jurou que podia sentir a pele dele na sua. Seu coração estava violentamente disparado, e sua respiração ofegante. Encontrando-lhe os olhos, viu confusão escrita ali e teve de perguntar:

— O que aconteceu?

— Nada. É só que... — Nick parou. Então, meneando a cabeça, acrescentou: — Vamos, ainda temos um longo caminho pela frente.

Meia hora depois, os pés de Jenna estavam doendo e ela estava seriamente arrependida de ter descido do táxi. Mas havia compensações, também. Tais como andar ao lado de Nick, o braço forte circulando sua cintura, como se eles fossem um casal de

verdade. Ela sabia que deveria se afastar daqueles toques, mas estava apreciando demais o contato para fazer isso.

Fazia tanto tempo desde a semana deles juntos. E depois daquilo, Jenna não estivera com mais ninguém. Bem, encontrara-se grávida pela maior parte do tempo, portanto sem muita chance de conhecer alguém novo. Mas mesmo que não estivesse grávida, não teria procurado. Nick penetrara seu coração e sua alma de tal maneira naquela semana curta que tornara quase impossível para Jenna pensar em estar com outro homem.

O que não era nada bom, considerando que ele deixara claro que eles não ficariam mais juntos. Não que ela quisesse isso...

— Oh! — Jenna parou subitamente quando eles chegaram ao mercado de rua pelo qual tinham passado no caminho para o laboratório. Uma ótima maneira de clarear a mente de mais pensamentos perturbadores sobre Nick. — Vamos olhar aqui.

Franzindo o cenho, como qualquer outro homem faria ao se deparar com uma mulher querendo fazer compras, Nick disse:

— O que você poderia querer comprar aqui? Isto é uma armadilha para turistas.

— O que torna o lugar divertido — respondeu ela, desvencilhando-se dele andou para baixo do toldo, entrando no corredor que levava no mínimo a trinta diferentes barracas.

Jenna andou no meio da multidão, sentindo Nick alguns passos atrás, enquanto via anéis e colares de prata, bolsas de couro, xales de crochê e diversos outros artigos. Ela sorriu para o homem vendendo tacos e ignorou o ronco de fome em seu estômago enquanto se movia para a barraca de camisetas.

Nick parou atrás dela e olhou para o mostruário de camisetas com imagens de Cabo, de pescaria e das cantinas locais. Meneando a cabeça para o mistério que eram as mulheres, perguntou-se por que ela escolhera comprar ali.

— Precisa de um novo guarda-roupa? — perguntou ele, inclinando a cabeça de modo que sua voz sussurrasse diretamente no ouvido dela.

Jenna teve um pequeno sobressalto, e Nick gostou do fato de que podia deixá-la nervosa. Vinha sentindo isso o dia inteiro. A tensão se

formando ao redor dela. Quando ele a tocava, sentia o calor e a resposta feminina que alimentava o fogo em seu interior. No momento que havia lhe circulado a cintura, soubera que estava cometendo um erro. Mas a sensação do corpo de Jenna curvado contra o seu era tão boa que ele não quis liberá-la.

O que o enervava muito.

Aprendera sua lição com Jenna um ano atrás. Ela mentira sobre quem era. Quem sabia se também não tinha mentido sobre sua resposta a ele? Se ainda estava mentindo? Mas mesmo enquanto pensava nisso, Nick se questionou se alguém poderia inventar o tipo de calor que era gerado entre eles quando seus corpos se roçavam.

— As blusas não são para mim — ela estava dizendo, e Nick reprimiu os pensamentos para prestar atenção. — Pensei que talvez houvesse alguma coisa pequena o bastante para os meninos... aqui está!

Ela puxou uma camiseta de uma pilha, e era tão pequena que Nick mal podia acreditar que a peça realmente poderia ser usada. Havia um burrico sorrindo na frente, e as palavras “Filhotes de Burros Também Precisam de Amor” estavam escritas abaixo.

— É tão bonitinha! Você não acha?

Nick perdeu o fôlego quando ela ergueu o rosto para o seu e deu um sorriso tão luminoso que o brilho nos olhos de Jenna quase o cegou. Ele tinha dado diamantes para mulheres e visto menos demonstração de alegria. Se aquilo fosse uma representação, pensou, ela deveria ganhar um Oscar.

— Suponho que sim — disse ele. Então se voltou para a dona da barraca e lhe falou em espanhol, dizendo-lhe que eles precisavam de duas das camisetas.

Sorrindo, a mulher achou outra igual, colocou as duas numa sacola e estendeu-lhe. Nick pagou pelas roupinhas antes que Jenna pudesse pegar a carteira na bolsa. Depois, capturou-lhe a mão e, carregando a sacola, conduziu-a para a rua.

— Você não precisava comprá-las — murmurou ela quando eles estavam no caminho para o cais mais uma vez.

— Considere isso meu primeiro presente para meus filhos.

Jenna tropeçou de leve, e ele segurou-lhe a mão com mais força, firmando-a, mesmo que sentisse seu próprio equilíbrio se abalar.

— Então você acredita em mim?

Nick sentiu um aperto se instalando em seu peito. Estudou os olhos de Jenna e não pôde encontrar o menor sinal de fingimento. Ela era muito boa em esconder segredos? Ou não havia segredos para esconder? Em breve, ele teria certeza. Mas por enquanto:

— Estou começando a acreditar.

Capítulo 6

TRÊS dias depois, o navio atracou em Acapulco.

— Ora, vamos — incentivou Mary Curran. — Venha à praia comigo e com Joe. Ele vai mergulhar, entre outras coisas, e eu adoraria uma companhia enquanto gasto todo o dinheiro que economizamos tendo ganhado o cruzeiro completo.

Rindo, Jenna balançou a cabeça e recostou-se no sofá da sala de estar da espetacular suíte de Nick.

— Não, obrigada. Acho que vou ficar a bordo e relaxar.

Mary suspirou em derrota.

— Não entendo como você pode relaxar quando está nesta suíte com Nick Falcon. Estou casada há vinte anos, e só de olhar para o homem sinto ondas de calor.

Jenna sabia exatamente o que sua amiga queria dizer. Pelos últimos dias, ela e Nick vinham passando quase todos os minutos juntos, e quando estavam ali naquela suíte, as acomodações espaçosas pareciam encolher para o tamanho de um closet.

Jenna sentia-se quente o tempo todo, e sabia que, com o menor movimento errado, poderia entrar em ebulição.

— Alô? Terra para Jenna?

— Desculpe. — Jenna sorriu, passou uma mão pelos cabelos e deu um suspiro trêmulo. — Suponho que minha mente estava vagando.

— Hã-hã, e posso imaginar para *onde*.

— O quê?

— Oh, querida, você está perdida, não é? — Mary inclinou-se para frente e apertou-lhe a mão brevemente.

Embaraçada e temendo que Mary pudesse estar certa, Jenna argumentou:

— Eu não sei o que você quer dizer.

— É claro que sabe. — O sorriso de Mary se ampliou. — Eu falo o nome de Nick e seus olhos brilham.

— Oh, Deus...

— Ei, qual é o problema? Vocês dois são solteiros. E claramente estão atraídos um pelo outro. Vi a expressão no rosto de Nick quando ele a olhava durante o jantar de ontem.

Os quatro tinham jantado juntos na noite anterior, e embora Jenna imaginasse que eles passariam horas desconfortáveis... considerando a tensão entre ela e Nick... todos haviam se divertido. Na verdade, ver Nick interagindo com Joe Curran, ouvi-lo rir e contar histórias sobre cruzeiros passados tinha realmente aberto os olhos de Jenna.

Por tanto tempo pensara nele apenas como um jogador. Um homem interessado em levar o máximo de mulheres possível para cama. Um homem que não estava interessado em nada além do prazer momentâneo.

Agora percebera vislumbres de um homem diferente. Um que podia se divertir com pessoas que não eram "celebridades". Um homem que podia comprar camisetas tolas para bebês que nem mesmo sabia se eram seus. Um homem que ainda podia fazê-la tremer de desejo com somente um olhar.

— Você quer conversar sobre isso? — perguntou Mary.

Jenna respirou fundo, e observou ao redor da sala para evitar o olhar muito perceptivo de Mary. A luz do sol se infiltrava pelas portas de vidro, preenchendo o espaço, criando sombras nos cantos. Estava silencioso agora, com Nick em algum lugar do terraço e com os motores desligados, enquanto o navio estava no porto.

Fitando Mary, Jenna pensou em lhe contar a história inteira. Na verdade, gostaria de conversar com alguém, e nos últimos dias, Mary tinha provado ser uma boa amiga. Mas não podia fazer isso

agora. Não queria explicar como ela e Nick haviam se unido, feito dois filhos, e depois se separado. Era uma história longa demais.

— Obrigada — murmurou ela com sinceridade. — Mas acho que não. De qualquer forma, você não tem tempo para ouvir. Joe a espera.

Mary franziu o cenho, mas aparentemente percebeu que Jenna não queria conversar. Levantando-se, ela falou:

— Certo, eu irei. Mas se você decidir que precisa de alguém para conversar...

— Eu me lembrarei, obrigada.

Então Mary saiu e Jenna estava sozinha. Sozinha com seus pensamentos frenéticos. Sozinha com o desejo que queimava em seu interior. Subitamente inquieta, ela se levantou, atravessou a sala e saiu da suíte. Subiria ao deck e se sentaria no sol. Tentaria não pensar. Tentaria relaxar.

ADMINISTRAR UM cruzeiro mantinha Nick ocupado da hora que acordava até tarde da noite. Pessoas que olhavam de fora provavelmente presumiam que ele levava uma vida de lazer. E claro, ainda havia tempo para lazer. Mas a verdade era que ele tinha de permanecer no controle de tudo. A linha de cruzeiros era sua vida. A única coisa que possuía. E a mais importante. Trabalhara arduamente para chegar tão longe, para fazer sua marca. E não estava prestes a começar a regredir agora.

— Se a banda não está funcionando, contate Luis Felipe aqui na cidade — ele falou para Teresa, e não ficou surpreso ao vê-la anotar em sua agenda eletrônica. — Ele conhece todas as bandas locais em Acapulco. Pode nos dar o contato de alguém que esteja interessado em assumir o resto do cruzeiro conosco.

A banda que eles haviam contratado em Los Angeles estava dando mais trabalho do que valiam. Em razão do astro de rock da banda, estavam exigindo todo tipo de benefícios que não tinham sido concordados no contrato. Ademais, estavam interrompendo o show noturno mais cedo, alegando não haver pessoas suficientes para fazer valer a pena. Absurdo, pensou Nick. Eles tinham sido

contratados para fazer um trabalho, ou iriam fazê-lo ou desceriam do navio no México e encontrariam o caminho de casa.

— Entendi — disse Teresa. — Quer que eu fale para a banda que os dias deles estão contados?

— Sim. Estaremos no porto em 48 horas. Dê-lhes 24 horas para fazerem uma apresentação decente... se não fizerem, mande-os arrumar as malas.

— Certo. — Ela parou, e Nick virou-se para olhá-la. Eles estavam na proa do navio no Splendor Deck, principalmente porque Nick não quisera ficar fechado no escritório. E não podia ir para sua suíte, porque Jenna estava lá. Estar no mesmo espaço com ela sem reagir à sua presença estava se tornando mais do que um desafio.

Os últimos dias haviam sido terríveis. Estar com Jenna todos os dias, dormir no mesmo corredor, sabendo que ela estava lá, estendida sobre uma cama king-size, provavelmente usando o que costumava usar... uma blusa sem manga e uma calcinha minúscula... praticamente o matara. Nick tomara mais banhos frios nos últimos três dias do que nos últimos dez anos.

Seu plano de seduzir Jenna e depois abandoná-la estava se voltando contra ele. Era ele quem estava sendo seduzido. Que estava enlouquecendo de desejo. Era hora de fazer um movimento. Hora de levá-la para cama. Antes que eles tivessem o resultado do exame de DNA.

Esta noite, decidiu Nick. Esta noite teria Jenna Baker de volta em sua cama. Onde a quisera durante o último ano.

— Chefe?

Ele ficou quase surpreso ao ouvir a voz de Teresa. Ora, tinha se esquecido de onde estava e o que estava fazendo. Somente de pensar em Jenna seu corpo enrijecera.

— O que foi? — Nick virou-se de lado para sua assistente, e esperou que ela não notasse a evidência do quanto ele estava sedento por Jenna.

— O laboratório de Cabo ligou. Eles enviaram um fax para Los Angeles com os resultados do exame de DNA.

— Ótimo. — Ele tentou relaxar a tensão imediata que o percorreu. Não havia nada a fazer sobre aquilo exceto esperar os resultados. Os

quais provavelmente chegariam no dia seguinte. Então, sim. A noite certa era hoje.

— Você quer que eu informe Jenna?

Nick franziu o cenho para sua assistente, então relaxou a expressão. Não era culpa dela se ele se sentia uma pilha de nervos.

— Não, obrigado. Eu farei isso.

— Certo. — Teresa suspirou. — Ouça, sei que isso não é da minha conta...

— O que nunca a deteve antes — disse ele com um sorriso.

— Suponho que não — admitiu ela, passando uma mão pelos cabelos. — Então, deixe-me apenas dizer que não acho que Jenna esteja tentando enganá-lo.

Nick ficou totalmente imóvel. Da praia vinham sons de buzinas de carros e um murmurinho que somente uma multidão de turistas era capaz de produzir. Ondas batiam no casco do navio, e o vento jogava fios de cabelos nos seus olhos.

Afastando-os, ele olhou para Teresa.

— Verdade?

Ela ergueu o queixo, endireitou os ombros e o encarou.

— Verdade. Jenna não me parece do tipo que faria uma coisa dessas. Ela nunca se importou com o seu dinheiro ou com quem você era.

— Teresa... — Nick não queria falar sobre aquilo, e não se importava com o que sua assistente pensava sobre Jenna. Mas conhecendo Teresa, não havia meios de detê-la. Um instante depois, ele provou que estava certo.

— ...eu ainda estou falando. E se você vai me despedir por falar demais, então vou terminar o que comecei, de qualquer forma.

— Tudo bem. Termine.

— Eu não disse nada quando você a despediu, lembra-se? Cheguei a concordar com seu ponto de vista até certo ponto. Sim, Jenna deveria ter contado que trabalhava para você, mas entendo por que ela não contou.

— Isso é ótimo, obrigado.

Teresa ignorou a ironia e continuou:

— Eu nem mesmo falei nada quando ela partiu e você ficou num estado lamentável, parecendo uma pantera com um dos pés presos numa armadilha de aço.

— Ei...

— Mas estou falando agora — interrompeu ela, e até mesmo apontou um dedo para Nick, como se ele fosse um menino mal-educado de 10 anos. — Pode me despedir por isso se quiser, mas nunca vai conseguir uma assistente tão boa quanto eu, e sabe disso...

Cerrando os dentes, porque sabia que ela estava certa, Nick assentiu e ordenou:

— Fale de uma vez então.

— Jenna não é do tipo que mente.

Uma risada escapou da garganta dele.

— Certo, ela não lhe contou que era funcionária. Mas isso foi um erro. Lembre-se, eu a conheci na época também, Nick. Ela é uma boa menina, com um grande coração.

Ele se movimentou desconfortavelmente, porque não queria que Teresa estivesse certa. Era muito mais fácil acreditar que Jenna era mentirosa e manipuladora. Nick sabia como lidar com esse tipo de mulheres. Mas o que deveria fazer com uma mulher boa e gentil?

— *E* — adicionou Teresa com ênfase —, eu vi as fotos de seus filhos...

— Isso ainda não foi confirmado — replicou ele.

— Eles se parecem muito com você.

— Todos os bebês são iguais — argumentou Nick, apesar de saber que ela estava certa.

— Será? — Teresa sorriu e meneou a cabeça. — Eles têm seus olhos. Seus cabelos. Suas covinhas. — Ela se aproximou e tocou-lhe o braço. — Jenna não está mentindo, Nick. Você é pai. É melhor pensar em como vai querer lidar com este fato.

Ele virou o rosto para o mar e deixou o vento golpeá-lo. O oceano aberto à sua frente em geral era um bálsamo para sua alma, amenizando quaisquer tensões em seu interior. Mas não estava funcionando agora. E talvez nunca mais funcionasse.

Porque se fosse pai... então seu envolvimento com aquelas crianças não se resumiria a assinar um cheque todos os meses. Jamais permitiria que os gêmeos crescessem sem conhecê-lo. Independentemente da vontade de Jenna, Nick ficaria por perto. Seria parte da vida dos filhos, mesmo que isso significasse tirá-los da mãe.

O NAVIO PARECIA deserto.

Com a maior parte dos passageiros ainda explorando Acapulco, Jenna vagou pelos decks, sentindo-se a bordo de um navio fantasma. Naquele fim de tarde, voltou para a suíte de Nick, tomou um banho, colocou um vestido de verão azul, e agora estava lutando contra o nervosismo enquanto esperava que Nick retornasse para o jantar.

Engraçado, havia passado quase todos os momentos do dia e da noite com ele durante os últimos dias, sentindo sua tensão interna aumentar cada vez mais. Assim convencera a si mesma que precisava de tempo sozinha. Um tempo longe de Nick, para relaxar um pouco.

Mas então tivera este tempo sozinha hoje, e estava mais tensa do que nunca.

— Oh, você não está nada bem, Jenna — sussurrou ela enquanto saía na varanda. Ficava nervosa na presença dele, e quando estava sozinha, sentia falta de Nick. Seus cabelos se erguiam da nuca com o vento, e a bainha de seu vestido girava ao redor dos joelhos enquanto ela atravessava a varanda e cruzava os braços, mais para conforto do que para se aquecer.

Uma música suave do baile chegou aos seus ouvidos, e as notas brincavam na brisa fria no mar, como se a estivessem procurando deliberadamente. O instrumento lastimoso penetrava sua alma, fazendo-a se sentir melancólica. Aquela viagem tinha sido um erro? E se contar a Nick sobre os filhos não tivesse sido a coisa certa a fazer? E se... ela parou os pensamentos, dizendo a si mesma que era tarde demais para se preocupar com isso agora. Estava feito, e não podia voltar atrás.

Jenna suspirou, inclinou-se contra o parapeito da varanda e olhou para o mar. A luz da lua dançava na superfície da água num lindo brilho prateado. Nuvens se espalhavam num céu salpicado de estrelas, e o vento sempre presente levantava seus cabelos dos ombros com um toque gentil.

— Isto me lembra de alguma coisa.

A voz profunda de Nick causou um arrepio ao longo da coluna de Jenna, e ela teve de respirar fundo antes de virar a cabeça para olhá-lo. Ele estava parado à porta que levava ao terraço. Com as mãos nos bolsos, usava calça preta, camisa branca e um paletó preto impecável. Os cabelos escuros estavam desalinhados pelo vento, os olhos azul-claros eram intensos, e o maxilar estava rígido.

O coração de Jenna disparou no peito.

— Do quê? — sussurrou ela.

Ele saiu na varanda e, com passos lentos e medidos, aproximou-se.

— Da noite que nos conhecemos — respondeu Nick, posicionando-se ao seu lado no parapeito. — Lembra?

Como ela poderia esquecer? Estivera em pé no Pavilion Deck de *Falcon's Treasure*, o navio no qual estava trabalhando na época. Aquele canto do navio encontrava-se escuro e deserto, uma vez que a maior parte dos passageiros preferia passar o tempo na boate congestionada, na outra ponta do deck.

Então Jenna tinha escolhido aquele canto para si mesma, e ido quase todas as noites para lá, a fim de observar o mar enquanto a música da boate preenchia as redondezas. Nunca encontrara ninguém ali antes, até a noite que Nick a abordara.

— Eu lembro — disse ela, arriscando uma olhada de lado para ele. Grande erro. Nick estava perto demais. Os olhos muito intensos, a boca muito desejável. O aroma extremamente rico e tentador. Sentindo um friozinho na barriga, Jenna baixou as mãos para a barra de ferro, apertando-a com força.

— Você estava dançando, sozinha no escuro — murmurou ele como se ela não tivesse falado nada. Como se estivesse estimulando sua memória. — Você não me notou, então eu a observei balançar

ao ritmo da música, inclinar a cabeça para trás, seus cabelos deslizando pelos ombros.

— Nick...

— Havia um sorriso no seu rosto — continuou ele, a voz mais baixa e mais profunda agora. — Como se você estivesse fitando os olhos de seu amante.

Jenna engoliu em seco, e se moveu desconfortavelmente ao sentir seu corpo esquentar. De desejo.

— Não faça isso, Nick...

— E eu quis ser o amante para quem você sorria. O amante com quem você dançava no escuro. — Ele deslizou a ponta de um dedo ao longo do braço dela, e Jenna tremeu inteira.

Ela respirou profundamente, mas isso não ajudou. Sua mente continuava girando, seu coração batendo descompassado, e seu corpo esquentando e ganhando vida.

— Por que você está fazendo isso? — sussurrou Jenna, e ouviu o apelo desesperado em sua própria voz.

— Porque eu ainda quero você — disse ele, aproximando-se ainda mais, pousando as mãos nos ombros dela e virando-a de frente para si, até que seus corpos estivessem unidos. — Porque eu a vi parada à luz do luar e soube que se eu não a tocasse, explodiria. Quero você. Como eu queria naquela ocasião. Talvez mais.

Oh, ela se sentia da mesma maneira. Queria inclinar-se contra ele. Sentir a força e o calor do corpo másculo a envolvendo. Mas conteve-se. Determinada a lutar, a refrear o desejo que um dia a levaria para uma estrada que se tornara mais perigosa a cada quilômetro percorrido.

— Isso seria um erro — murmurou ela, meneando a cabeça, tentando ignorar a vibração da música, o som do trombone e saxofone, que pareciam despertar alguma coisa selvagem em seu interior. — Você sabe disso.

— Não — discordou Nick, subindo as mãos para os ombros dela, passando pelo pescoço e emoldurando-lhe o rosto. — Desta vez seria diferente. Desta vez, sabemos quem somos, no que estamos nos envolvendo. É somente desejo, Jenna. — Ele estudou-lhe as

feições, e ela sentiu o ar preso no peito. — Ambos sentimos isso. Ambos queremos isso. Por que negar o prazer a nós mesmos?

Por que realmente?

Sua mente lutava com o corpo traidor, e Jenna sabia que o pensamento racional ia perder. O desejo era grande demais, ardente demais. A tentação era muito forte. Ela lhe queria e desde o momento que o vira pela primeira vez, mais de um ano atrás. Sentira a falta de Nick, sonhara com ele, e agora que ele estava lá, tocando-a, iria realmente rejeitá-lo? Ir para sua cama solitária e sonhar com Nick novamente?

Não.

Iria se arrepender daquilo?

Talvez.

Iria fazer isso?

Oh, sim.

— Há provavelmente diversas razões para que negássemos o prazer a nós mesmos — sussurrou Jenna finalmente. — Mas não me importo com nenhuma delas. — Então, colocou-se na ponta dos pés enquanto Nick sorria, com um brilho de desejo ardente nos olhos.

— Boa menina — sussurrou ele, e tomou-lhe a boca num beijo que roubou o fôlego de Jenna e deixou sua alma em chamas, acordando sentimentos que estavam adormecidos há mais de um ano.

Braços fortes lhe rodearam a cintura, puxando-a para um contato mais íntimo. Jenna ergueu os próprios braços e os uniu atrás do pescoço dele, pedindo silenciosamente que Nick aprofundasse o beijo, que quisesse mais dela.

Ele quis.

Os braços másculos a apertaram até que ela mal podia respirar. Mas quem precisava de ar? Jenna gemeu, pressionando o corpo ao longo do de Nick e sentindo a extensão rígida contra si. Isso foi o bastante para enviar mais ondas de calor para seu corpo.

Ele continuou beijando-a, a língua sensual explorando sua boca, provando, mergulhando nos seus segredos. Jenna correspondeu ao beijo, sentindo o desejo dominá-la. Ele a liberou por um segundo e ela quase gemeu, mas então, mãos habilidosas estavam lhe

acariciando as costas, definindo cada linha, cada curva sua. Quando as palmas de Nick lhe seguraram as nádegas, ela suspirou contra a sua boca e entregou-se ao deleite dos toques.

— Eu preciso de você — sussurrou Nick, mordiscando-lhe o pescoço.

Jenna virou a cabeça, permitindo-lhe melhor acesso, e fechou os olhos, apreciando a magia do momento.

Ao redor deles, a música que tocava e a brisa do oceano os envolviam num abraço prazeroso. A luz da lua os banhava de um céu estrelado, e quando Nick ergueu a cabeça e a fitou, Jenna viu fogo naqueles olhos azuis, sentiu a tensão controlada vibrando no corpo másculo, e sentiu o desejo dele tão latente quanto o seu.

— Agora. Aqui. — Nick levantou as mãos e abriu o zíper traseiro do vestido, expondo-lhe as costas para o vento noturno. Então, deslizou as alcinhas pelos ombros delgados, e Jenna sentiu-se subitamente grata por não ter colocado um sutiã por baixo do tecido leve de verão.

Agora não havia nada que a separasse do toque dele. Do calor daquelas mãos. Nick segurou-lhe os seios em suas mãos e roçou os mamilos rijos e doloridos até quase enlouquecê-la de prazer. Jenna se balançou contra ele, inclinando a cabeça para trás e fechando os olhos, enquanto se concentrava unicamente na experiência atual.

Uma experiência incrível, preenchendo-a com um desejo muito maior do que já sentira por ele. No espaço de um ano, Jenna havia crescido, mudado, e agora que estava com Nick novamente era capaz de *sentir* mais.

— Linda — murmurou ele, a voz não passando de um sussurro rouco. — Olhando fixamente para seus seios, acrescentou: — Ainda mais linda do que me recordo.

— Nick — sussurrou ela com fraqueza. — Eu quero...

— Eu sei. — Ele inclinou a cabeça, tomando primeiro um dos mamilos na boca, depois o outro, lambendo-os, mordiscando-os... até que a cabeça de Jenna estivesse girando e ela sentisse que cairia se ele não a estivesse segurando.

Ele deslizou o resto do vestido para baixo, deixando-o cair no chão, e Jenna estava banhada pela luz do luar, usando apenas

sandálias de saltos e uma calcinha branca de seda. E sentia-se tão coberta, como se a renda frágil de sua calcinha lhe queimasse a pele. Tudo que queria agora era Nick. Queria sentir o corpo másculo cobrindo o seu, senti-lo penetrando o centro de seu ser.

Ela o amava. Que Deus a ajudasse, ainda o amava. Por que somente Nick era capaz de lhe causar estas sensações? Por que era o único homem que seu coração desejava? E o que ia fazer sobre isso?

Então ele a tocou mais profundamente, e todos seus pensamentos desapareceram. Tudo que podia fazer era sentir.

— Por favor — suplicou Jenna num gemido. — Eu preciso...

— Eu também preciso — disse ele, erguendo-lhe a cabeça, fitando-lhe os olhos, enquanto deslizava uma das mãos por baixo do elástico da calcinha e segurava seu centro de calor.

Jenna se balançou contra ele, inclinou-se, mas Nick não a deixou descansar. Em vez disso, virou-a, pressionou-lhe as costas contra seu peito, de modo que ela ficasse diante da imensidão do mar.

Nick usou uma das mãos para lhe provocar os mamilos, enquanto a outra explorava sua umidade quente.

Contorcendo-se de puro prazer, Jenna arfou, incapaz de falar qualquer coisa. Não havia pensamentos se formando em sua cabeça. Estava vazia, exceto para as sensações que ele criava. Nick inclinou a cabeça e sussurrou no seu ouvido:

— Observe o mar, a luz da lua. Perca-se neles enquanto eu me perco em você...

Ela fez o que ele pediu, lutando para manter os olhos abertos e focar no mar brilhante, enquanto Nick inseria um dedo, depois outro, em seu calor. Jenna perdeu o fôlego e quis fechar os olhos, mas resistiu. Permaneceu olhando para o mar e o céu se estendendo infinitamente à sua frente, e lutou para respirar, enquanto os dedos mágicos a conduziam por uma estrada de prazer sensual.

Ele explorou, provocou e a torturou por momentos infundáveis. E quando o polegar começou a massagear-lhe o clitóris, Jenna fixou o olhar no oceano e entregou-se completamente à sobrecarga sensorial que estava experimentando.

— Atinja o clímax para mim — sussurrou Nick, a voz rouca em seu ouvido. — Deixe-me ver você. Deixe-me senti-la chegando lá.

A voz dele foi uma tentação. Porque ela estava tão perto de um clímax. Seus joelhos tremiam, sua respiração estava ofegante, o coração disparado, e a tensão em seu interior era quase maior do que podia suportar, enquanto ele continuava tocando-a e enlouquecendo-a. E quando Jenna pensou que não sobreviveria mais um segundo, gritou o nome dele e liberou o seu prazer. Tremendo dos pés a cabeça, sentiu-se sendo envolvida pelos braços fortes de Nick.

Jenna descansou a cabeça no ombro dele, engoliu em seco e lutou para falar:

— Isso foi...

— Só o começo — terminou Nick por ela, pegou-a nos braços e carregou-a para dentro da suíte. Ele estava balançando na extremidade da razão. Tocá-la, sentir Jenna se rendendo e atingindo o clímax... tudo havia se unido para construir um fogo em seu interior como ele nunca conhecera.

Sedução tinha sido o plano.

Mas, de quem?

Ele pensara em usá-la, alimentar o desejo que Jenna lhe causara, então ser capaz de abandoná-la. Tirá-la da cabeça, do seu sangue. Todavia, aquele momento com ela no terraço apenas o fizera querer mais. Necessitava tê-la sob seu corpo, contorcendo-se enquanto ele a possuía.

Jenna estava curvada contra seu peito de uma maneira tão confiante que tocou alguma coisa dentro dele da qual Nick não tinha ciência. Ela era problema. Nick sabia disso. Sentia. E não podia se impedir de querer-lhe.

De tê-la.

Em seu quarto, Nick andou até a cama, inclinou-se e puxou a colcha com uma mão, jogando-a aos pés do colchão. Então deitou Jenna sobre lençóis brancos e admirou-a por um longo momento. A luz do luar a acariciava ali também, infiltrando-se através do banco de vidros que alinhava sua suíte. Ela sorriu-lhe.

— Venha para mim, Nick — pediu, estendendo os dois braços num convite.

Ele não precisou de mais incentivo. Despindo-se, juntou-se a Jenna na cama, cobrindo-lhe o corpo com o seu e rendendo-se ao inevitável. Mais de um ano atrás, o primeiro encontro dos dois tinha acabado na cama. Agora, parecia, eles haviam feito o círculo completo.

Nick deslizou as mãos pelo corpo delicioso e soube que nunca seria capaz de tocá-la o bastante. Inalando, saboreou o aroma dela. Inclinou a cabeça e provou a pele doce na base do pescoço, onde sentiu a pulsação acelerada contra sua boca.

Tocou-lhe o sexo, mergulhando os dedos no calor feminino mais uma vez, e Jenna arqueou os quadris da cama, contorcendo-se e gemendo.

O corpo de Nick doía e clamava por liberação. Somente por tocá-la. Era sempre Jenna que fazia isso com ele. Que o transformava num homem possuído, que não podia pensar em nada, exceto em exigir o que sabia ser seu.

Com este pensamento, Nick saiu dos braços dela, ignorando o protesto suave de Jenna. Alcançando a gaveta do criado-mudo, abriu-o, pegou um preservativo e, em poucos segundos, vestiu-o. Então voltou e posicionou-se entre as pernas dela.

Ele deu-lhe um pequeno sorriso.

— Da última vez, nós nos esquecemos desta parte, e veja o que aconteceu.

— Você está certo — disse ela, estendendo a mão para acariciar-lhe a extensão rija, os dedos deslizando sobre o fino látex numa carícia que fez Nick arfar. — Agora, você vai liberar seu prazer para mim?

Nick apartou-lhe as pernas e prendeu-lhe o olhar enquanto a penetrava. Centímetro por centímetro, ele a invadiu, torturando ambos com investidas deliberadamente lentas.

Jenna movia os quadris sob ele, os olhos fechados, enquanto mordiscava o lábio inferior. Ela segurou-lhe os braços, as unhas curtas enterrando em sua pele, e aquela foi a gota d'água. O toque final que enviou Nick à extremidade da razão.

Ele se enterrou mais fundo dentro dela e começou a acelerar o ritmo das investidas... um ritmo que era tão velho quanto o tempo, e novo e excitante.

Jenna o acompanhou, e eles executaram uma dança erótica, os corpos unidos, derretendo-se, tornando-se um só ser enquanto buscavam o mesmo fim. Ele fitou-lhe os olhos, perdendo-se nas suas profundezas. Ela sustentou-lhe o olhar até que finalmente fechou os olhos, gritou o nome de Nick e tremeu violentamente com o clímax explosivo.

A liberação de Nick veio um momento depois, e ele ouviu o próprio grito quando um tremendo alívio o percorreu repetidamente, como se o prazer nunca fosse acabar.

Quando tombou por cima dela, ainda não tinha certeza de quem seduzira quem.

Capítulo 7

FOI uma longa noite.

Como se tivessem destruído a barreira invisível que os separava, Jenna e Nick atingiram o clímax ao mesmo tempo diversas vezes durante a noite. Até que finalmente, exaustos, adormeceram um pouco antes do amanhecer.

Quando Jenna acordou várias horas mais tarde, estava sozinha na grande cama. Afastando os cabelos dos olhos, sentou-se, puxou o lençol de seda branca até o peito e olhou ao redor do quarto, como se esperando que Nick aparecesse das sombras. Mas ele não apareceu.

Cuidadosamente, uma vez que seus músculos estavam doloridos, ela saiu da cama, seguiu o corredor para seu próprio quarto e foi direto para o banheiro. Enquanto tomava um longo banho, sua mente voltou para a noite anterior, fazendo-a imaginar se as coisas seriam diferentes entre eles agora. Contudo, se pensasse sobre isso, se desejasse isso, quão mais desapontada poderia ficar se não acontecesse?

Nick não fizera promessas.

Assim como não tinha feito promessas um ano atrás, durante a incrível semana deles juntos.

Portanto, basicamente, Jenna disse a si mesma, ela havia cometido o mesmo erro de antes... indo para cama com o homem que amava... apesar do fato de ele não amá-la.

— Oh, Deus. — Ela descansou a testa contra os azulejos brancos, enquanto jatos de água quente massageavam suas costas. — Jenna,

se você vai cometer erros... e todos cometem... pelo menos cometa *novos* erros.

Depois do banho, ela vestiu um shorts branco e uma blusa verde-escura. Então, sentou-se na cama e tentou pensar no que faria a seguir. O único problema era que não tinha ideia do que fazer com o que estava acontecendo em seu mundo. Aquilo tudo parecera uma ideia tão simples. Ir até Nick e contar-lhe sobre os garotos. Voltar para casa e para sua vida de sempre.

Mas agora, tudo parecia... complicado.

Falando sozinha sobre decisões estúpidas e consequências, Jenna olhou para o relógio no criado-mudo e notou o telefone. Instantaneamente animou-se. Era disso que precisava, percebeu. De contato com o mundo real. Falar com sua irmã. Ouvir seus filhos arrulhando.

Pegando o telefone, ela foi imediatamente atendida pela telefonista do navio, deu o número que queria e esperou enquanto o telefone do outro lado da linha tocava e tocava. Finalmente, Maxie atendeu ofegante e disse:

— Eu não tenho tempo para vendedores.

Rindo, Jenna recostou-se contra a cabeceira.

— Olá para você também.

— Oh, Jenna, é você. — Maxie deu uma risada. — Desculpe sobre isso, mas seus bebês estão me deixando meio louca.

Ela se sentou mais ereta, a expressão preocupada.

— Eles estão bem?

— *Eles estão* bem — Maxie a tranquilizou. — Sou eu quem vai morrer logo. Como você faz isso todos os dias? Se algum dia eu me esquecer de lhe dizer o quanto você é incrível, lembre-me deste momento.

— Obrigada, farei isso. Então os meninos estão bem?

— Felizes como moluscos — disse sua irmã, então parou e perguntou preguiçosamente: — Todavia, como sabemos que moluscos são felizes? Não é como se eles sorrissem, assobiassem ou algo assim...

— Um dos grandes mistérios do universo.

— Amém.

De fundo, Jenna ouvia a televisão e pelo menos um bebê chorando.

— Quem está chorando? — perguntou ela.

— Jacob — respondeu Maxie, a voz abafada por um minuto. — Estou segurando Cooper e lhe dando uma mamadeira, e Jake quer sua vez. Não tem muita paciência, este menino.

— Verdade, Jake é um pouco mais difícil do que Cooper. — Jenna ficou calada então, enquanto Maxie lhe contava como ia a rotina dos bebês. Ela sorria ao ouvir, mas seu coração parecia doer, também. Queria estar lá, segurando seus filhos, tranquilizando-os, alimentando-os. E sofria por não estar.

— Em resumo, está tudo bem por aqui — finalizou sua irmã. — E você? Como Nick recebeu a notícia?

— Ele não acredita em mim.

— Bem, ele é um imbecil.

Jenna fez uma careta. Maxie não era uma grande fã de Nick Falco. Sua irmã havia sido cortejada com luxo, e depois dispensada por um homem rico alguns anos atrás, e desde então, não tinha muita fé nos homens em geral... e não particularmente nos homens ricos.

— Mas ele fez o exame de DNA, e o resultado será enviado por fax para o nosso laboratório. Terá a prova amanhã ou depois, e não poderá continuar negando.

— Ótimo. Então você volta para casa, certo?

— Sim. — Jenna puxou a bainha do shorts com a ponta dos dedos. Não ficaria a bordo do navio durante o cruzeiro inteiro. Fizera o que tinha ido fazer lá, e permanecer perto de Nick mais tempo do que o necessário só iria complicar ainda mais as coisas.

— Eu amo meus sobrinhos — Maxie estava dizendo —, mas acho que eles estão tão prontos para sua chegada quanto eu.

— Sinto tanta saudade deles. — O coração de Jenna se contraiu novamente ao ouvir o choro zangado de Jake.

— Hã-hã. Agora fale por que você realmente ligou.

— Eu liguei para saber dos meus filhos.

— Oh, em parte sim. Agora quero ouvir o resto — insistiu Maxie.

— Não sei o que você quer dizer.

— Espere, preciso trocar os bebês. Cooper acabou, e agora é a vez de Jake.

Jenna esperou e ouviu sua irmã falando com ambos os garotos, obviamente deitando Cooper e pegando Jake, uma vez que o choro infantil era agora mais alto e mais exigente. Ela sorriu quando o choro parou abruptamente, e soube que ele estava ocupado com a mamadeira.

— Pronto, estou de volta — anunciou Maxie um momento depois.

— Agora, conte-me o que aconteceu entre você e Nick.

— O que você quer dizer?

— Sabe exatamente o que quero dizer, e o fato de estar evitando a pergunta me diz o que aconteceu — disse sua irmã. — Você dormiu com ele de novo, não dormiu?

Jenna inclinou-se contra a cabeceira e olhou para o teto.

— Jenna...

— Não dormimos muito, mas sim.

— Droga, Jenna...

— Eu já sei que foi um erro, então se você não se importa...

— Um erro? Esquecer-se de comprar pão no mercado é um erro. Dormir com um homem que já a dispensou uma vez é um desastre.

— Bem, muito obrigada — disse Jenna secamente. — Isso faz com que eu me sinta imensamente melhor.

Maxie suspirou, depois sussurrou:

— Está tudo bem, Jake, eu não estou gritando com você. Estou gritando como sua mãe. — Então acrescentou em voz mais alta:

— Certo, desculpe por gritar. Mas Jenna, você sabe que nada de bom pode resultar disso.

— Eu sei. — Ela não acordara numa cama vazia, sem sinal do amante carinhoso com quem passara a noite? Nick não poderia ter sido mais claro para informá-la do quão pouco ela significava. — Deus, eu sei.

— Venha para casa — pediu Maxie.

— Eu irei. Logo.

— Agora.

— Não — disse Jenna, meneando a cabeça, enquanto punha as pernas para fora da cama e se sentava ereta. — Preciso falar com

ele.

— Vocês já não conversaram tudo que há para conversar?

Provavelmente, pensou Jenna. Afinal de contas, não ia contar-lhe que o amava. E não era só esta informação que faltava a Nick? Ela não fizera o que tinha ido fazer lá? Não completara sua missão, e mais?

— Maxie...

Sua irmã suspirou, e Jenna quase podia vê-la fazendo uma careta.

— Eu apenas não quero que seja destruída novamente — respondeu Maxie. — Ele não é o homem certo para você, Jenna, e no fundo, você sabe disso. Está somente pedindo para ser rejeitada mais uma vez.

O fato de sua irmã estar certa não mudava nada. Jenna sabia que não podia ir embora até que visse Nick novamente. Descobrisse o que a noite anterior significara para ele. Necessitava provar para si mesma, de um jeito ou de outro, que não havia futuro para eles. Somente assim seria capaz de se libertar e criar uma vida para si mesma e para seus filhos.

— Se eu me machucar novamente, irei me recuperar — disse ela com firmeza, então continuou: — Aprecio sua preocupação comigo, Maxie, mas tenho de passar por isso. Portanto, eu lhe telefono quando estiver voltando para casa. Tem certeza de que pode cuidar dos meninos por mais alguns dias?

Houve um longo momento de silêncio antes que sua irmã dissesse:

— Sim. Nós estamos bem.

— E quanto ao trabalho? — Maxie era tradutora de textos médicos. Trabalhava em casa, o que era um bônus para ocasiões como aquela, quando Jenna precisava de uma babá com rapidez. Como agora.

— Eu trabalho enquanto os bebês tiram suas sonecas. Estou me virando. Não se preocupe com isso.

— Certo, obrigada.

— Jenna? Tome cuidado, tudo bem?

A porta da suíte se abriu e uma criada entrou. Ela viu Jenna, fez um gesto de desculpa e começou a sair novamente.

— Não, espere. Você pode entrar agora. — Então para sua irmã:
— A empregada está aqui, tenho de desligar. Eu telefono em breve.
E beije os meninos por mim, certo?

Quando desligou, Jenna não sabia se estava se sentindo melhor ou pior. Era ótimo saber que seus filhos estavam bem, mas as palavras de Maxie continuavam martelando no seu cérebro. Sim, sua irmã tinha preconceito contra homens ricos, mas o que dizia fazia sentido também. Jenna quase *fora* destruída após a separação com Nick um ano atrás.

Desta vez, todavia, tinha a distinta impressão de que a dor de perdê-lo ia ser muito, muito pior.

NICK NUNCA se considerara um covarde.

Ora, tinha escalado até o topo do mundo financeiro. Construído um império com nada além de sua coragem e um sonho. Criado um mundo que era tudo que sempre quisera.

Entretanto... algumas horas atrás, havia saído da cama e deixado Jenna dormindo sozinha no seu quarto, porque não quisera falar com ela.

— Mulheres — murmurou ele, inclinando-se contra a balaustrada da proa do Splendor Deck, seus olhos percorrendo a costa de Acapulco —, sempre querem *conversar* na manhã seguinte. Sempre precisam analisar e criticar tudo que você fez ou disse na noite anterior.

Mas não havia nada para analisar, lembrou a si mesmo. Ele a tivera, exatamente como planejava, e agora estava tudo acabado... também como tinha planejado.

É claro que seu corpo enrijecia e seu peito se contraía com esse pensamento, mas não importava. O que importava era que tivera Jenna sob si, sobre si, ao seu redor, e agora podia esquecê-la completamente. Sem mais sonhos o perseguindo. Sem mais pensamentos sobre ela.

Estava acabado.

Franzindo o cenho, Nick observou surfistas no mar e turistas tomando sol na praia. Brilhantes guarda-sóis listrados estavam

espalhados ao longo da areia, e garçons vestidos de branco se moviam entre a multidão, oferecendo drinques típicos.

Então, se estava tudo acabado, por que continuava pensando nela?

Porque, reconheceu silenciosamente, aquela noite com Jenna tinha sido diferente de qualquer coisa que ele já experimentara desde a última vez que eles haviam estado juntos. Nick não era um monge. E, uma vez que era solteiro, não via problema em ter quantas mulheres quisesse. Contudo, nenhuma mulher jamais mexera com ele como Jenna mexia.

Ela o fazia sentir coisas nas quais ele não tinha interesse. Instigava-o a desejar mais do que deveria. Esta ideia tanto o intrigava quanto o aborrecia. Não estava procurando mais do que sexo casual com uma mulher disposta. E nada sobre Jenna era casual. Ele já sabia disso.

Então, a melhor coisa que podia fazer era ficar longe dela.

Seria melhor para ambos. Nick se afastou da balaustrada com desgosto. Mas não ia se esconder no seu próprio navio. Encontraria Jenna, e lhe diria que não tinha interesse numa repetição da noite anterior... e *agora* quem estava mentindo? Ele virou-se para ver Jenna andando na sua direção, e seu corpo enrijeceu de imediato.

No sol do fim da manhã, ela estava linda. Os cabelos loiros pendiam soltos sobre os ombros. A blusa se aderira aos seios... sem sutiã... e a boca de Nick secou. O shorts branco realçava a pele bronzeada das pernas delgadas. Os olhos azuis estavam presos nos seus, e Nick teve de se forçar para permanecer imóvel. Para não puxá-la para seus braços e provar-lhe a boca deleitável mais uma vez.

Ela ajeitou a bolsa a tiracolo no ombro e parou à sua frente. Afastando os cabelos dos olhos, encarou-o e disse:

— Fiquei me perguntando para onde você tinha desaparecido.

— Eu precisava cuidar de alguns assuntos — replicou Nick, e isso era parcialmente verdade. Ele já tinha demitido a banda que se recusara a fazer o combinado, e encontraria o empresário de outra banda contratada em meia hora.

Mesmo assim, ele a estivera evitando.

— Ouça, Nick...

— Jenna... — Ele falou ao mesmo tempo, querendo interromper qualquer tentativa de romantizar a noite anterior. Já era ruim o bastante refletir muito sobre aquilo.

— Eu primeiro, certo? — murmurou Jenna rapidamente, antes que ele tivesse chance de continuar. Ela lhe deu meio sorriso, e Nick preparou-se para perguntas como “o que significa para você”. Era por isso que ele normalmente só procurava mulheres que não queriam mais do que uma noite de divertimento.

— Eu só quero dizer que ontem à noite foi um erro.

— O quê? — Não era o que Nick estava esperando.

— Nós não deveríamos. — Ela olhou ao redor para se certificar de que eles estavam a sós. Estavam, porque aquela ponta do Splendor Deck era anexa à suíte de Nick, e inacessível aos passageiros. — Eu não vim para cá com a finalidade de ir para a cama com você. Isso não estava nos meus planos, e agora lamento muito que tenha acontecido.

Nick sentiu-se totalmente ultrajado. Ela *lamentava* estar com ele? Como isso era possível? Ele estivera lá, ouvira os gemidos e gritos. *Sentira* a rendição de Jenna. Tinha tremido com a força do clímax dela e sabia que lhe dera incrível prazer. Então, como ela podia lamentar?

Mais, como ele poderia dispensá-la, conforme o plano, se Jenna o estava dispensando primeiro?

— Você está falando sério? — ele conseguiu perguntar entre dentes cerrados.

— Ora, Nick, sabe tão bem quanto eu que isso não devia ter acontecido. Você só está interessado em relacionamentos que duram a extensão de um cruzeiro, e eu sou uma mãe solteira. Não estou na posição de ser a “gatinha do mês” de ninguém.

— “Gatinha do mês”? — Ele estava insultado, e o fato de que estivera prestes a lhe dizer quase a mesma coisa que ela estava falando o deixou perdido.

Jenna apertou a bolsa de palha junto ao corpo.

— Eu só estou dizendo que o que aconteceu ontem à noite não vai se repetir.

— Sim, eu entendi. — E agora que Jenna falara aquilo, ele a desejava mais do que nunca. Não que fosse admitir isso para ela. — Provavelmente este é o melhor caminho.

— Sim, é — confirmou ela, mas o tom de voz era melancólico. Ou ele estava ouvindo o que queria ouvir?

Estranho, alguns minutos atrás Nick estivera pensando em como dispensá-la. Em como lhe dizer que estava tudo acabado. Agora que Jenna tinha tomado a mesma iniciativa, ele se sentia diferente. O que estava lhe acontecendo?

Qualquer coisa que fosse, disse a si mesmo com firmeza, era hora de cortar pela raiz. Não ia tropeçar em suas próprias emoções mais profundas. Não por uma mulher que ele já sabia ser mentirosa.

Além disso, Jenna não tinha ido ao cruzeiro por ele, mas pelo que Nick poderia lhe dar. Ela comprara passagem naquele navio com o único propósito de lhe tirar dinheiro. Claro, era uma pensão alimentícia. Mas Jenna ainda queria dinheiro. Então, o que a tornava diferente das mulheres que ele conhecera?

— Sinto atração por você — ela estava dizendo, e parecia ter dificuldade em admitir —, mas então suponho que já percebeu isso.

Jenna estava vermelha? As mulheres ainda enrubesciam?

— Mas não vou permitir que meus hormônios me controlem — acrescentou ela, encarando-o com determinação. — Logo, você estará navegando pelo mundo com uma morena ou uma ruiva no braço, e eu estarei de volta a Seal Beach, cuidando dos meus filhos.

Os bebês.

De Jenna? Seus?

Ele não queria discutir o assunto até que tivesse certeza. Em vez disso, decidiu virar o jogo. Lembrá-la de que ela estava em seu navio, e de que era ela quem tinha ido procurá-lo, não o contrário.

— Não pense mais sobre isso, Jenna. — Nick ergueu-lhe o queixo com a ponta dos dedos. — Foi apenas uma noite. Uma imagem numa tela de radar.

Ela piscou.

— Nós nos divertimos — continuou ele, não deixando transparecer a tensão interior que sentia. — Agora acabou. Fim da história.

Nick observou suas palavras atingindo Jenna, e por um segundo, desejou retirá-las. Perguntou-se então de onde tinha vindo este sentimento.

— Tudo bem, então — disse Jenna, a voz baixa quase inaudível com o barulho do mar abaixo. — Agora sabemos qual é a nossa posição.

— Sim, sabemos.

— Neste caso — Jenna forçou um sorriso —, talvez eu deva voar para casa mais cedo. Posso pegar um voo de Acapulco facilmente. Falei com minha irmã hoje, e ela está enlouquecendo...

Nick a interrompeu instantaneamente:

— Os bebês estão bem?

Ela o fitou com expressão interrogativa.

— Sim, é claro. Os meninos estão bem, mas Maxie não está acostumada a lidar com eles 24 horas por dia, o que pode ser muito exaustivo, então...

— Eu gostaria que você não fosse embora ainda — disse ele.

— Por que não?

Porque ele não estava pronto para deixá-la partir. Todavia, como admitir isso seria se rebaixar, respondeu:

— Eu queria você aqui até que recebêssemos o resultado do exame de DNA.

Jenna abaixou o olhar por um instante, então encontrou o seu novamente.

— Você falou que provavelmente teremos uma resposta hoje, de qualquer forma.

— Então você pode esperar sem problemas.

— Do que se trata realmente, Nick? — questionou ela.

— Apenas o que eu falei. — Ele lhe segurou o braço com firmeza e a virou. Sentindo o calor emanando do corpo dela, lutou contra a vontade de puxá-la para si e beijar-lhe o ponto que pulsava na base do pescoço. De levantar aquela blusa feminina e tocar os seios magníficos.

Droga, estava excitado e muito irritado por este simples fato.

Conduzindo-a ao longo do largo corredor, Nick seguiu em direção à sua suíte.

— Nós temos assuntos inacabados, Jenna. E até que acabem de vez, você vai ficar.

— Talvez eu deva ficar em outra cabine.

— Com medo que não consiga se controlar? — provocou Nick, abrindo a porta e permitindo que ela o precedesse dentro da suíte.

— Em seus sonhos — replicou Jenna, e jogou sua bolsa no sofá.

— E nos seus.

Jenna o olhou e se sentiu enfraquecendo. Não era justo que aquilo fosse tão difícil. Não era justo que seu corpo quisesse e seu coração ansiasse, mesmo quando sua mente lhe dizia para recuar. Ela precisava sair daquele navio. Logo.

No silêncio tenso, veio o som de um bip de outro cômodo, e Jenna o fitou com expressão interrogativa.

— Máquina de fax.

Ela assentiu, e, quando ele saiu, presumivelmente para ver o fax que chegara, Jenna foi para o quarto de Nick. Tudo que queria era pegar a calcinha que tinha deixado lá na noite anterior. E melhor fazer isso quando ele estava ocupado em outro lugar.

Enquanto abria a porta, ouviu Nick chamando.

— É do laboratório.

Se ele falou mais alguma coisa, Jenna não ouviu. Nem mesmo sentiu uma onda de prazer, sabendo que agora Nick não teria escolha senão acreditar que era pai de seus filhos.

Em vez disso, seu olhar estava fixo na cama, e seu cérebro em curto-circuito enquanto ela encarava a ruiva *nua* muito surpresa deitada sobre a cama de Nick.

Capítulo 8

— JENNA? — A voz de Nick veio na sua direção, mas ela não se virou.

— Ei! — Os olhos da ruiva se arregalaram, enquanto ela tentava se cobrir... um pouco tarde demais... com a colcha preta. — Eu não sabia que ele já tinha companhia...

Nick apareceu atrás de Jenna, e ela o sentiu ficar tenso.

— Quem é você? — demandou ele furioso, passando por Jenna para encarar a mulher que o fitava com expressão de pânico.

— A "gatinha do mês"? — perguntou Jenna brevemente.

— Ouça — começou a ruiva, que estava debaixo da segurança da colcha —, posso ver que cometi um erro aqui e...

— Oh, não vá embora por minha causa — disse Jenna com escárnio, então se virou e marchou pelo corredor em direção ao seu próprio quarto.

— Jenna, espere. — A voz de Nick era furiosa, mas ela não se importou. Não queria ouvir nenhuma explicação. Qual poderia ser, de qualquer forma? Havia uma mulher nua na cama dele, e Nick nem parecera surpreso, apenas zangado. O que dizia a Jenna tudo que ela precisava saber. Aquilo acontecia *muito* com ele.

Um simples fato que deixava algo perfeitamente claro para Jenna.

Era mais do que hora de partir.

Deus, como era tola. Até mesmo se permitira *pensar* que o amava. Era algum tipo de sádica, por acaso?

Ela entrou no quarto agindo como um piloto automático. Cegamente, andou até o armário, pegou sua mala e jogou-a sobre a

cama. Abrindo a tampa, virou-se para o armário mais uma vez. Enchendo um braço de roupas, carregou-as até a mala, jogou-as lá dentro e estava voltando para o armário pela segunda vez quando Nick chegou.

Ele caminhou diretamente até ela, segurou-lhe o braço e a girou.

— O que você pensa que está fazendo?

Jenna se desvencilhou e deu-lhe um olhar que deveria tê-lo congelado no lugar. Estava furiosa, magoada e constrangida. Uma combinação perigosa.

— Isso deveria ser bastante óbvio, mesmo para você. Eu estou indo embora.

— Por causa da ruiva?

— Qual é o problema, você não consegue lembrar o nome dela?

— Eu nunca a *vi*, pelo amor de Deus — gritou ele, passando uma das mãos pelos cabelos em óbvia irritação. — Como eu poderia saber o nome dela?

— Pare de gritar comigo! — berrou Jenna de volta. Sentia o sangue correndo nas veias, a mente girando num turbilhão de pensamentos e emoções conflitantes, e a única coisa que sabia com certeza era que não pertencia àquele lugar. Não podia ficar lá nem mais um minuto. — Estou indo embora, e você não pode me impedir.

— Jenna, ouça, os resultados do laboratório chegaram...

Não era exatamente desse jeito que tinha imaginado aquela conversa, pensou Jenna, indignada. De alguma forma, havia visualizado Nick e ela lendo o resultado juntos. Na sua mente, observava enquanto ele descobria a verdade, quando reconhecia que era o pai.

É claro, não tinha visualizado uma ruiva nua sendo parte da cena.

— Nós precisamos conversar.

— Oh, já dissemos tudo que havia para dizer um para o outro — replicou Jenna, dando um passo atrás quando ele tentou tocá-la novamente. — Peça para seus advogados me contatarem — acrescentou, então foi para o banheiro da suíte, a fim de pegar os artigos de banho que havia espalhado sobre o balcão.

— Droga — exclamou Nick, a voz tão tensa quanto ela se sentia por dentro. — Eu acabei de descobrir que sou *pai*, pelo amor de Deus. Preciso de um minuto aqui. Se você se acalmar, podemos discutir isso...

— Você não deveria estar no seu quarto com a srta. “Pronta e Disposta”? — Jenna perguntou docemente, enquanto passava por ele, roupas na curva de seu braço.

Nick balançou a cabeça.

— Ela está se vestindo e indo embora — respondeu ele, agarrando o braço de Jenna novamente e virando-a para que ela o encarasse.

Que Deus a ajudasse, mas seu corpo ainda reagia àquelas mãos poderosas. Apesar de tudo, ela sentiu o calor, a paixão ardendo em seu interior e se misturando com uma grande fúria, e teve certeza que aquilo não era uma coisa boa. Tinha de sair de lá.

Mas Nick apenas aumentou a pressão do aperto em seu braço.

— Eu não a convidei. Ela subornou uma empregada.

Jenna engoliu em seco, abaixou o olhar para as mãos dele no seu braço e disse:

— Você está me machucando. — Não era verdade, mas a declaração foi o bastante para que ele a liberasse.

— Jenna...

— É de admirar que a mulher tenha precisado subornar alguém. Tenho certeza que as empregadas estão acostumadas a deixar mulheres nuas entrarem em sua suíte, a qual funciona como uma porta vai e vem, não é?

— Ninguém entra na minha suíte, a menos que eu aprove, o que não fiz neste caso — contradisse Nick rapidamente. — E para o bem da empregada, espero que tenha sido um *bom* suborno, porque isso lhe custou o emprego.

— Oh, que justo — zombou Jenna, fechando o zíper de sua mala. — Despedir uma empregada porque você é o homem mais ardente do planeta?

— Perdão?

Jenna endireitou o corpo, cruzou os braços contra o peito e bateu um dos pés no chão enquanto o olhava.

— Todos neste navio sabem o jogador que você é, Nick. Provavelmente não foi uma grande surpresa para a criada o fato de que uma mulher quisesse entrar na sua suíte, e, por tudo que ela sabia, você *queria* a ruiva aqui.

Ele a encarou de volta.

— Minha vida é meu trabalho.

— Tem razão. — Jenna pegou a mala e escorregou-a para o chão. Não se importava com o fato de ter esquecido alguma coisa. Não podia permanecer lá nem mais um segundo. Precisava fugir de Nick, daquele navio, e voltar para o mundo que fazia sentido. O mundo onde era querida. Útil.

— E eu não lhe devo explicação por nada — apontou ele desnecessariamente.

— Não, você não deve. Assim como não deve demitir uma empregada porque ela presumiu que estava acontecendo o usual por aqui. — Jenna meneou a cabeça, estudou-o de cima a baixo, então fixou os olhos nos dele. — Mas faça o que quiser, Nick. Você sempre fez. Culpe a criada. Alguém que trabalha duro para sobreviver. Despeça-a e sinta-se melhor com isso. Apenas não espere que eu fique por perto para assistir.

— Eu não vou deixá-la ir embora, Jenna. — Ele se aproximou e ela sentiu o calor emanando do corpo másculo e envolvendo-a. — Quero saber sobre meus filhos. Quero conversar sobre o que faremos agora.

Apertando a mão ao redor da alça da mala, Jenna jogou os cabelos para trás dos ombros e falou suavemente:

— O que vamos fazer agora é voltar para as nossas vidas. Contate seu advogado, estabeleça uma pensão alimentícia. Eu lhe mandarei fotos dos meninos, informações do que está acontecendo com eles.

— Isso não é o bastante — murmurou Nick, a voz baixa e profunda.

— Terá de ser, porque isso é tudo que eu posso lhe dar. — Jenna passou por ele, dirigiu-se para a sala de estar e pegou a bolsa que tinha deixado sobre o sofá. Mas parou à porta e virou-se para olhá-lo uma última vez.

Raios da luz do sol se infiltravam pelas janelas, lançando um brilho sobre os cabelos escuros de Nick. Os olhos estavam sombreados e preenchidos com emoções que ela não podia ler, e o corpo alto e másculo estava tenso com uma fúria que era quase tangível.

Tudo em Jenna doía por ele.

Mas ela teria de aprender a viver com o desapontamento.

— Adeus, Nick.

JENNA TINHA ido embora.

Assim como a ruiva.

E ele não demitiu a empregada.

Nick detestava o fato de que Jenna estivesse certa sobre o que acontecera, como podia demitir a moça quando todos no navio sabiam que ele tinha mulheres entrando e saindo de sua suíte o tempo inteiro? Em vez disso, ele instruíra Teresa para rebaixar o posto da criada, enviando-a para decks inferiores, e avisá-la que, se ela aceitasse outro suborno de passageiros, estaria desempregada.

Sentado à mesa de seu escritório, ele virou a cadeira de modo que ficasse de frente para o mar imenso. Não estava vendo os últimos raios de sol refletindo na água como um punhado de diamantes espalhados ao longo de sua superfície. Não notou os tons brilhantes de vermelho e violeta pois o pôr do sol pintava um mural no céu. Em vez disso, sua mente continuava a presenteá-lo com a última visão que ele tivera de Jenna. Parada à porta do quarto, a mala na mão, com uma expressão que era um misto de arrependimento e decepção.

— Que direito ela tem de ficar desapontada comigo? E por que eu me importo com o que Jenna pensa? — murmurou ele. Pretendera tê-la e abandoná-la. Tinha sido o seu plano, e exatamente o que acontecera. Deveria estar satisfeito. Em vez disso, seu cérebro continuava questionando por que Jenna ficara tão furiosa por causa da ruiva.

Estava sendo possessiva? Ela gostava realmente dele?

Isso importava?

Então ele olhou para a única folha de papel que ainda segurava na mão. O fax do laboratório em San Pedro era claramente legível.

Seu DNA combinava com os dos gêmeos de Jenna.

Nick Falco era pai.

Sentia-se tanto orgulhoso quanto apavorado.

— Eu tenho dois filhos — disse, precisando ouvir as palavras em voz alta. Então sentiu alguma coisa comprimir seu peito, até que fosse quase impossível respirar.

Ele era *pai*. Tinha uma família.

Os dois garotinhos que nem mesmo tinham consciência de sua existência, só estavam vivos por *sua* causa. Levantando-se da cadeira, Nick andou até o banco de vidros que o separava do oceano adiante e apoiou uma das mãos na superfície fria da janela. Filhos. Gêmeos. Sentiu aquele desconforto novamente de emoção reprimida e murmurou:

— A questão é, como lido com isso? Qual é a melhor maneira de lidar com a situação?

Jenna havia partido, presumindo que ele manteria distância, que se comunicaria com ela através de um advogado. Nick franziu o cenho para o mar e sentiu uma pequena, porém inegável, onda de raiva o percorrer, misturando-se a uma sensação de orgulho e confusão, fazendo-o tremer num turbilhão de emoções que não estava acostumado a experimentar.

Ele era um homem que deliberadamente mantinha distância da maioria das pessoas. Gostava de ter aquela zona de conforto que impedia que qualquer um se aproximasse muito. Agora isso ia mudar. Tinha de mudar.

Jenna achava que o conhecia. Pensava que ele ficaria contente em permanecer um estranho para seus filhos. Que prosseguiria com sua vida, pondo Jacob, Cooper e ela de lado. Provavelmente pensava que ele ficaria satisfeito de não passar de uma carteira gorda para seus filhos.

— Ela está errada — disse ele e fechou a mão sobre o vidro. — Posso não saber nada sobre ser pai, mas aqueles meninos são *meus*. E *ninguém* vai me manter longe deles.

Virando-se, ele apertou um botão no interfone e chamou:

— Teresa?

— Sim, chefe?

Nick dobrou o relatório do DNA, guardou no bolso de sua camisa e falou:

— Ligue para o aeroporto. Contrate um avião particular. Eu vou voltar para a Califórnia.

NA MANHÃ seguinte, era quase como se Jenna nunca tivesse viajado. Na noite anterior, tinha saído do aeroporto e passado na casa de Maxie para pegar os gêmeos, antes de ir para sua própria casa. Não fora capaz de suportar o pensamento de ficar longe deles nem mais um minuto. Com os gêmeos seguros em seus quartos, e sua mala desfeita, Jenna quase podia convencer a si mesma que nunca viajara. Que o cruzeiro de curta duração não havia acontecido. Que não dormira com Nick novamente. Que não o deixara com uma ruiva nua no quarto dele.

A dor que tais pensamentos lhe causavam devia ser enterrada. Afinal de contas, nada daquilo tinha a ver com a realidade. O cruzeiro com Nick fora um passeio curto até o outro lado da cerca. Agora estava de volta aonde pertencia.

Ela já estava acordada por horas. Os gêmeos não levavam em consideração o fato de que mamãe não dormira muito na noite anterior. Ainda queriam suas mamadeiras às 6h da manhã. Agora Jenna estava sentada no chão, no meio de sua pequena sala de estar, trabalhando enquanto olhava os meninos.

— Senti saudade de vocês, garotos — disse ela, olhando para seus filhos, cada um deles sentado numa pequena cadeira *jumper*, com cordas elásticas que permitiam que bebês pulassem. Quando eles se mexiam, por menor que fosse o movimento, a cadeirinha balançava, o que os encantava e os fazia sorrir.

Jake acenou um pulso e balançou com impaciência, enquanto Cooper olhava para a mãe fixamente, como temendo que, se não fizesse isso, ela poderia desaparecer.

— Tia Maxie falou que vocês foram bons meninos — disse ela, conversando com eles, como sempre fazia. Dobrando a primeira pilha de roupa lavada do dia, Jenna parou para inalar o aroma suave de um pijaminha, antes de colocá-lo no topo de outras peças limpas.

— Então, porque senti muita saudade e porque vocês foram bonzinhos, que tal irmos ao parque esta tarde?

Era isso que queria de sua vida, pensou Jenna. Rotina. Seus filhos. Sua casa pequena, porém aconchegante. Um mundo preenchido, se não com excitação, com muito amor. E se seu coração doía um pouco porque Nick não estava lá e nunca saberia como era ser parte da vida dos filhos, bem, supunha que superaria com o tempo. Não deveria levar mais de vinte ou trinta anos.

A campainha da porta a fez olhar para cima, franzindo a testa. Então ela olhou para os gêmeos.

— Vocês não estão esperando ninguém, estão?

Naturalmente, ela não obteve resposta, então sorriu, levantou-se e andou a curta distância até a porta. Virando-se, deu uma olhada rápida para a sala a fim de se certificar que estava tudo em ordem.

O sofá era velho, mas confortável, as duas poltronas tinham estampas floridas, com almofadas coloridas jogadas nos cantos. As mesas eram pequenas, e os tapetes no piso polido... apesar de riscado... de madeira foram feitos à mão por sua avó. Sua casa era como Jenna gostava. Aconchegante. Convidativa.

Ela ainda estava sorrindo quando abriu a porta para encontrar Nick parado ali. Os cabelos escuros dele estavam desalinhados pelo vento, o jeans era surrado e desbotado, e a camisa branca de mangas compridas estava aberta no pescoço. Ele estava bonito demais para o autocontrole de Jenna. Então ela desviou os olhos brevemente para o SUV preto parado na frente de sua casa. Aquilo explicava *como* Nick tinha chegado lá. Agora só faltava descobrir *por que* ele estava ali.

Voltando a fitá-lo, ela observou quando ele tirou os óculos escuros, pendurou-os no V que a camisa aberta formava e encontrou-lhe os olhos.

— Bom dia, Jenna.

Bom dia?

— O quê?

— Bom ver você também — disse ele, assentindo com um gesto de cabeça, enquanto passava por ela e entrava na casa.

— Ei! Você não pode simplesmente... — Então Jenna viu a sacola preta de lona que ele estava carregando. — O que está fazendo aqui? Por que está aqui? Como me encontrou?

Nick parou dentro da sala de estar, largou a sacola de lona no chão e enfiou as duas mãos nos bolsos traseiros de seu jeans.

— Eu vim ver meus filhos — respondeu ele com seriedade. — E acredite quando digo que não foi difícil encontrá-la.

— Nick...

— E eu lhe trouxe isto. — Ele tirou um pequeno envelope selado do bolso traseiro do jeans e estendeu-lhe. — É de sua amiga Mary Curran. Ela ficou chateada quando descobriu que você tinha ido embora do navio.

Jenna suspirou. Nem mesmo pensara em se despedir da amiga que fizera no navio, e uma onda de culpa a assolou.

— Ela disse que aí tem o número de seu telefone e endereço de e-mail. Quer que você entre em contato.

— Eu... uh... obrigada. — Jenna pegou o envelope.

Ele a olhou. Friamente e com dureza. Os olhos azul-claros estavam gelados e o maxilar estava tão tenso que era de admirar que os dentes não quebrassem.

— Onde eles estão? — Nick exigiu saber.

Ela não disse nada, mas olhou na direção dos meninos, balançando em suas cadeirinhas. Nick seguiu seu olhar e virou-se lentamente. Jenna viu quando a expressão dele mudou, indo de desinteresse frio para incerteza. Não podia se recordar de algum dia ter visto Nick Falco sem exibir sua suprema confiança.

Entretanto, parecia que olhar para seus filhos pela primeira vez foi o bastante para abalar até mesmo o equilíbrio dele.

Ele se aproximou dos gêmeos tão vagarosamente quanto teria se aproximado de uma granada. Jenna prendeu a respiração enquanto o observava se ajoelhar com cuidado na frente dos assentos de balanço e deixar seu olhar ir de um bebê para o outro. Os olhos de Nick continham um mundo de emoções que ela nunca pensou que veria. Geralmente, ele guardava o que sentia com tanta diligência quanto um pit bull numa coleira curta. Mas agora... Jenna se emocionou com a reação de Nick aos bebês.

— Qual é qual? — sussurrou ele, como se não confiasse completamente em sua voz.

— Hm... — Jenna começou a se aproximar.

— Não, espere — disse ele, não tirando os olhos dos gêmeos. — Deixe-me tentar. — Estendendo uma mão, gentilmente segurou o rostinho de Jacob. — Este é Jake, certo?

— Sim — confirmou ela, parando ao lado dele, olhando para seus filhos, que estudavam Nick com fascinação. Como sempre, a boca de Jacob estava aberta num sorriso, e Cooper tinha inclinado a cabecinha para um dos lados, como se realmente precisasse estudar a situação um pouco mais antes de decidir como se sentia sobre aquilo.

— Então, você é Cooper — murmurou Nick e, com a mão livre, acariciou o rosto redondo do bebê.

A respiração de Jenna ficou presa na garganta e lágrimas se acumularam em seus olhos. Deus, durante os últimos meses, tinha se imaginado contando a Nick sobre os bebês, mas nunca se permitira pensar nele encontrando realmente os filhos.

Nem por um momento desconfiara que ele teria interesse em ver os meninos. E agora, observando a sua gentileza com os filhos suas melhores emoções vieram à superfície. Havia alguma coisa tão terna, tão tocante naquele momento que Jenna quase se viu sem ar. Quando pensou que poderia falar novamente, sem que sua voz falhasse, disse:

— Você realmente ouviu o que eu lhe contei sobre eles.

— É claro — reconheceu ele, ainda não tirando os olhos dos garotinhos que pareciam encantá-los. — Eles são exatamente como você os descreveu. Tão parecidos, entretanto, com personalidades tão óbvias quando você procura as diferenças. E você estava certa sobre outra coisa. Eles são lindos.

— Sim, eles são — concordou Jenna, seu coração aquecendo como sempre acontecia cada vez que alguém elogiava seus filhos. — Nick — perguntou pouco depois, porque aquilo era definitivamente algo que precisava saber —, por que você está aqui?

Ele endireitou o corpo e a encarou, então olhou mais uma vez para os filhos, a expressão confusa no rosto.

— Eu vim para vê-los. Para falar com você. Depois de sua partida, refleti muito. Fiquei zangado pelo fato de você ter ido embora.

— Eu sei. Mas eu precisava vir.

Nick não comentou nada. Em vez disso, falou:

— Eu vim aqui para lhe dizer que tinha um plano para lidar com esta situação. Uma maneira para que nós dois pudéssemos ganhar.

— Ganhar? — repetiu Jenna. — Como assim, “ganhar”?

Ao fixar os olhos azuis nela, as feições de Nick se tornaram tensas e mais sérias. Uma pequena preocupação começou a envolvê-la, e Jenna teve de lutar para não pegar as crianças e abraçá-las contra o peito.

Apenas um momento atrás, estivera emocionada pela primeira visão de Nick com os filhos. Agora, a expressão no rosto dele lhe dizia que não ia gostar do tal “plano”.

— Ouça — disse ele, meneando a cabeça, dando outra olhada para os bebês com óbvio interesse. — Ontem à noite eu tive uma ideia que poderia ser uma solução fácil para tudo isso.

— Eu não o procurei para lhe pedir uma solução. Tudo que eu queria de você era uma pensão alimentícia.

— Sim, bem, você terá isso. — Nick acenou uma mão no ar, como se dispensando uma coisa sem a menor importância. — Porém, eu quero mais.

A preocupação de Jenna aumentou, causando-lhe um calafrio de medo que quase a fez tremer quando perguntou:

— Mais quanto?

— Estou chegando lá — replicou ele. — Como falei, tenho refletido muito desde que você deixou o navio. E finalmente, ontem à noite, durante o voo para cá, ocorreu-me que os gêmeos significam trabalho demais para uma única pessoa, seja esta mãe ou pai.

Onde ele estava querendo chegar? Por que de súbito evitava olhá-la diretamente? E por que ela havia ido procurá-lo?

— Sim, é, mas...

— Então, meu plano permanece simples — interrompeu ele antes que ela pudesse continuar. — Nós os separaríamos, cada um de nós ficando com um dos gêmeos.

— *O quê?*

Capítulo 9

NICK não podia culpá-la por se sentir ultrajada.

Ela pulou na frente dos bebês, abriu os dois braços e levantou-os, como se estivesse pronta para lutar se ele tentasse agarrar os gêmeos e fugir.

— Está louco? Você não pode separá-los — disse Jenna, mantendo o tom de voz baixo e firme. — Eles não são *animais de estimação*. Você não escolhe um dos “filhotes”. São garotinhos, Nick. Gêmeos. Eles precisam um do outro. Precisam de *mim*. E você não pode tirar nenhum dos dois de mim.

Ele já tinha chegado à mesma conclusão. Na verdade, percebera isso assim que olhara para os meninos, sentados nas cadeirinhas, tão perto que podiam estender os bracinhos e se tocar. Mas não soubera disso até que os vira.

— Relaxe — disse Nick, erguendo uma mão para tentar impedi-la de continuar protestando. — Eu falei que este era o plano que eu *tinha*. As coisas mudaram.

— Você está aqui há dez segundos. Como tudo pode ter mudado? — Ela ainda estava defensiva, parada na frente dos filhos como uma verdadeira guerreira. Tudo que precisava era de uma espada nas mãos para completar a imagem.

— Eu os vi — disse Nick, e alguma coisa na voz dele deve tê-la alcançado, porque os ombros relaxaram da postura rígida. — Eles são uma unidade. Não podemos separá-los, eu entendo isso.

— Ótimo. — Ela exalou, aliviada. — Isso é bom.

— Eu não terminei. — Nick observou quando as costas de Jenna enrijeceram novamente. — Vim aqui para ver meus filhos, e agora que vi, não vou a lugar algum.

Jenna pareceu perplexa, a boca se abrindo, os grandes olhos azuis se arregalando.

— O que quer dizer com isso? — Então, quando começou a entender o que ele queria dizer, balançou a cabeça com veemência. — Você não pode estar sequer pensando em ficar aqui.

Aquilo estava mais divertido do que ele imaginara que pudesse ser.

— Sim, estou. — Nick olhou ao redor da sala de estar. Duas casas inteiras daquelas caberiam dentro de sua suíte no navio, entretanto, havia alguma coisa ali que faltava no seu lugar, apesar do luxo. Ali, disse a si mesmo, era um lar. Para Jenna e para os filhos deles. Um lar que ele não tinha intenção de deixar. Pelo menos não por enquanto. Não até que conhecesse um pouco seus filhos. Não até que descobrisse uma maneira de fazer parte da vida deles.

— Isso é loucura.

— De modo algum — discordou ele, prendendo-lhe o olhar. — Os gêmeos são meus filhos. Eu já perdi quatro meses da vida deles, e não vou perder mais nada.

— Mas, Nick...

Ele a interrompeu rapidamente:

— Eu não vou ser somente um cheque para eles, Jenna. E se era isso o que você estava esperando, lamento desapontá-la.

Ela mordiscou o lábio inferior, cruzou os braços sobre o peito, como se tentando conter-se, então finalmente murmurou:

— Você não pode ficar aqui. Não há um quarto disponível. Este é um chalé de dois quartos, Nick. Um para os meninos, o outro para mim, e você *não* vai ficar no meu quarto, isso eu garanto.

O corpo de Nick enrijeceu com o pensamento de fazê-la mudar de ideia em relação àquilo. Mas não agora.

— Eu durmo no sofá.

— Mas...

— Ouça — interrompeu ele —, é simples. — Eu passo um tempo aqui para conhecer meus filhos. — Então acrescentou, usando as

armas mais pesadas: — Ou eu a processo por custódia total. E qual de nós você acha que vai ganhar esta batalha? A escolha é sua, Jenna. Qual será?

Ela empalideceu, e apenas por um segundo Nick se sentiu um cretino completo. Então lembrou que estava lutando pela única família que possuía. Seus filhos. E não ia desistir. Assim como não iria se sentir culpado por querer ser parte da vida deles, independentemente da maneira pela qual conseguiria isso.

— Você faria uma coisa dessas?

— Sem vacilar.

— Você é realmente um imbecil cruel, não é?

— Eu sou o que tiver de ser para conseguir o que quero — respondeu Nick.

— Meus parabéns então. Você ganhou esta rodada.

Um dos bebês começou a chorar, como se sentisse a tensão súbita na sala. Nick olhou para baixo e viu que era Jacob, o pequeno rosto contorcido, enquanto lágrimas escorriam pelas faces. Um instante depois, seguindo o exemplo do irmão, Cooper soltou um grito que tanto cortou o coração de Nick quanto o assustou.

Ele deu um olhar de pânico para Jenna, que somente meneou a cabeça.

— Você quer um curso intensivo em paternidade, Nick? — Ela gesticulou uma mão em direção aos garotos, cujos choros agora estavam altíssimos, enquanto eles chutavam o ar e balançavam os bracinhos furiosamente. — Aqui está lição número um. Você os fez chorar. Agora, faça-os parar.

— Jenna...

Então, enquanto ele a observava estupefato, Jenna pegou a pilha de roupas recentemente dobrada, seguiu por um corredor curto e desapareceu no que ele supunha ser o quarto dos meninos, deixando-o sozinho com os filhos frenéticos.

— Ótimo — murmurou Nick, ajoelhando-se na frente dos gêmeos.

— Isso vai ser ótimo. Bom trabalho, Nick. Parabéns.

Enquanto se ajoelhava, balançava as cadeirinhas e suplicava para que os gêmeos parassem de chorar, teve a distinta impressão de que estava sendo observado. Mas se Jenna estivesse parada nas

sombras, observando sua performance, Nick não queria realmente saber. Então se concentrou nos filhos e disse a si mesmo que um homem que podia construir uma linha de cruzeiros marítimos do nada deveria ser capaz de acalmar dois bebês chorando.

Afinal de contas, o quanto aquilo podia ser difícil?

NO FIM daquela tarde, Nick estava esgotado e Jenna estava apreciando o show. Ele tinha alimentado os bebês, dado banho neles... o que foi tão divertido que ela lamentou não ter filmado tudo... e agora estava tentando vesti-los. Jenna estava parada à porta do quarto dos bebês, silenciosamente observando com um sorriso encantado no rosto.

— Vamos, Cooper — implorou Nick. — Somente me deixe vestir esta camisa em você, e nós iremos... — Ele parou, inalou o ar, então deu um olhar horrorizado para Jacob. — Você fez? — perguntou, inalando novamente. — Fez, não fez? E eu acabei de vestir uma fralda limpa em você.

Jenna cobriu a boca com uma das mãos e estudou Nick na luz do sol que se infiltrava pelas persianas. As paredes eram verde-claras e continha um painel que ela mesma pintara enquanto estava grávida. Havia árvores, flores, coelhos e cachorros, pintados em cores primárias e brilhantes, ao longo do jardim. Uma penteadeira branca era posicionada no fim do quarto, e uma cadeira de balanço estofada ficava num canto.

E agora havia Nick.

Olhando para o berço onde deitara os dois meninos por segurança, Nick passou ambas as mãos pelos cabelos... uma ação que vinha repetindo com frequência... e murmurou alguma coisa que ela não entendeu.

Mesmo assim, Jenna não se ofereceu para ajudar.

Ele não tinha pedido ajuda, e Jenna achava que era justo que Nick tivesse uma ideia real de como eram seus dias. Se nada mais, aquilo o convenceria de que não estava *tão* pronto para ser pai solteiro de dois meninos gêmeos.

— Certo, Coop — disse ele com um suspiro cansado —, eu vestirei sua camisa num minuto. Mas primeiro tenho de fazer alguma coisa

com seu irmão, antes que nós todos morrámos asfixiados.

Jenna riu, e Nick lhe deu um olhar rápido.

— Você está gostando disso, não está?

— E não é engraçado? — perguntou ela, ainda sorrindo.

Nick meneou a cabeça e torceu o nariz.

— Certo, é uma grande piada. Mas você tem de admitir que não estou me saindo mal.

— Suponho que não — disse Jenna, assentindo com um gesto de cabeça. — Mas pelo cheiro, eu diria que você está diante de um pequeno problema no momento.

— Vou cuidar disso. — Nick falou com firmeza, como se estivesse tentando convencer a si mesmo, assim como convencê-la.

— Certo, então, vá em frente.

Ele esfregou uma mão no rosto, olhou para o berço e murmurou:

— Como alguém tão bonitinho pode cheirar tão mal?

— Outro mistério do universo — replicou ela.

— Outro?

— Esqueça — disse ela, pensando em sua conversa com Maxie enquanto ainda estava no navio. Antes da ruiva. Antes que fosse embora de maneira apressada. Oh, Deus. Jenna ergueu a coluna e fechou os olhos. Maxie. Imagine quando *ela* descobrisse que Nick estava lá.

— Você está bem? — perguntou ele.

Abrindo os olhos novamente, ela o fitou, tão destoante ali no quarto de seus bebês, e disse a si mesma que aquilo era exatamente o que ele havia falado sobre a noite dos dois juntos. Nada mais do que uma imagem numa tela de radar. Um pequeno passeio dentro do mundo comum. Uma vez que Nick provasse o que queria provar, e conhecesse um pouco os filhos, iria embora e tudo voltaria ao normal.

O que era bom, certo?

— Jenna?

— Huh? Oh, sim. Estou bem. Só... pensando.

Ele a olhou por um longo momento, como se tentando descobrir no que ela estava pensando. Felizmente, ler mentes *não* era uma das habilidades de Nick.

— Certo.

— Então — murmurou Jenna suavemente —, você vai cuidar do pequeno problema de Jake ou precisa de socorro?

Ele não pareceu feliz, mas também não deu a impressão de que ia implorar.

— Não, eu não preciso de socorro. Eu disse que posso cuidar deles, e posso. — Nick respirou fundo e se aproximou do berço.

Jenna ouviu o barulho das tiras de velcro sendo abertas na fralda descartável, então escutou o gemido de Nick.

— Oh, meu Deus.

Rindo, ela virou-se e deixou-o com os filhos.

APESAR DE estar quase enlouquecendo de ansiedade, Jenna passou o resto do dia em sua pequena garagem, trabalhando numa cesta de presente que deveria ser entregue em dois dias. Se Nick queria brincar de papai, então ela o deixaria ver como era lidar com dois meninos gêmeos.

Parecia estranho estar em casa, e ainda assim separada dos meninos, mas precisava deixar Nick perceber que não estava preparado para ser pai. Tinha de fazê-lo entender que tirar os filhos dela seria uma péssima ideia para todos.

Somente o pensamento sobre aquela ameaça enviou calafrios por toda sua coluna. Nick era rico. Tinha condições de pagar os melhores advogados do país. Podia contratar babás e guarda-costas, e comprar qualquer coisa que o juiz pudesse pensar que os meninos precisariam.

— E em que posição isso me deixa?

Uma mãe solteira com uma conta bancária patética e um escritório na garagem de sua casa. Jenna não tinha a menor chance, se Nick decidisse lutar pela custódia dos filhos.

Mas por que ele faria isso? Tal pensamento continuava girando em sua cabeça, e ela não conseguia abandoná-lo. Tudo aquilo era para puni-la? Não passava de uma demonstração de força? Mas por que ele se empenharia tanto para mostrar seu poder?

Balançando a cabeça, Jenna embrulhou a cesta completa em papel celofane de películas retráteis, ligou seu secador de cabelos

portátil, e direcionou o ar quente sobre o embrulho de plástico. A cesta de presentes começou a tomar forma, e ela sorriu, apesar do estado frenético de sua mente.

Quando terminou, deixou a cesta sobre sua mesa de trabalho, onde, pela manhã, amarraria um grande laço vermelho no topo, antes de embalar para ser entregue. Por agora, estava cansada, com fome e muito curiosa para ver como Nick estava se saindo com os garotos.

Ela entrou na cozinha pela porta de conexão e parou por um momento apavorada, enquanto seu olhar percorria o cômodo pequeno, geralmente limpo e arrumado. As paredes vermelhas e os gabinetes brancos foram basicamente tudo que reconheceu. Havia leite em pó espalhado ao longo da mesa redonda, mamadeiras descartadas que não tinham sido lavadas, e uma *torre* de babadores sujos que Nick aparentemente havia usado para limpar a sujeira.

Meneando a cabeça, ela andou em silêncio até a sala de estar, quase temendo o que poderia encontrar lá. Não havia um único som na casa. Sem televisão. Sem bebês chorando. Nada.

Franzindo o cenho, Jenna continuou andando pela sala, notando mais mamadeiras vazias, um saco aberto de fraldas sobre a mesinha de centro, ao lado de uma caixa de lenços umedecidos para bebês. Ela rodeou o sofá e parou subitamente. Nick estava deitado, dormindo sobre o tapete de sua avó, e de cada lado dele havia um bebê adormecido.

— Oh, meu Deus. — Jenna permaneceu parada ali, hipnotizada pela visão de Nick e seus filhos, tirando uma soneca juntos. Uma única lâmpada lançava um brilho dourado sobre os três, mesmo enquanto os últimos raios de sol se infiltravam pela janela da frente. A respiração regular de Nick e os suspiros suaves dos gêmeos eram os únicos sons na sala, e Jenna gravou aquela imagem em sua mente, de modo que no futuro pudesse recordar aquela imagem e reviver este momento.

Havia alguma coisa tão doce, tão terna naquela cena. Nick e os filhos. Juntos finalmente.

Seu coração se comprimiu dolorosamente no peito quando amor pelos três a inundou. Oh, estava tão encrencada. Amar Nick não era

uma atitude sábia. Ela sabia que não havia futuro para eles. Tudo que ele queria era participar da vida dos filhos... isso não incluía aproximar-se da mãe deles. Então, o que devia fazer? Como podia amar Nick quando sabia que nenhum bem poderia resultar deste sentimento? E como seria capaz de manter os filhos longe dele quando tinha consciência de que os meninos precisariam do pai tanto quanto Nick precisaria deles?

— Por que tem de ser você quem toca meu coração? — sussurrou Jenna, olhando para baixo e vendo o homem que tinha invadido sua vida e mudado seu mundo.

E, enquanto o observava, os olhos de Nick se abriram lentamente e prenderam os seus.

— Eu toco seu coração? — perguntou ele baixinho.

Sendo pega em flagrante, não fazia sentido tentar negar o que já tinha admitido em voz alta. Ela se ajoelhou.

— Você sabe que sim.

Tomando cuidado para não perturbar os gêmeos, Nick se sentou, contorcendo-se de leve com a rigidez de suas costas. Mas o olhar não vacilou. Ele continuou encarando-a com intensidade, e Jenna desejou que pudesse ler o que ele estava pensando. O que estava sentindo.

Mas como sempre, os pensamentos de Nick eram privados, as emoções tão controladas que Jenna não tinha ideia do que se passava por trás daqueles olhos azul-claros.

— Então, por que você foi embora do navio tão rapidamente? — questionou Nick.

— Você sabe por quê. — Apenas a memória da ruiva nua foi o bastante para deixá-la totalmente tensa.

— Eu nem a conhecia — ele lembrou com um tom defensivo na voz.

— Não importa — disse ela, abaixando o tom de voz quando Jacob começou a se mexer. Não pretendia acordá-lo. Não queria entrar naquela discussão agora. Contudo, uma vez que acontecera, não fazia sentido tentar evitar o assunto. — Nick, você não vê? A ruiva foi somente um exemplo ao vivo de como somos diferentes.

Ela me fez perceber o quanto eu estava deslocada naquele navio. Com você.

Ele estendeu uma mão, alisou-lhe o rosto com a ponta dos dedos, então colocou uma mecha de cabelos atrás da orelha direita. Jenna tremeu com o contato, mas respirou profundamente e firmou-se. Querer não era o bastante. Amor unilateral não bastava. Ela precisava de mais. Merecia mais.

— Eu não pertença ao tipo de vida que você leva, Nick. Nem os meninos.

— Mas você poderia pertencer — disse ele, a voz rouca indicando intimidade, sedução. — Vocês três poderiam. Poderíamos todos morar no navio. Você sabe que há muito espaço. Os garotos teriam espaço para brincar. Eles conheceriam o mundo, aprenderiam sobre culturas diferentes, línguas diferentes.

Tentador, tão tentador, exatamente como ele queria que fosse. Um sorriso relutante curvou a boca de Jenna, mas ela meneou a cabeça enquanto olhava de Nick para os gêmeos, e de volta para ele.

— Eles não podem ter uma vida real morando a bordo de um navio, Nick. Precisam de um quintal. De parques. Escola. Amigos...

— Ela parou, gesticulou as mãos no ar e acrescentou: — De um *cachorro*.

Nick desviou o olhar para observar os bebês dormindo, antes de voltar a fitá-la.

— Nós contrataremos tutores. Eles podem brincar com as crianças que são passageiras. Poderíamos até mesmo ter um cachorro, se eles quisessem. Daria certo, Jenna. Nós poderíamos fazer dar certo.

Embora uma parte de Jenna ansiasse por acreditar nele, ela sabia, no fundo, que não se tratava de Nick querer estar ao seu lado... encontrando uma maneira de integrar a vida dos dois... mas de ele descobrindo os filhos e querendo estar perto deles.

— Não, Nick — sussurrou ela, meneando a cabeça com tristeza. — Isso não seria justo com os meninos. Ou conosco. Você não me quer. Quer somente seus filhos. E entendo isso. Acredite, eu entendo.

Nick pegou-lhe a mão e lhe acariciou os dedos com o polegar.

— Não são somente os meninos, Jenna. Você e eu...

— Nunca daria certo — terminou ela por ele, apesar do calor penetrando em sua mão, subindo pelo braço e então se espalhando pelo seu corpo inteiro.

Como Jenna desejava que tudo fosse diferente. Que ele pudesse amá-la como ela o amava. Mas Nick Falco simplesmente não era o tipo de homem que se comprometia com uma mulher. Era melhor se lembrar disso e manter o coração o mais seguro possível.

— Você não pode saber. Nós poderíamos tentar. — Os olhos azuis estavam tão iluminados, com desejo e com a promessa de algo tão delicioso que fez Jenna desejar que tivesse coragem para assumir o risco.

Mas não era apenas consigo mesma que precisava se preocupar agora. Era seu dever proteger mais dois pequenos corações. E não poderia arriscar que seus filhos sofressem em algum momento do futuro por causa daquela situação.

Contudo, em vez de dizer isso, em vez de argumentar com Nick, ela puxou sua mão e falou suavemente:

— Ajude-me a preparar os meninos para cama, tudo bem?

Ele dobrou uma das pernas e abraçou o joelho, enquanto continuava prendendo o olhar de Jenna.

— Isto não acabou, Jenna.

Quando se inclinou para pegar Jacob, ela parou, encarou aqueles olhos azul-claros e disse:

— Tem de acabar, Nick.

Capítulo 10

— **AQUI?** — repetiu Maxie. — Como assim, ele está aqui? Aqui em Seal Beach?

Jenna olhou por sobre o ombro para a porta fechada de sua casa. Tinha visto Maxie estacionando na frente e praticamente corrido para o lado de fora, a fim de encontrá-la.

— *Aqui.* Dentro da minha casa. Com os meninos.

Por três dias ela conseguira evitar Maxie, enrolando-a com telefonemas, alegando estar muito ocupada. Mas Jenna soubera que, mais cedo ou mais tarde, sua irmã mais velha apareceria em sua casa.

— *Você está louca?* — perguntou Maxie. Os grandes olhos azuis se arregalaram, e os cabelos castanhos curtos pareciam, de alguma maneira, quase espetados, como se também protestassem contra a situação. — O que você está pensando, Jenna? Por que o convidou para vir aqui?

— Eu não o convidei — defendeu-se Jenna, então deu de ombros. — Ele... veio.

Maxie parou, estreitou os olhos em Jenna e indagou:

— *Você está dormindo com ele?*

Desapontamento e desejo se misturaram numa emoção que comprimiu o peito de Jenna. Não, não estava dormindo com Nick, mas sonhava com ele todas as noites, experimentando imagens mentais eróticas como nunca conhecera. Acordava todas as manhãs com o corpo doendo e a alma vazia.

Mas supunha que sua irmã mais velha não queria ouvir isso também, então ela apenas respondeu a pergunta:

— Não, santa Maxie, defensora da moral humana — zombou Jenna —, eu *não* estou dormindo com ele. Nick passou as últimas duas noites no sofá e...

— *As últimas duas noites?*

Jenna suspirou, então olhou para cima e acenou para sua vizinha, que tinha parado de cuidar de suas rosas a fim de olhar para Maxie com surpresa.

— Bom dia, sra. Logan.

A mulher mais velha a cumprimentou com um gesto de cabeça e voltou para sua jardinagem. Jenna olhou para os dois lados da rua estreita, preenchidas com bangalôs dos anos quarenta. Árvores alinhavam a rua, lançando grandes sombras sobre gramados bem-cuidados. Do fim da rua, vinha o som de um jogo de basquete, de um cão latindo maniacamente, e o ruído abafado das rodinhas de skates no asfalto. Apenas mais um dia de verão. E Jenna perguntou-se quantos de seus vizinhos estariam apreciando a pequena cena de Maxie. Dando um olhar significativo para sua irmã, Jenna arqueou as sobrancelhas e esperou.

Maxie entendeu a dica e baixou o tom de voz.

— Desculpe, desculpe. Mas não posso acreditar que Nick Falco está aqui há duas noites e você não me contou.

Jenna deu um sorriso irônico.

— Nem eu. Eu só mantive segredo porque pensei que talvez você não entendesse, mas claramente eu estava errada.

— Muito engraçado.

Jenna suspirou e enganchou o braço no da irmã. Não importava o que estava acontecendo em sua vida, Maxie e ela formavam um time. Elas tinham apenas uma à outra nos últimos cinco anos, depois que os pais haviam morrido num acidente de carro. E não ia perder sua única irmã numa discussão sobre um homem que nem mesmo a *queria*.

— Max — murmurou ela, tentando manter a voz calma e nivelada, apesar do redemoinho de emoções que sentia por dentro. — Ele está aqui para conhecer os meninos. Filhos dele, lembra? Nós não

estamos juntos desta maneira, e acredite quando digo que estou sendo cuidadosa.

Maxie não pareceu convencida, ela não era exatamente uma alma confiante no que dizia respeito aos homens. Não que Jenna pudesse culpá-la por alguma coisa... não depois que sua irmã tinha sido dispensada sem cerimônia pelo imbecil do Darius Stone.

— Esta é uma má ideia — disse Maxie, como se ainda não tivesse deixado aquilo perfeitamente claro.

— Ele não vai ficar aqui muito tempo.

— O tipo dele não precisa de muito tempo.

— Maxie...

— Tem certeza de que ele não vai ficar?

— Por que ficaria?

— Posso pensar em pelo menos três razões — retorquiu Maxie. — Jacob, Cooper e oh, sim, *você*. Então eu pergunto novamente: — Tem certeza que ele não vai ficar por muito tempo?

Hmm. Não, Jenna não tinha certeza. Na verdade, pensara que já tendo Nick sua experiência com os bebês estaria ansioso para retornar à sua vida. Mas até agora não tinha mostrado nenhum sinal de que partiria.

Eram somente os meninos que o prendiam lá?

Ou ele sentia alguma coisa por ela, também?

Oh, Deus, ela não podia se permitir pensar daquela maneira... o que apenas dificultaria tudo no momento que ele realmente partisse.

— Jenna — Nick a chamou da varanda da frente, então parou quando viu Maxie, e acrescentou: — Oh, desculpem.

Não havia como evitar aquilo, pensou Jenna com tristeza, já lamentando colocar sua irmã e seu ex-amante juntos no mesmo cômodo. Mas forçou um sorriso, de qualquer forma.

— Sem problemas, Nick. Esta é minha irmã, Maxie.

Quando nenhum dos dois falou, Jenna cutucou Max com o cotovelo.

— Tudo bem, tudo bem — murmurou Max, então aumentou o tom de voz e disse com raiva: — Prazer em conhecê-lo.

— Sim, igualmente.

— Bem, isto não é especial? — disse Jenna e imaginou se poderia congelar com o ar frio entre aqueles dois. — Vamos entrar, Max — convidou, querendo que sua irmã visse que não tinha com o que se preocupar. Que Nick não estava interessado nela, e Jenna não estava se consumindo de desejo por ele. Certamente Jenna era uma atriz boa o bastante para fingir isso. — Ver os meninos. Tomar um café.

Ainda olhando para Nick, Maxie meneou a cabeça.

— Eu não sei...

— Eu comprei rosquinhas mais cedo — ofereceu Nick.

— Ele está tentando me subornar? — sussurrou Maxie.

Jenna riu.

— Pelo amor de Deus, Max, seja gentil. — Mas quando seguiu sua irmã para dentro da casa, Jenna pensou que aquela devia ser a mesma sensação de estar atrás de linhas inimigas sem nada além de um canivete.

NICK SABIA que já deveria ter ido embora.

Então não teria tido de lidar com a irmã de Jenna. Todavia, ela finalmente se recuperara o bastante para que não desse a impressão de querer matá-lo com a colher que usara para mexer o café.

Mas a questão era que, com acesso a um avião particular, ele poderia pegar o navio em Fort Lauderdale a tempo para apreciar metade do cruzeiro para a Itália. Então não teria de bancar o gentil com a irmã de Jenna... que claramente o odiava. E não ficaria atormentado pelo desejo que sentia o tempo inteiro perto de Jenna.

As últimas duas noites que dormira no sofá tinham sido as mais longas de sua vida. Permanecera acordado até tarde da noite, imaginando-se seguindo o curto corredor para o quarto dela, entrando na cama e enterrando-se dentro de Jenna. Acordava tão excitado pela manhã como se fosse explodir de desejo e frustração. E vê-la logo cedo, cheirando a essência floral de seu xampu, ouvi-la suspirar com o primeiro gole de café era outro tipo de tortura.

Ela estava lá. Mas não era sua.

Agora Jenna havia saído para ir ao correio enviar uma de suas cestas de presente, e ele estava sozinho com os filhos.

Nick foi ao quarto dos bebês para encontrá-los ainda acordados, olhando fixamente para os móveis pendurados sobre os berços. O do berço de Jake era feito de animais coloridos, agora dançando com a brisa suave entrando pela janela parcialmente aberta. E o de Cooper era de estrelas brilhantes e luas crescentes sorridentes.

Ele olhou de um garotinho para o outro, notando suas similaridades e suas diferenças. Ambos possuíam cabelos escuros e macios, assim como uma covinha na face esquerda... exatamente como a de Nick. Os dois tinham olhos azuis, embora os de Cooper fossem um pouco mais escuros do que os do irmão.

E ambos tinham minúsculos pulsos que envolviam o coração de Nick.

— Como eu posso deixar vocês? — perguntou ele baixinho. — Como posso voltar para minha vida sem saber como vocês estão passando? Sem saber se ganharam um dentinho ou se começaram a engatinhar. Como posso não estar aqui quando vocês começarem a andar? Ou quando caírem pela primeira vez?

Raios suaves de sol se infiltravam pelas persianas e lançavam padrões no chão polido de madeira como barras de ouro. Do lado de fora, em algum lugar daquela rua aconchegante, um cortador de grama foi ligado e Jake saltou, como se tivesse sido golpeado.

Instantaneamente, Nick se moveu para o berço, inclinou-se e pôs uma mão contra o peitinho de seu filho. Sentiu as batidas rápidas do coração sob sua palma, e um amor tão profundo, tão puro, tão envolvente o preencheu a ponto de roubar-lhe o fôlego.

Não tinha esperado isso. Não esperara se apaixonar perdidamente pelos filhos, de cuja existência não sabia duas semanas atrás. Não imaginara que gostaria de acordar com os primeiros raios de sol, de modo que pudesse ver aqueles olhinhos ansiosos para explorar a manhã. Não havia pensado que estar ali, com os meninos, com a mãe deles, lhe traria uma sensação de que aquilo era tão... certo.

Agora que sabia a verdade a questão era: o que faria em relação a isso?

Atravessando o quarto em direção a Cooper, abaixou-se, pegou seu filho nos braços e aninhou-o contra o peito. O peso quente e flexível, e a expressão pensativa do bebê fizeram Nick sorrir. Ele

passou a ponta de um dedo ao longo do rosto de Cooper, e o menino virou a face, respondendo ao toque agora familiar. O coração de Nick se contorceu dolorosamente no peito, enquanto fitava aqueles olhos azuis solenes tão iguais aos seus.

— Eu prometo que sempre estarei aqui quando você precisar de mim. — Sua voz mal passava de um sussurro, mas Cooper parecia quase entender, enquanto dava ao pai um de seus raros sorrisos. Nick engoliu em seco, andou até onde Jacob estava deitado no berço, observando-o, e murmurou: — Eu amo vocês dois, meus filhos. E vou descobrir uma maneira de fazer isso dar certo.

Quando Jake chutou as perninhas no ar e balançou os braços, foi quase uma celebração. Pelo menos, foi isso que Nick disse a si mesmo.

NAQUELA NOITE, Jenna vestiu sua camisola e deu uma última olhada nos gêmeos antes de ir para cama, como era seu hábito. Só que desta vez, quando entrou no quarto iluminado por um único abajur de coelhinho, encontrou Nick lá.

Ele não estava de camisa. Usando somente uma calça jeans baixa nos quadris e justa nas pernas, se virou quando ela entrou no quarto, e Jenna sentiu o poder do olhar de Nick golpeá-la. Na luz parca, até mesmo os olhos claros dele estavam sombreados, escuros, mas ela não precisava ver aqueles olhos para sentir o seu poder. Sua pele começou a formigar, seu sangue esquentar, mas Jenna obrigou-se a colocar um pé na frente do outro, passar por Nick e ir primeiro até o berço de Cooper, então ao de Jacob, acariciar os cabelinhos de cada filho, pousando uma mão gentil em suas barrigas enquanto eles dormiam.

E durante todo o processo, sentiu o olhar de Nick sobre si da mesma forma que teria sentido um toque. Sua respiração se acelerou e um frio na barriga lhe causou uma leve tontura. O que ele estava fazendo lá? Por que a observava daquela maneira intensa? No que estaria pensando?

As mãos de Jenna tremiam quando ela se virou para sair do quarto com passos silenciosos. Chegou até o corredor quando a mão de Nick se fechou sobre seu braço.

— Espere. — A voz era baixa e exigente.

Ela o olhou, e ali no escuro, onde a luz fraca do abajur de coelhinho não podia alcançar, Nick não passava de uma figura alta e imponente, aproximando-se devagar.

— Nick... — Ele podia ouvir as batidas frenéticas de seu coração? Podia sentir o fogo que havia em seu interior? Podia sentir o calor saindo em ondas de seu corpo? — O que você está fazendo?

Que Deus a ajudasse, ela sabia o que ele estava fazendo. E mais, estava feliz por isso. Apenas o fato de estar parada ali com ele no escuro a preenchia de uma sensação de expectativa que a deixava ofegante.

— Não fale — sussurrou Nick, aproximando-se ainda mais, até que os corpos deles estivessem unidos, até que ele lhe inclinasse as costas contra a parede. — Não pense — acrescentou, erguendo ambas as mãos e cobrindo-lhe os seios.

Jenna inalou profundamente e inclinou a cabeça para trás, contra a parede. Apesar do tecido fino de algodão de sua camisola, ela sentiu a onda de excitação a envolvendo. As mãos fortes estavam quentes. Os polegares faziam movimentos sensuais, de modo que o tecido roçava a pele sensível de seus mamilos num tipo de doce agonia.

— Sim, Nick — sussurrou ela, lambendo os lábios secos e ofegando como se tivesse acabado de correr uma maratona. — Sem pensar. Apenas sentir. Eu quero...

— Eu também — disse ele, interrompendo-a com tanta rapidez que Jenna soube instintivamente que Nick estava sentindo o imediatismo do momento. — Quero isso há quatro dias. Não posso esperar mais um minuto. Preciso estar dentro de você, Jenna. Sentir seu calor me cercando. — Ele baixou a cabeça para a curva do pescoço dela e deslizou a língua pelo ponto onde a pulsação batia.

Ela se contorceu em seus braços, então levantou as mãos até que pudesse lhe segurar a parte traseira da cabeça e mantê-lo ali. Enquanto dedos delicados entrelaçavam seus cabelos grossos e escuros, Nick deslizou uma das mãos pela frente do corpo dela, moldando-lhe as curvas, erguendo a bainha da camisola. Então estava tocando na sua pele nua e Jenna arqueou o corpo no

momento em que ele deslizou dedos mágicos por baixo do elástico da sua calcinha.

Ele tocou seu centro do prazer, inseriu dedos em seu calor, e instantaneamente, ela explodiu, balançando os quadris com a força de um orgasmo que a abalou de forma violenta. Sussurrando o nome dele, Jenna o abraçou com força, até que os últimos tremores a percorressem. Então relaxou contra Nick, sem forças. Ele a pegou nos braços e carregou-a para o quarto dela.

Agarrada a ele, Jenna deslizou as mãos pelas costas largas, pelo peito esculpido, e quando Nick arfou, ela sorriu no escuro, satisfeita em saber que o afetava tão profundamente quanto ele a afetava.

Em momentos, estava sobre sua cama, olhando-o enquanto ele removia o jeans e se aproximava. No instante seguinte, Nick se livrou de sua camisola e de sua calcinha de renda, jogando as duas peças de lingerie no chão.

Desde o segundo que ele tinha entrado em sua casa, sem ser anunciado, Jenna quisera isso. Ficava acordada durante a noite, ansiando por Nick, e agora que ele estava lá, ela não tinha intenção de negar seu desejo. No entanto, por tudo que sabia, aquele era o jeito de Nick se despedir. Talvez ele estivesse se aprontando para partir, para voltar ao seu mundo.

E se este fosse o caso, então ela queria esta última noite em sua companhia. Queria senti-lo sobre si e ao seu redor. Queria fitar aqueles olhos azul-claros e saber que, pelo menos por aquele momento, ela era a coisa mais importante no mundo para ele.

O destino se encarregaria do amanhã.

Nick se posicionou entre suas pernas e acariciou seu centro feminino agora muito sensível. Ela gemeu baixinho, apartou mais as pernas e balançou os quadris num convite silencioso. Tudo que queria era sentir o deslizar do corpo forte e poderoso para dentro do seu. Abraçá-lo em seu interior.

Então ele estava lá, possuindo-a, roubando-lhe o fôlego com as investidas firmes de seu corpo. Nick a amou da maneira mais primitiva e íntima. E Jenna deu tudo que possuía. Suas mãos passeavam ao longo das costas largas, suas unhas se enterravam na

pele bronzeada. Suas pernas abraçaram os quadris másculos e exigiram maior profundidade.

Quando Nick abaixou a cabeça para beijá-la, ela abriu os lábios e encostou a língua na sua numa dança erótica que ia além da paixão, além do desejo, causando-lhe a incrível sensação de que havia nascido para estar sempre ali.

Ele afastou a boca, olhou-a com intensidade e disse com um gemido:

— Jenna... eu preciso de você.

— Você me tem — respondeu ela, então arqueou a coluna no momento que um clímax explosivo atingiu os dois. Abraçando-o com força, Jenna chamou o nome dele enquanto onda após onda de prazer a percorria. Ela sentiu a liberação de Nick tanto quanto sentiu a sua. Segurou-o quando o corpo másculo tremeu com um poder impressionante.

Parecia que o prazer nunca iria acabar.

Parecia que eles estavam destinados a uma união pelo resto dos tempos.

Mas finalmente, de modo inevitável, o deleite foi diminuindo aos poucos, e eles permaneceram aconchegados num silêncio tão profundo que nenhum dos dois sabia como terminá-lo.

NICK TINHA partido quando ela acordou.

Não realmente partido. Sua sacola de lona ainda estava num canto da sala, portanto, ele não voltara para o navio. Mas não estava em lugar nenhum da casa. Aquilo não deveria tê-la surpreendido. Afinal de contas, Nick também a evitara na manhã depois da noite deles juntos no navio. Todavia, de alguma maneira, Jenna foi preenchida por uma sensação de desapontamento, enquanto questionava se ele estava deliberadamente se distanciando. Para facilitar a partida inevitável.

Com lágrimas acumuladas nos olhos, Jenna entrou em sua rotina normal de cuidar dos meninos, e tentou não se lembrar da sensação maravilhosa de ter Nick a seu lado, compartilhando tudo aquilo com ela.

Uma vez que os gêmeos estavam alimentados e vestidos, ela decidiu que também sairia de casa. De jeito nenhum, iria ficar sentada lá, esperando pelo retorno de Nick, para que ele partisse seu coração com a notícia de que estava indo embora. Jenna tinha sua própria vida, e estava determinada a vivê-la.

Prendendo os meninos em suas cadeirinhas de carro, apanhou a sacola já preparada dos bebês e sua bolsa, então deu partida no motor de seu carro.

— Não se preocupem, garotos — disse ela, olhando pelo espelho retrovisor para os espelhos que havia posicionado na frente das cadeirinhas de carro, de modo que pudesse ver os rostos deles. — Nós ficaremos bem. Papai precisa ir embora, mas mamãe está aqui. E eu nunca deixarei vocês.

Aquelas lágrimas irritantes queimaram seus olhos mais uma vez, e ela piscou freneticamente para reprimi-las. Não ia chorar. Tivera uma noite incrível com o homem que amava, e não ia se arrepender disso. Independentemente do que acontecesse.

Quando seu celular tocou, ela presumiu que fosse Maxie, até que olhou no pequeno visor e não reconheceu o número.

— Alô?

— Jenna?

— Nick — disse ela, e tentou não suspirar ao som da voz profunda e rouca sussurrando no seu ouvido.

— Você está em casa?

— Na verdade — começou Jenna, erguendo o queixo como se isso pudesse ajudá-la a manter a voz leve e despreocupada —, estou no carro. Vou levar os meninos ao Shopping e...

— Perfeito — murmurou ele rapidamente. — Tem uma caneta?

— Sim, tenho uma caneta, mas o que é isto...

— Anote um endereço.

As sobrancelhas de Jenna se arquearam com a ordem. Mas ela pegou sua bolsa, e tirou uma caneta e um bloquinho que sempre carregava. No banco de trás, Jacob estava começando a se agitar, e logo, ela sabia, Cooper se juntaria ao irmão.

— Nick — perguntou ela, com a caneta posicionada —, do que se trata isso?

— Apenas... Eu quero lhe mostrar uma coisa, e preciso que você e os garotos venham até aqui.

— Aqui onde?

— Aqui em San Pedro.

Ela quase gemeu.

— San Pedro?

— Jenna, faça isso por mim, tudo bem? — Nick parou e então acrescentou: — Por favor.

Aquilo a surpreendeu. Ela não podia se recordar de Nick *alguma vez* pedindo por favor antes. Então, enquanto ele lhe dava o endereço, ela anotou tudo. No momento que Nick terminou, Jenna franziu o cenho e disse:

— Tudo bem, nós iremos. Devo estar aí em aproximadamente meia hora.

— Eu estarei esperando.

Ele desligou antes que ela pudesse fazer mais perguntas, e Jenna olhou intrigada para o telefone antes de colocá-lo no banco ao seu lado.

— Bem, meninos, estamos saindo para ir encontrar papai. — Cooper arrulhou. — Não, eu também não sei do que se trata — ela falou para seu filho. — Mas conhecendo seu pai, pode ser qualquer coisa.

* * *

ERA UMA casa.

Do estilo das casas de Cape Cod... península ao leste de Massachussets... parecia distintamente deslocada no sul da Califórnia, mas era a casa mais maravilhosa que Jenna já tinha visto. Era enorme, e ela podia apostar que cinco de seus chalés caberiam confortavelmente lá dentro. Apesar do tamanho, parecia uma casa de família. Havia um grande gramado na frente, e quando ela saiu do carro na garagem, ouviu o som do oceano e soube que a grande casa devia ser muito perto do mar.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou-se em voz alta. Mas então o grito curto e afiado de Jacob lhe chamou a atenção, e

Jenna virou-se para tirar os filhos de suas cadeirinhas.

— Jenna!

Ela olhou para cima e observou Nick correndo ao longo do gramado na sua direção. Ele parecia empolgado, os olhos claros brilhando, os lábios curvados num sorriso amplo, a covinha profunda na face esquerda. Naturalmente, Jenna sentiu uma onda involuntária de emoção ao vê-lo, e imaginou se seria sempre desta maneira.

Deus, esperava que não.

— Deixe-me ajudá-la com os meninos — disse ele, após dar em Jenna um beijo rápido e inesperado que a deixou meio zonza.

— Hm, claro. — Ela observou quando ele rodeou o carro, abriu a porta de trás e começou a desafivelar o cinto de segurança da cadeirinha de Cooper. — Nick, o que está acontecendo? Onde estamos? De quem é esta casa?

Ele lhe deu outro sorriso de tirar o fôlego e pegou Cooper nos braços.

— Eu lhe contarei tudo assim que entrarmos.

— Entrarmos? — Terminando de soltar Jacob, ela o pegou, aninhou-o junto ao peito e fechou a porta do carro.

— Sim — replicou Nick. — Entrarmos. Vá na frente. Eu vou apanhar a sacola dos bebês e sua bolsa.

Jenna deu um passo, parou e olhou-o. Uma sombra proporcionada pelo enorme carvalho no jardim o envolvia. Ele vestia uma camiseta preta justa e aquele jeans desbotado que estivera usando na noite anterior quando eles... — *Certo, não pense nisso*, avisou a si mesma.

— Eu não posso simplesmente entrar. Não sei quem mora aqui e...

— Tudo bem — disse ele, rodeando o capô do carro, a bolsa de Jenna debaixo de um braço, a sacola dos bebês pendurada sobre este ombro, enquanto ele balançava Cooper no outro. — Entraremos juntos. Todos nós. É melhor assim, de qualquer forma.

— Do que você está falando?

— Você verá. — Nick começou a andar para a casa, e ela teve pouca escolha senão segui-lo.

O caminho da garagem até a porta da frente era alinhado com flores-de-cardeal de cores brilhantes. Mais canteiros seguiam a linha

da casa, com diferentes tipos de flores, preenchendo o ar com um perfume delicioso.

Jenna continuou esperando que o dono da casa aparecesse à porta da frente para lhes dar as boas-vindas, mas isso não aconteceu. E no momento que ela atravessou a soleira, entendeu por quê.

A casa estava vazia.

Os passos deles ecoavam nos cômodos imensos enquanto Nick a conduzia através da sala de estar, passava por uma larga escadaria, entrava num hall, e então chegava à cozinha. Jenna virava a cabeça de um lado para o outro, observando tudo, deleitando-se com o espaço, com as linhas da casa. A pessoa que projetara aquela casa sabia o que estava fazendo. As paredes eram de um rico tom de creme, e madeira escura emoldurava portas e janelas. O piso era de madeira clara, totalmente polido e brilhante. Cada cômodo parecia gritar pela presença de uma família.

Aquela casa era feita para o som de risadas de crianças. Enquanto Jenna seguia Nick de cômodo em cômodo, experimentou uma sensação de tranquilidade na casa. Como se a construção em si estivesse respirando fundo e deleitando-se ao sentir pessoas dentro de suas paredes novamente.

— Nick... — A cozinha era incrível, mas ela mal teve tempo de olhar direito quando ele a conduziu diretamente para fora pela porta dos fundos.

— Venha, eu quero que você veja isto — disse ele, dando um passo atrás, de modo que ela pudesse se mover para dentro do pátio de pedra na frente de Nick.

Uma brisa fria do oceano bateu em seu rosto, e Jenna percebeu que estivera certa... a casa era erguida sobre uma colina acima do mar. O pátio de pedra abria caminho para um gramado inclinado, cercado por árvores e flores, parecendo um jardim de chalé da Inglaterra. Além do gramado, havia uma cerca baixa com um portão que levava a degraus que conduziriam as pessoas de sorte que morassem ali diretamente para a praia.

Segurando Jacob junto ao peito, Jenna virou-se lentamente, absorvendo tudo, sentindo-se estupefata com a beleza do lugar, até

que se virou, mais uma vez para olhar o mar, brilhando com a luz dourada do sol.

Meneando a cabeça, ela olhou para Nick.

— Eu não entendo, Nick. O que está acontecendo? Por que nós estamos aqui?

— Você gosta? — perguntou ele, olhando ao redor enquanto punha a bolsa de Jenna e a sacola dos bebês no chão do pátio. — Da casa, quero dizer — acrescentou, posicionando Cooper um pouco mais alto em seu peito. — Você gosta?

Ela riu, a incerteza mexendo com seus nervos.

— O que há para não gostar?

— Ótimo. Isso é excelente — murmurou ele, indo para o lado dela. — Porque eu comprei a casa.

— Você... *o quê?*

Nick quase riu da expressão atônita no rosto dela. Deus, isso tinha valido todos os telefonemas secretos para corretores de imóveis que ele vinha dando. Valido levantar-se e deixá-la sozinha naquela manhã, para que pudesse finalizar a negociação com os antigos donos da casa.

Aquilo ia dar certo.

Tinha de dar.

— Por que você faria isso?

— Por nós — respondeu Nick, e viu o choque nas feições de Jenna por um segundo.

— *Nós?*

— Sim, Jenna. Nós. — Nick estendeu uma mão, segurou-lhe o rosto, e ficou apenas levemente desapontado quando ela deu um passo atrás, afastando-se. Ele a convenceria. *Tinha* de convencê-la. — Eu encontrei uma solução para a nossa situação — disse, prendendo-lhe os olhos, querendo que ela visse tudo que ele estava pensando, sentindo, escrito nas suas feições.

— Nossa situação? — Jenna piscou, balançou a cabeça, como se para clareá-la, e então o fitou novamente.

O vento estava frio, mas o sol estava quente. A sombra das árvores não alcançava aquele local em particular, e a luz do sol dançando nos cabelos de Jenna o fez querer envolvê-la em seus

braços. Mas primeiro precisava resolver aquilo. De uma vez por todas.

— Os meninos — Nick começou devagar, como tinha planejado. — Nós dois os amamos. Ambos os queremos. Então, ocorreu-me que a solução para isso é nos casarmos. Desta forma, nós dois os teremos.

Ela deu outro passo atrás, e, irritado já que ela não havia se animado com seu plano, Nick falou mais rapidamente:

— Nós nos damos bem. E o sexo é maravilhoso. Você tem de admitir que existe uma química verdadeira entre nós, Jenna. Nosso relacionamento daria certo. Você sabe disso.

— Não. — Ela meneou a cabeça novamente, e quando Jacob sentiu a tensão na mãe começou a chorar, Nick se aproximou dela.

Falou ainda com mais rapidez, apressado em fazê-la mudar de ideia. Fazê-la enxergar como podia ser o futuro deles.

— Não negue antes de pensar sobre isso, Jenna. Quando refletir, vai ver que estou certo. Isto é perfeito. Para todos nós.

— Não, Nick — disse ela, acalmando Jacob mesmo enquanto lhe sorria com tristeza. — Isto não é perfeito. Sei que você ama seus filhos, assim como eu os amo. E fico feliz por este fato. Os gêmeos precisarão de você tanto quanto você precisa deles. Mas você não *me* ama.

— Jenna...

— Não. — Ela deu uma risada curta, olhou ao redor do pátio, para o mar, então finalmente voltou a encarar Nick. — Não importa se nos damos bem, ou se a química entre nós é maravilhosa. Não posso me casar com um homem que não me ama.

Droga. Ela o estava rejeitando, e ele nem mesmo conseguia culpá-la. Um desespero beirando ao pânico o assolou, e aquele era um sentimento com o qual Nick não estava acostumado. Ele *nunca* era aquele que lutava para convencer alguém a ficar do seu lado. Pessoas tentavam convencê-lo. Não o contrário.

Entretanto, lá estava ele, diante daquela mulher especial, e no fundo sabia que a única chance que teria com ela seria se jogasse a sua última carta.

Nick estendeu seu braço livre, passou-o ao redor dos ombros dela e a puxou para mais perto. Tão perto que os corpos deles e os

corpos de seus filhos pareciam se fundir, todos numa unidade.

— Tudo bem. Vamos fazer isso do jeito difícil então. Ora, Jenna, eu *amo* você.

— O quê? — Os olhos dela continham um mundo de confusão, dor e alguma coisa que lembrava muito esperança.

Ela não parecera tão surpresa nem mesmo quando ele tinha chegado à sua casa alguns dias atrás. Aquilo deu esperança a Nick. Se ele era capaz de tirá-la do equilíbrio, poderia vencer isto. E de súbito, Nick soube que nunca antes quisera tanto vencer; que nada em sua vida tivera esta importância. Precisava dizer as palavras certas agora. Forçá-la a ouvi-lo. A realmente ouvi-lo. E lhe dar uma chance.

Fitando-lhe os olhos, ele respirou fundo, então se preparou para o momento que nunca sonhara que vivenciaria.

— É claro que eu a amo. O que sou, um tolo? — Nick parou, fez uma pausa e acrescentou: — Não responda nada.

— Nick, você não precisa...

— Sim, eu preciso — interrompeu ele rapidamente, sentindo seu momento escorregar. Não quisera ter de admitir como se sentia. Tinha acreditado que Jenna aceitaria o casamento pelo bem das crianças, e então Nick teria tido tudo que queria sem entregar sua alma. Mas talvez fosse assim que deveria acontecer. Talvez você não conseguisse *receber* amor até que estivesse disposto a *dar*.

— Ouça, eu não estou orgulhoso disso, mas venho tentando me esconder do que sinto por você desde aquela primeira noite em que nos conhecemos, mais de um ano atrás. — Nick estudou-lhe as feições e baixou o tom de voz para sussurrar palavras que esperava que a convencessem que ele falava a verdade. — Só precisei olhar para você para me apaixonar. Nunca pretendi que isso acontecesse. Eu nunca quis. Mas não tive escolha. Você estava lá, banhada pela luz do luar, e era como se eu a tivesse esperado por toda minha vida.

— Mas você...

— Sim — murmurou ele, sabendo o que ela ia dizer. — Eu a mandei embora. Disse a mim mesmo que *queria* que você fosse embora. Mas isso era uma mentira. — Com uma risada irônica,

adicionou: — Durante todo este tempo, eu a chamei de mentirosa, quando na verdade, eu sou o mentiroso aqui. Menti para você. Menti para mim mesmo. Porque não queria estar vulnerável para você.

— Nick... — Jenna engoliu em seco e uma única lágrima rolou por sua face. Ele a capturou com a ponta do polegar.

— Teria sido muito mais fácil para mim — admitiu Nick —, se você tivesse aceitado a proposta de um casamento de conveniência. Então eu não seria obrigado a reconhecer meus sentimentos por você. Não teria de correr o risco de que você jogasse isso de volta no meu rosto.

— Eu não faria isto...

— Eu não a culparia se fizesse — disse ele. — Mas, uma vez que você não aceitou o meu plano original, então preciso lhe falar tudo. Eu a amo, Jenna. Loucamente. Completamente. Com desespero.

Novas lágrimas se acumularam, fazendo os olhos dela brilharem, e o mundo de Nick começou a se derreter. Que poder ela possuía sobre ele, sobre seu coração. Entretanto, ele não se importava mais em se proteger.

Tudo o que importava era Jenna.

— Você chega e tudo mais desaparece — continuou Nick suavemente. — Você me deu meus filhos. Deu-me um vislumbre de um mundo do qual quero ser uma parte.

Mais uma lágrima se juntou à primeira, e então outra e outra. Nos seus braços, Jacob deu um soluço, contorceu o pequeno rosto e começou a chorar fervorosamente. Sem demora, Nick pegou o bebê de Jenna e aconchegou-o em seu braço livre. Olhando para seus filhos, então para ela, disse:

— Apenas para sua informação, não estou preparado para perder aqui. Nick Falco não desiste quando quer alguma coisa tanto quanto quero você. Eu não a deixarei sair de minha vida. Nenhum de vocês.

Ele olhou para trás, a fim de ver a casa enorme, então voltou a fitá-la, enquanto traçava seu plano principal:

— Nós moraremos aqui. Você pode fazer suas cestas de presente dentro da casa em vez de na garagem. Há um excelente quarto no andar de cima com vista para o mar. Muito espaço. Muita luz direta. Seria perfeito para você e todos os seus suprimentos.

Jenna abriu a boca para falar, mas Nick continuou antes que ela pudesse:

— Pensei que, até que os meninos não estejam na escola, nós poderíamos morar metade do ano aqui, metade a bordo do navio. Isso será bom para eles. E se eles gostarem do cachorro que lhes comprei, nós o levaremos para o navio também.

— Você comprou um ca...

— Um filhote de Golden retriever — disse Nick. — É fêmea e pequena ainda, mas vai crescer.

— Eu não acredito...

As palavras continuavam saindo da boca de Nick, tropeçando uma sobre as outras enquanto ele lutava para convencê-la, batalhava para lhe mostrar como a vida deles poderia ser se ela apenas lhe desse uma chance.

— Depois que eles estiverem na escola, podemos fazer cruzeiros nas férias de verão. Eu posso administrar a linha marítima daqui, e tenho Teresa. Irei promovê-la — declarou ele com firmeza. — Ela pode fazer todo o trabalho a bordo e permanecer em contato via fax.

— Mas Nick...

— E quero mais filhos — continuou ele, e teve o prazer de ver a boca de Jenna se fechar. — Quero estar presente desde o começo. Quero ver nosso bebê crescendo dentro de você. Quero estar na sala de parto para vê-lo... ou vê-la... respirar pela primeira vez. Eu quero tudo, Jenna. Quero estar com você. Com eles. — Ele olhou para os gêmeos que segurava contra si.

Os garotos estavam começando a se contorcer, e Nick sabia como eles se sentiam. Seu próprio mundo estava equilibrado sobre um fio de navalha, e pensou que só tinha mais uma coisa a dizer:

— Não vou deixar você negar, Jenna. Nós nos pertencemos. Eu sei que você me ama. E eu a amo muito, também. Se não acredita nisso, encontrarei um jeito de convencê-la. Mas você não vai fugir de mim. Não novamente. Não ficarei sem você, Jenna. Eu não suportaria. Não voltarei para aquela vida vazia.

Os únicos sons naquele momento vinham dos resmungos fracos dos gêmeos e das ondas do mar batendo nas pedras atrás deles.

Nick esperou o que pareceu uma vida inteira, enquanto observava os olhos de Jenna.

Então finalmente ela sorriu, aproximou-se e envolveu ambos os braços ao redor dele e dos bebês.

— Você é um tolo se pensa que eu o deixaria fugir de mim novamente.

Nick riu, um som alto e longo, e sentiu quilos de medo e preocupação saindo de seus ombros.

— Você vai se casar comigo?

— É claro que sim.

— E ter mais filhos?

— Sim. — Ela sorriu-lhe, e os olhos azuis brilhavam com uma felicidade tão rica e tão intensa que roubou o fôlego de Nick. — Uma dúzia, se você quiser.

— E navegar o mundo comigo — disse ele, inclinando a cabeça para reivindicar um beijo.

— Sempre — respondeu Jenna, ainda sorrindo, ainda emitindo uma luz interna que aqueceu todo o ser de Nick. — Eu amo você, Nick. Sempre amei. Nós seremos felizes aqui, nesta casa maravilhosa.

— Seremos — ele asseverou, roubando mais um beijo.

— Mas você vai ensinar aquele cachorro a fazer as necessidades fora de casa — provocou ela.

— Por você, meu amor — sussurrou Nick, sentindo seu coração se tornar inteiro pela primeira vez na vida —, *qualquer coisa*.

VOCÊ PRECISA CONHECER!

HARLEQUIN
Desejo



CASAMENTO POR
DECRETO REAL
OLIVIA GATES

CAMINHOS CRUZADOS
KRISTI GOLD &
ANDREA LAURENCE

H HARLEQUIN®
TM

www.harlequinbooks.com.br

f harlequinbooksbrasil

t harlequinbrasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C464L

Child, Maureen, 1951-

Laços do amor [recurso eletrônico] / Maureen Child ; tradução Ligia Chabú. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Harlequin, 2014.
recurso digital

Tradução de: Baby Bonanza

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-1400-8 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. I. Chabú, Ligia. II. Título.

14-10252

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: Baby bonanza

Copyright © 2008 by Maureen Child

Originalmente publicado em 2008 por Silhouette Desire

Arte-final de capa: Ô de Casa

Produção do arquivo ePub: MT Color & Diseño, S. L.

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Contato: virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Índice

[Teaser](#)

[Querida leitora](#)

[Rosto](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Você precisa conhecer!](#)

[Créditos](#)